REVISTA DA SEMANA

N. 13 26-3-55 Cr$ 5,00 em todo o Brasil

MISS BRASIL ESTÁ MILIONÁRIA





A BAILARINA EXISTENCIALISTA, TRAZIDA POR BOB BROMLEY, É, REALMENTE, UMA OBRA-PRIMA.

ÊSTES BONECOS TÊM VIDA

NAS MÃOS DE MR. BOB (QUE FÊZ OS "MARIONETTI" DE LILI) ÊLES IMITAM OS SÊRES HUMANOS ÀS MARAVILHAS.

Texto de GIL

Fotos de ALBERTO FERREIRA




Pedrito, de todos os bonecos, é o mais conhecido. Sua simpatia já encantou o público de vários países, que, de pronto, tornaram-se fãs do títere e de suas palhaçadas.







PEÇA POR PEÇA, ELA VAI SE DESNUDANDO SOB OS ASSOVIOS ESTRIDENTES DA PLATÉIA MASCULINA.

QUEM assistiu a Leslie Caron em «Lili», tem obrigação de conhecer um dos elementos que mais contribuíram para o seu sucesso: Bob (Roberto) Bromley — o homem que conseguiu dar vida a simples bonecos de madeira e pano, transformando-os, com sua técnica, em «astros» de primeira grandeza, sem os quais a película não poderia ser realizada.

Eis que agora, depois de conhecer vários países em que «Lili» foi vista com o mesmo agrado alcançado no Brasil, Bob resolveu nos visitar, em «simples viagem de recreio», trazendo na bagagem 10 de seus mais famosos títeres. Hospedou-se no Serrador, saiu para umas voltinhas pela cidade como simples turista, e, retornando ao hotel, viu-se frente a um contrato para uma série de apresentações nesta capital, lá mesmo no «grill» do Nigth and Day.

Bromley achou que o negócio era compensador e resolveu topar de pronto a parada, mandando imediatamente desempacotar os seus famosos companheiros.

Um a um, Pedrito, Madame Obligato, Prof. Disturbi, o trapesista maluco, o violinista pau-d'água e os restantes, foram acordando, criando alma nova, recebendo novos aparatos, para serem apresentados à platéia brasileira. É de lamentar, entretanto, que o público infantil, justamente aquêle mais interessado em espetáculos de marionetes, ficasse privado de assistir aos irrequietos bonecos, visto que Bob Bromley preferiu atuar em uma buate. A carreira dêsse notável artista do cinema americano teve início quando Norman Bel Yeddes (famoso cenógrafo europeu), o convidou para participar, com seus bonecos, de um grande «show» que iria apresentar em sua próxima temporada. Por essa época, Bob era aluno do curso de arte dramática da Universidade de Yale, tendo que abandoná-lo em virtude da calorosa aceitação que recebera êsse espetáculo por parte do povo ianque. Os estúdios da Metro imediatamente requisitaram seu concurso para o departamento de miniaturas, onde são feitos os truques cinematográficos. Foi o aparecimento do **«script»** de «Lili» que proporcionou a Bromley a oportunidade de apresentar seus bonecos, frente às cameras cinematográficas.

Falando sôbre filmagens, Bob salientou:

— A princípio, Leslie Caron não compreendeu bem o sentido do filme. Meus personagens eram simples bonecos para seus olhos. Eram pedaços de pau, pintados, vestidos, sem coração, sem vida. Foi um desastre a primeira filmagem! Felizmente, em face do sucedido, a película foi novamente rodada! Aí, sim! Lili passou a chorar, a sentir, e o lôbo, a cantora sofisticada, o bobalhão, inclusive o seu grande amiguinho, todos



ÊSTES BONECOS



Depois do sucesso alcançado por «Lili», Bob Bromley tornou-se famoso da noite para o dia. Seus bonecos correram mundo até chegar ao Brasil. Ao lado, Madame Obligato, uma das principais «estrêlas» da companhia.

ganharam vida, tornaram-se sinceros, deixaram de ser bonecos.

A personificação humana que Bob Bromley empresta a seus títeres é, realmente, o seu grande valor.

Interessante é que o espectador esquece por completo que está assistindo a um espetáculo de marionetes e se deixa levar pelo enrêdo, como que participando dêle. Em Buenos Aires, o sucesso alcançado pelo marionetista foi tal, que uma emprêsa de discos fêz questão de gravar na cêra, a vida de um dos mais célebres bonecos de Bob, o Pedrito, um palhaço chorão e meio amalucado, e, que na voz de seu patrão, contava para a criançada a sua história, desde que era madeira, até o dia em que vestiu a primeira roupa de babados e pom-pons. Bob já criou para a Metro, mais de 200 personagens, que se encontram, em sua maioria, inclusive os apresentados em «Lili», nos arquivos daquele estúdio cinematográfico.

Do Rio, Bromley partirá para Copenhague, prometendo voltar, logo que possa para produzir um filme com tipos exclusivamente nacionais, e cuja «estrelinha» deverá ser a filha do atual ministro Mário Pinoti.







Bob empresta a seus bonecos tôdas as sutilezas da personificação humana. Este é o prof. Disturbi, em paródia ao conhecido pianista americano.

REVISTA DA SEMANA

ANO 55 — Nº 13 — Rio de Janeiro — 26-3-55

REDATOR-CHEFE .... Celestino Silveira
ASSISTENTE .... Wilson Barbosa
PAGINAÇÃO .... Victor Tapajós
COLABORADORES — Adalgisa Nery, Vinicius Lima, Lúcio Cardoso, Pedro Müller, Grande Otelo, Paulo de Andrade Lima, Hélio Abreu, Sérgio Silveira, Milton Salles, Aôr Ribeiro, Aldney Peixoto, Demóstenes Varela e Samuel Averbach.
ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón, Fortuna, Darel e Maria Tereza.
FOTÓGRAFOS — Arnaldo Vieira, Alberto Ferreira Lima, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

● REPORTAGENS

Êstes bonecos têm vida 2/4
Responsável o Govêrno pelo aumento do custo de vida 6/10
Um bicampeonato como poucos 13/15
Os Milagres do Padre Lima 18/23
Miss Brasil está milionária 28/29
Essas Rainhas... Essas Rainhas... ... 38/39
Em música não existe tempo para aprender 42/43
Henrique Guitart: Diploma de Esquizofrênico 50/51

● SEÇÕES

Champanhota 11
Puxe pelo cérebro 12
Literatura 16
Figurinos 26/27
Femininas 32/33
Canção do Asfalto 37
Black-Beer 41
Palavras Cruzadas 41
Astrológica 44
A «Revista» há 50 anos 48
Política 49
Último Flash 52
A Figura em foco 53

● LITERATURA

As Eternas Belezas (Adalgisa Nery) 5
O Sonho e a Verdade (Marques Gastão) 24/25
Fátima — Revelação dos Três Pastôres 30/31

● HUMORISMO

Fortuna 54/55

● CAPA

Marta Rocha (Foto N. Viana)

● CONTRA-CAPA

Padre Donizetti Lima (Foto Vinicus Lima)

Êste número consta de 56 páginas



Desenho de MARIA TEREZA

As eternas belezas

● As harmonias da vida em todos os seus aspectos mais profundos, estão sempre presentes aos nossos olhos. Vivemos constantemente na contemplação da divina beleza. A visão estética nutre e eleva com a mesma fôrça da visão fornecida pela fé, pela arte e pela ciência. O mundo biológico é uma única arquitetura; é um organismo de correspondências, de apurações e de equilíbrios perfeitos. Todos os compostos orgânicos se constroem com elementos que, na grande mobilidade das construções químicas da vida, circulam como uma corrente pelos corpos comunicantes como patrimônio comum, recebendo para transformar de acôrdo com a sua expressão, o desenvolvimento do universal.

● Êste pensamento me veio quando olhava com extrema atenção para uma planta que se movia alegre sob o pé de uma chuva mansa e melancólica. O maravilhoso alquimismo das suas fôlhas verdes começando a transformar a matéria morta em matéria viva, captando e armazenando energias advindas da grande fonte — a terra — parecia acumular riquezas para o patrimônio que entra sempre em circulação por meio da transfusão dos elementos entre a vida vegetal e a vida animal. Enquanto a planta possui poderes construtivos e desempenha a função de fazer crescer a massa de produtos orgânicos do planêta, os animais vivem da destruição dêsses produtos. A planta produz, o animal consome; são duas máquinas com missões opostas e inversas. Os dois juntos completam o equilíbrio. Sempre, desde menina me senti mais planta do que animal. Sempre amei as árvores, as raízes, os troncos e nunca me foi possível encontrar nos animais nenhum entendimento. Talvez tenha recebido no silêncio daquela planta a explicação para a minha inquietação constante. Talvez ela me tenha dito porque eu não me gosto e porque tanto pouco caso faço em mim mesma. Sou o animal que destrói.

● Por isso me alegro tanto com a vinda das chuvas e do orvalho. Compreendo agora porque a minha alma é feliz com as águas. Por coincidência sou animal, porém o meu destino era o de ser planta. As grandes tempestades lavam os meus ímpetos e acalmam a minha agressividade. A inquietação tenebrosa em que me debato está esclarecida na nostalgia que me arrebata quando olho a raiz de uma árvore, ou me recolho sob a sua sombra amiga. Tenho alma vegetal com corpo animal. Graças àquela planta de nome desconhecido banhando-se na garoa da chuva, encontrei o sinal do meu desajustamento, porém isso me fêz desprezar ainda mais os animais e aceitar com humildade, os elogios e as lágrimas que me são trazidas pelos meus semelhantes.

ADALGISA NERY

Sereno e de pijama, Pantaleão acusa:

RESPONSÁVEL O GOVÊRNO PELO AU

«DE MUITO POUCO VALEU O MOVIMENTO DE 24 DE AGÔSTO» ★ «ÚNICO ATO CORAJOSO DÊSSE GOVÊRNO: DEMISSÃO DO PRESIDENTE DA «COFAP» EM BENEFÍCIO DO AUMENTO DA GASOLINA» ★ DERROTADO NA BATALHA DOS PREÇOS, MAS VITORIOSO NO CONCEITO PÚBLICO ★ CERCADO DA SOLIDARIEDADE GERAL, TRANQÜILO E SEM RECALQUES, O GENERAL PANTALEÃO PESSOA FALA FRANCAMENTE À «REVISTA DA SEMANA»

Reportagem de **JOSÉ MARIA NEVES**

Fotos de **ALBERTO FERREIRA**

"Servirei a êste Govêrno com o maior entusiasmo porque êle fêz renascer a confiança do povo brasileiro nos destinos do Brasil, mediante drástica reforma nos costumes administrativos" — declarou o general Pantaleão Pessoa ao assumir a presidência da COFAP, em 16 de setembro do ano passado, quando recebeu das mãos do coronel Hélio Braga o pesado encargo que lhe atribuiu o sr. Café Filho.

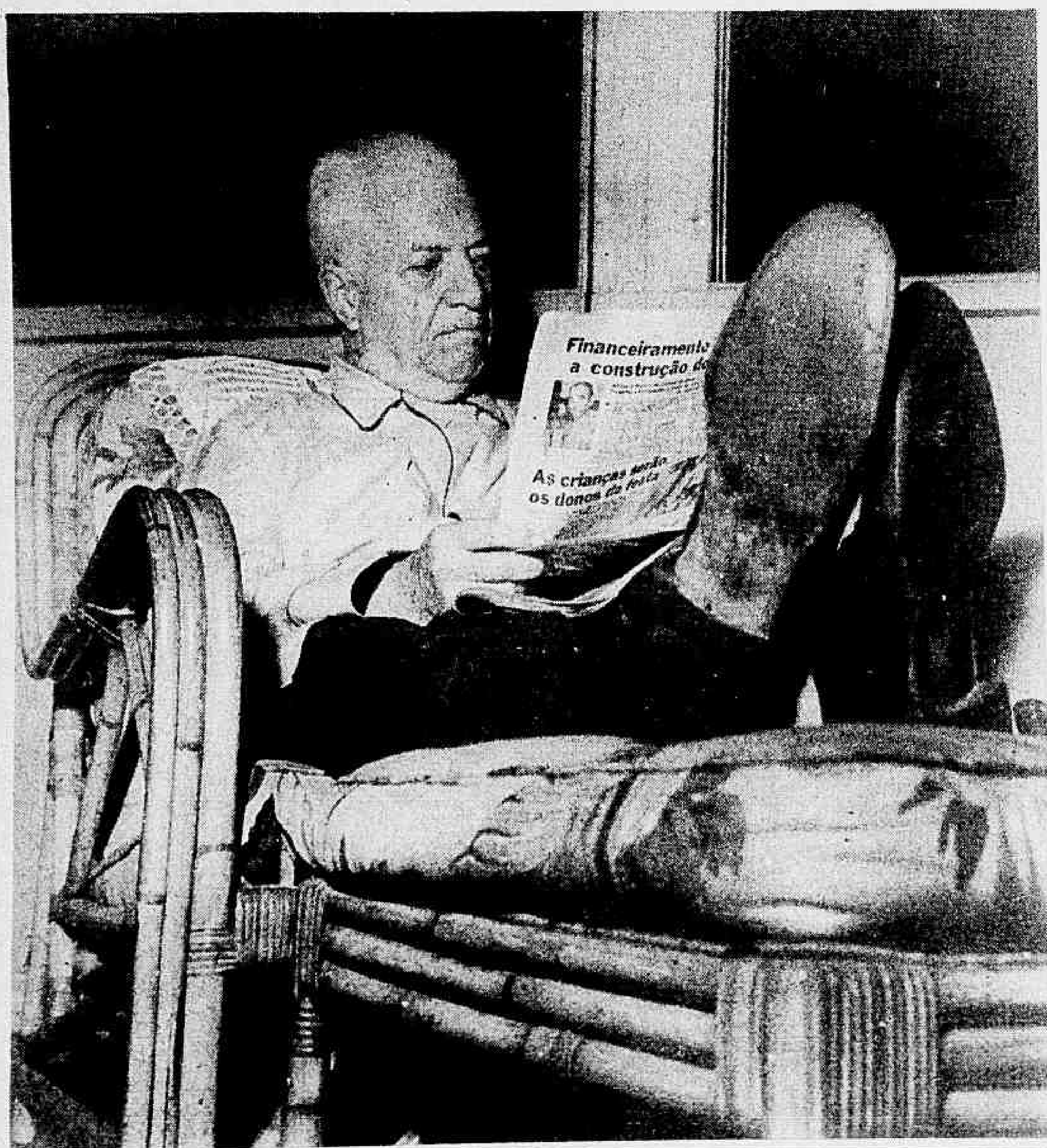
QUASE seis meses após, depois de uma série de acontecimentos que fizeram projetar o seu nome pelos quatro cantos do mundo (o assunto petróleo interessa a todos os povos), o mesmo general, na simplicidade do seu lar e rodeado do carinho de sua dedicada companheira de quase meio século e dos filhos do casal, declarou incisivo a êste repórter ao responder a uma pergunta que lhe havia formulado:

— De início, acreditei que êste govêrno fôsse, realmente, revolucionar os métodos administrativos em nosso país. E nem era para menos. Com um Ministério onde figuravam nomes como Seabra Fagundes, Lucas Lopes, Eduardo Gomes, Juarez Távora e tantas outras respeitáveis figuras de nossa política, qualquer brasileiro bem intencionado só poderia se sentir orgulhoso e entusiasmado. E foi assim que eu decidi cooperar com o sr. Café Filho, dando ao seu govêrno a minha modesta colaboração. Infelizmente, o desencanto veio mais cedo do que eu esperava. Vi, desde logo, que retornaríamos ao passado, ou seja, aos métodos até então postos em prática. Faltou pulso forte ao comandante-em-chefe e a esquadra começou a se desgovernar.

— Quer V. Excia., dizer, general, que foi em vão o 24 de agôsto?

— É muito difícil responder à sua pergunta. Só mesmo diante de grandes atos do atual govêrno é que eu poderia dizer que o sacrifício do ex-presidente Vargas valeu a pena... Na rotina, realmente, sente-se que há intenção de melhorar alguma coisa. Do ponto de vista de energia do atual govêrno, o ato marcante, até agora, foi exatamente a demissão do presidente da COFAP e dos membros do Conselho daquele órgão, porque acharam que não deveriam estar contra o povo.

Aí está, leitores, refletido fielmente o estado de espírito em que se encontra o ilustre general Pantaleão Pessoa. Não houve interêsse de nossa parte de aumentar, sequer, uma virgula nas declarações que nos prestou o ex-presidente da COFAP. Aliás, diga-se que S. Excia., fala sôbre o assunto com a simplicidade e naturalidade de quem se sente perfeitamente à vontade, com a consciência tranqüila e a certeza de ter cumprido com o seu dever. Não foram declarações apressadas, estas que transcrevemos, o que seria natural se o ouvíssemos em ocasiões



Agora poderá prestar maior atenção ao noticiário dos jornais. Muitos o combateram, outros preferiram abrir-lhe um crédito de confiança. Está certo ou errado?

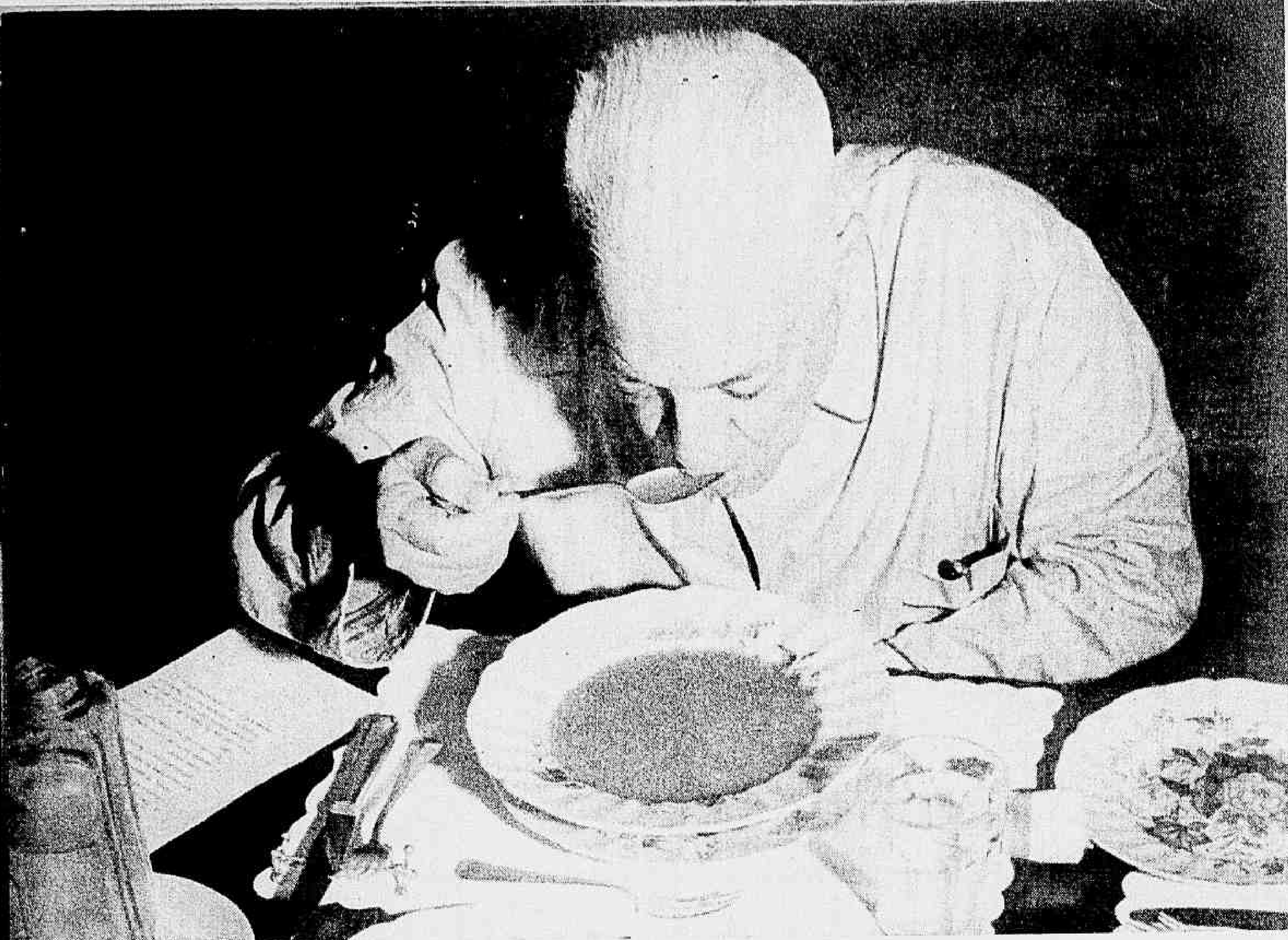


Pantaleão foi companheiro de Olavo Bilac na campanha cívico-militar pela obrigatoriedade da prestação do serviço militar, o que demonstra a sua personalidade.

MENTO DO CUSTO DE VIDA"



Quase octogenário, o general Pantaleão Pessoa, nem por isso, demonstra cansaço. E' homem de grande atividade e sempre está de bom humor. Têmpera dos gaúchos?



O primeiro almôço do general derrotado na batalha dos preços. Há muito que Pantaleão não fazia uma refeição com o espírito tão calmo. Foram seis meses de luta árdua em defesa do povo, tão escorchado pela ganância dos «tubarões». Perdeu.

"OS DIAS VINDOUROS HÃO DE

em acabar com o registro de imóveis, nem considerá-lo em choque com o regime, porque êle tenha impugnado atos de ministros ou maiores autoridades. Nem se pensará em demitir um fiscal de rendas que impugne sonegações ou outras falhas de uma declaração feita por alta autoridade. O que é preciso é desistir do contrôle, contenção ou baixa de preços, quando o próprio govêrno fôr, como é o caso do que aí está, colaborador da alta do custo da vida ou apenas inclinado à majorações intangíveis.

Aproveitamos o momento que se nos apresentava e lançamos à queima-roupa esta pergunta: «Foi esta a primeira vez, general, que o govêrno fêz pressão sôbre V. Excia., para decidir sôbre determinado assunto?

— Nunca sofri pressão do govêrno para decidir sôbre qualquer assunto — disse-nos e acrescentou:

— Sempre tive por norma cumprir o dever salvaguardando a autoridade de que todos nos valemos. Acho que não agradaria ao govêrno um auxiliar que só se mexesse sob pressão, nem conviria a um homem de probidade viver pressionado para cumprir seus deveres.

impróprias, como, por exemplo, quando estêve sempre assediado por um batalhão de repórteres a lhe formular as mais disparatadas perguntas. Não. A nossa palestra se dividiu em duas etapas e se prolongou por mais de duas horas cada uma delas.

CENTENAS DE TELEGRAMAS DE SOLIDARIEDADE

A residência do general Pantaleão Pessoa, à rua Senador Vergueiro, no Flamengo, transformou-se de um momento para o outro em centro das atenções gerais. Não só pessoas de suas relações de amizade o procuraram para hipotecar solidariedade. Algumas dezenas de populares mais exaltados não se conformaram em prestar homenagens ao velho cabo de guerra por meio de telegramas e telefonemas como o fizeram centenas de outros. Foram ao encontro do general, em sua própria residência. Assim é que, desde o primeiro dia do seu afastamento da COFAP, S. Excia. tem recebido a visita de desconhecidos que apenas pretendem abraçá-lo e dizer-lhe, de viva voz, palavras de carinho. O general, conforme observamos, passou por momentos verdadeiramente emocionantes. Senhoras do povo, algumas em companhia dos filhos maltrapilhos, chegaram a chorar quando se defrontaram com o ex-presidente da COFAP. E o general, homem por demais emotivo, não conteve as lágrimas.

— General, o sr. hoje, está em nosso coração. Soube honrar as tradições de honestidade e lealdade do homem dos pampas — foram palavras de uma filha do Rio Grande do Sul, ao abraçar-se, em prantos, com o general, que, aliás, também é gaúcho.

SOLIDARIEDADE DE ORGANIZAÇÕES DE CLASSE

Seria impraticável enumerar a procedência do grande número de telegramas que recebeu o general Pantaleão Pessoa. Somam-se às centenas. Podemos, entretanto, dizer que procedem de todos os recantos do país e são firmados não apenas por populares mas, principalmente e em grande número, por representantes de organizações classistas. Por exemplo, a maioria dos presidentes das COAP, nos Estados, solidarizou-se com o general. Prefeitos, governadores de Estados, representantes de associações religiosas, também se solidarizaram com o ex-presidente da COFAP. Quando pedimos à espôsa do general Pantaleão, sra. Corina de Abreu Pessoa, que posasse para uma foto segurando o maço de telegramas endereçados ao seu espôso, o militar, que assistia à cena, disse:

— Eu nunca pensei que meu nome estivesse tão difundido por êsse Brasil afora. Agradeço isso à imprensa, a êsses moços que fazem os jornais diários o que em nenhum instante da minha administração me abandonaram. Diàriamente estavam comigo, procurando saber das novidades, ao mesmo tempo que me estimulavam a lutar contra os exploradores da bôlsa do povo. Gente de fibra, sem dúvida, êsses repórteres...

SEGUNDA ETAPA DE UMA ENTREVISTA DE 48 HORAS

Deixamos cessar um pouco o movimento na residência do general para ali retornarmos com o objetivo de concluir a nossa reportagem, iniciada um dia antes. Nessa ocasião entramos mais profundamente no mérito da questão, isto é, procuramos colhêr impressões do general sôbre vários assuntos referentes ao órgão que tão acertadamente dirigiu durante 6 meses. Assim é que lhe perguntamos se quando aceitou a responsabilidade do cargo, o havia feito convencido de que a COFAP podia oferecer resultados práticos para o país, ao que S. Excia., respondeu:

— Sim. Não se compreenderia que eu aceitasse um cargo convencido da sua inutilidade. A COFAP é uma conseqüência das restrições decorrentes da segunda guerra mundial. O Brasil ainda não conseguiu restabelecer a sua normalidade econômica e, assim, as restrições da Lei 1.522, de 26 de dezembro de 1951, ainda têm cabimento.

— E agora, depois de tudo o quanto aconteceu, acha que a COFAP, na atual conjuntura, pode ter realmente a utilidade que se lhe atribui?

— A COFAP, como órgão de previsão e como regulador do abastecimento, tem e terá a utilidade que lhe foi atribuída. No caso do preço ela deve desaparecer, gradativamente, com as liberações experimentadas, educativas. Nesse aspecto não há nada que, em tempos normais, substitua a velha e falada lei da oferta e procura.

«O GOVÊRNO ESTIMULA A ALTA DO CUSTO DA VIDA»

Procurando saber do general Pantaleão se acredita que a COFAP pode ter ação desembaraçada sem se chocar com o regime normal em que vive a Nação, quisemos, na realidade, levar S Excia., a se pronunciar sôbre o «caso» que criou para o govêrno, com a sua desassombrada atitude negando o aumento da gasolina. Sem se perturbar, o general assim nos respondeu:

— Acredito. A COFAP é uma lei perfeitamente constitucional e exeqüível num ambiente de compreensão democrática. Ninguém pensará



Após sua demissão, o general recebeu a solidariedade de seus camaradas. O cel. Orestes Gomes da Silva foi abraçá-lo.



De Belo Horizonte, veio especialmente um membro da COAP solidarizar-se com Pantaleão. «Minas está com V. Excelência».

MOSTRAR COM QUEM ESTÁ A RAZÃO, SE COMIGO OU COM O SR. MINISTRO EUGÊNIO GUDIN! "

«JÁ ESPERAVA A MINHA DEMISSÃO»

Curioso para quantos estiveram com o general Pantaleão Pessoa, no dia imediato ao da sua demissão, foi o fato de estar S. Excia., sempre sorridente, demonstrando um bom-humor que nos despertou a atenção. A todos o militar recebia com um sorriso nos lábios, como se conhecesse de longos anos as pessoas que o visitaram. Só no primeiro dia teve o cuidado de preparar-se para recebê-las. Depois, deixou-se ficar mesmo à vontade, de paletó de pijama, descuidando, inclusive, de alinhar os cabelos brancos, que agora passaram a emprestar à sua figura austera maior respeito. Foi pensando em tudo isso que perguntamos a S. Excia., como recebera o ato do govêrno, demitindo-o. Eis a resposta:

— Recebi muito bem porque a esperava. Desde que surgiu o problema dos preços dos combustíveis líquidos, percebi o pouco interêsse de pessoas impressionáveis, ante as lamúrias do ministro da Fazenda. Se a pobreza de imaginação e a pouca objetividade das alegações ocupava o lugar do bom senso, era lógico somar essa circunstância e poder, ao tamanho da autoridade. Daí a demissão.

Como o problema interessou inclusive as classes armadas, que agora, mais do que nunca, estão dispostas a assegurar a necessária tranqüilidade às populações civis, indagamos do general se havia recebido solidariedade do Exército ou, pelo menos, de alguns colegas de farda.

— Recebi algumas demonstrações de solidariedade de antigos camaradas e amigos.

Percebemos que o general Pantaleão preferiu não se estender na resposta, naturalmente procurando não revelar nomes e posição dos «amigos e camaradas» que com êle se solidarizaram.

UM POUCO DA VIDA DO GENERAL QUE FOI DERROTADO NA BATALHA DOS PREÇOS

Mas, aproveitamos a deixa e demonstramos o desejo de conhecer alguma coisa da vida do nosso entrevistado. Alguém, ao nosso lado, saiu-se com esta blague que provocou bons momentos de humor ao general Pantaleão:

— O «Panta» — assim é conhecido na intimidade o ilustre militar — tem uma vida atribulada. Foi muita coisa nesse Brasil. Uma, todavia, êle jamais pretendeu ser: o general que foi derrotado na batalha dos preços!

— É, realmente, êsse título não me agrada. Veja, por exemplo, o que fui em meu país: tenente da campanha de Olavo Bilac pela instituição do Serviço Militar Obrigatório; servi com os saudosos generais Bento Ribeiro, Pedro Bittencourt, Augusto Sisson e Monteiro de Barros; tenho 4 filhos nascidos em quatro guarnições diferentes; fui chefe do Estado-Maior de uma Divisão de Cavalaria com a maior parte da responsabilidade pela neutralidade federal na revolução gaúcha de 1923 visando a depor Borges de Medeiros; fui o organizador e primeiro comandante do Grupo Escola de Artilharia; fui chefe do Estado Maior do Exército de Leste na revolução constitucionalista de 1932, sob o comando do brilhante chefe, general Góis Monteiro e, por fim, fui chefe do Estado Maior do Exército.

Como perguntássemos se foram apenas essas as comissões que exerceu, levando em conside-



A casa de Pantaleão, no Flamengo, encheu-se de povo. Os repórteres não o deixaram sossegar durante sete dias.



A todos falou e prestou as informações solicitadas. Gestos largos, calmo e preciso, comentou detalhes de sua demissão.



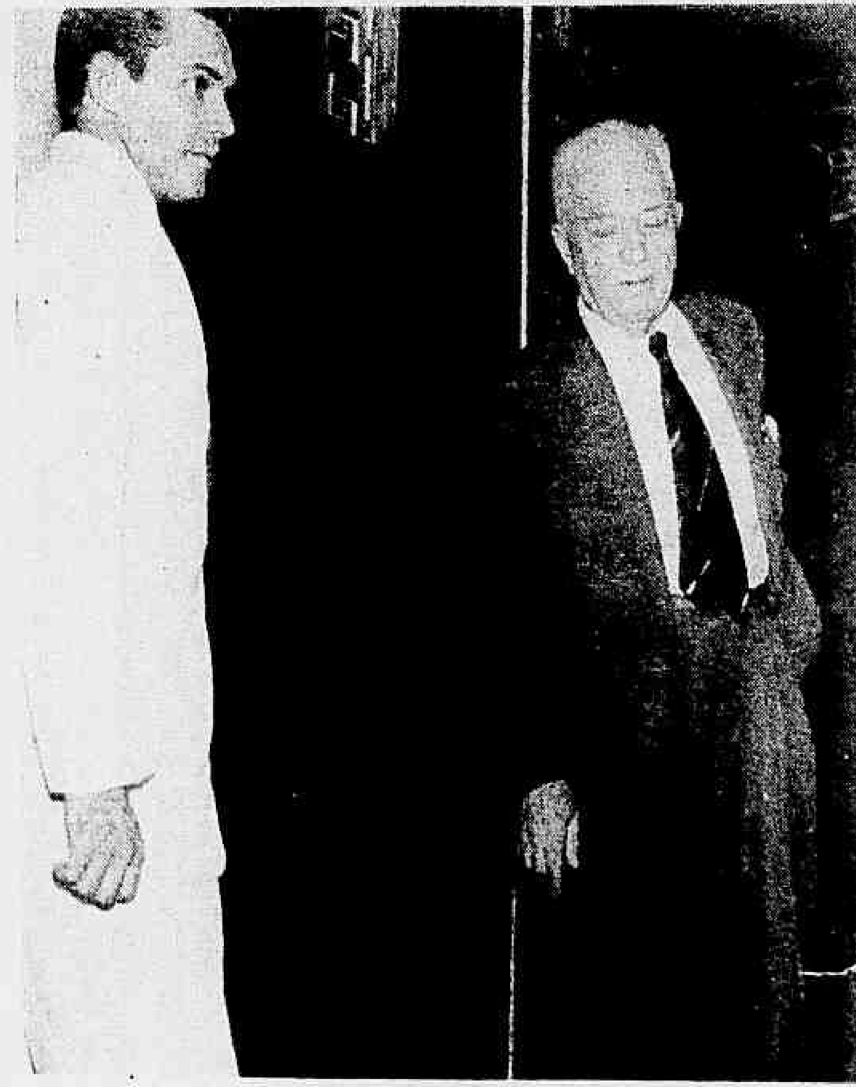
Grande número de funcionários foi a residência de Pantaleão abraçá-lo. O general sentiu-se confortado com êsse gesto.



«Êles pensam que me fizeram mal. Sabe lá o que é a gente ter que lutar com um polvo faminto que quer devorar tudo?»



Cunhado e amigo íntimo do ex-presidente da COFAP, o general Ciro de Abreu com êle se solidarizou demitindo-se do SAPS.

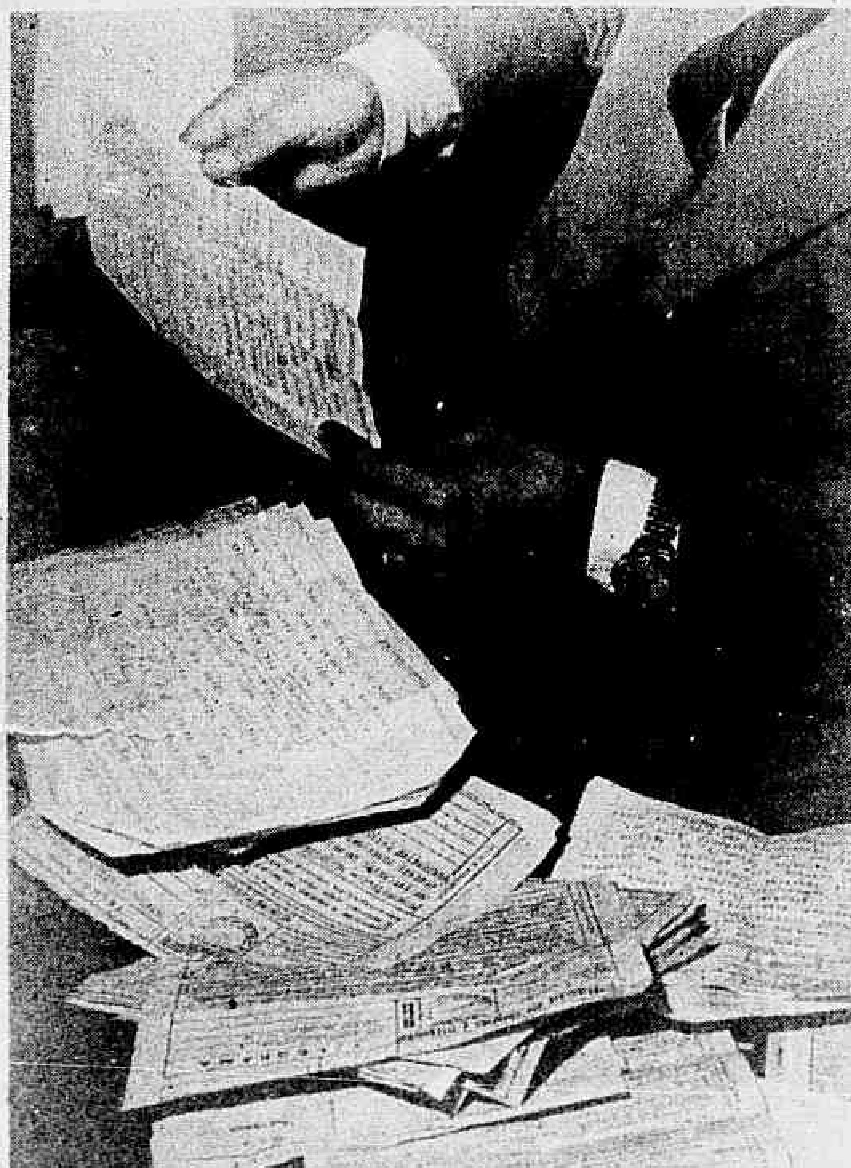


Pela última vez, o general Pantaleão deixa o elevador que o transportava diàriamente até o terceiro andar da ABI.

O POVO FICOU DO LADO DE PANTALEÃO


Dona Corina Abreu Pessoa, espôsa de Pantaleão, surpreende-se com a popularidade do general: «Telegramas de todo o país».


A filha do ilustre militar auxilia a responder a correspondência. «Sou a sua secretária particular e a maior fã».



ração o seu prestígio no Exército, pois poderiam ser mais numerosas, aduziu o general Pantaleão:

— Essas são as que eu reputo de maior significação. Fui, também, adido militar, interventor no Estado do Rio e chefe da Casa Militar da Presidência da República.

Intrigou-nos o fato do general Pantaleão, ao fazer referência ao detalhe de que fôra até chefe da Casa Militar da Presidência da República ter omitido, deliberadamente, em que período isso se verificou. Com pessoas de suas relações de amizade, todavia, fomos encontrar a explicação que desejávamos. É que isso se deu exatamente no período da revolução constitucionalista, entre 1932 e 35. Como houvesse discordado do golpe de 37, conforme foi dito acima, não quis referir-se ao nome do presidente Getúlio Vargas, a quem servira no período anterior.

A CAMPANHA CÍVICO-MILITAR DE OLAVO BILAC

Demonstramos interêsse em conhecer detalhes da famosa campanha cívico-militar promovida por Olavo Bilac. Não foi necessário insistir, pois o general, que fôra um dos ardorosos auxiliares do poeta, na referida campanha, prontificou-se desde logo a satisfazer a nossa curiosidade. E começou assim:

— Eu era professor na Escola do Realengo. Lembro-me, até, que dessa turma faziam parte os generais Canrobert Pereira da Costa, Alcio Souto e muitos outros ilustres militares. Foi ali que, tendo ciência da campanha de Olavo Bilac, comecei a auxiliá-lo. O entusiasmo foi tão grande que, logo depois, escolhiam-me para promover um banquete com que o Clube Militar deveria homenagear o poeta pela sua brilhante idéia. Incumbiram-me, inclusive, de convidar o conde Afonso Celso e o saudoso Carlos de Laet. Fui encontrá-los numa associação católica. Êles declinaram do convite, alegando que não poderiam prestigiar uma campanha que contrariava os seus fundos ideais sôbre a monarquia. Desculparam-se, acharam que era louvável a minha atitude, mas que lhes perdoasse. Ainda tinham razões para se considerarem alheios a essas iniciativas. Fui, depois disso, ao Rio Grande do Sul trabalhar pela recepção a Olavo Bilac e pela propaganda que fêz no interior. A receptividade à sua iniciativa de criar o Serviço Militar Obrigatório em todo o país foi imensa.

— Sabe o general, por acaso, dizer como Olavo Bilac encontrou inspiração para tão importante iniciativa?

— Foi nas rodas de literatos. Sentiu êle a necessidade de dar aos jovens maior responsabilidade. Achava que não bastaria, apenas, o sentimento de patriotismo que aprendiam nas escolas. Tornava-se necessário inculcar mentalidade militar a fim de que um dia, se necessário fôsse, êsses jovens soubessem defender a sua pátria de uma agressão por parte do inimigo. E a idéia encontrou maior repercussão por ocasião de um discurso que Bilac pronunciou na Faculdade de Direito de São Paulo. Êle próprio se surpreendeu com o sucesso obtido.

AS MISSÕES MILITARES NO BRASIL

Há muito desejávamos perguntar a um militar experimentado qual o resultado prático das missões militares no Brasil. Aproveitamos o ensejo de estarmos em presença do general Pantaleão, já que falávamos sôbre a sua vida na caserna, e abordamos o assunto. Inicialmente perguntamos o que achava dos resultados da missão francesa.

— Os resultados foram bons. A primeira missão francesa foi a que se encarregou da transformação técnica do Exército Brasileiro, antes da grande guerra. Isto, aliás, foi o resultado de uma campanha feita no Brasil pelos oficiais que foram arregimentados na Alemanha e que, aqui chegando, fundaram a revista «A Defesa Nacional», onde foram publicados sucessivos artigos a respeito da necessidade do aprimoramento técnico dos nossos soldados. Lideraram êsse movimento os generais Bertoldo Klinger, Euclides Figueiredo, Estevão Leitão de Carvalho, Joaquim de Souza Reis e outros.

Indagamos do general qual o método que preferia, se o francês ou o americano. Disse-nos:

— O nosso Exército recebeu a influência dos métodos franceses até quase o final da segunda guerra mundial. Daí por diante, como tivemos participação ativa no combate, ao lado dos norte-americanos, era lógico que adotássemos o seu método, mesmo porque o armamento moderno exigia um adestramento à sua moda. Não faço diferença entre os dois métodos. Ambos tiveram a sua época.

— E qual foi a maior figura do militar com quem V. Excia., lidou?

— Como lutador pelo aperfeiçoamento do Exército, na época em que era preciso romper com os métodos e hábitos que nos vinham acompanhando há longos anos, desde o fim da guerra do Paraguai, a grande personalidade com quem lidei foi, sem dúvida, Bertoldo Klinger. Mais tarde, surgiram outras figuras, a de Genserico Vasconcelos e Góis Monteiro, brilhante aluno daquele, sendo, mesmo, o seu mais fiel seguidor.

PRÊSO E PERSEGUIDO PELO GOVÊRNO

Um detalhe dos mais importantes na vida do general Pantaleão, por êle próprio reconhecido, prende-se à sua atitude, única, aliás, no Exército, ao discordar de seus camaradas por ocasião da implantação do Estado Novo. Deixemos o general com a palavra:

— Fui reformado administrativamente em 1937 por não concordar com a missão aceita para o Exército segundo a Constituição outorgada. Tive carreira feliz, sempre trabalhei com intensidade pouco comum, entretanto, também encontrei obstáculos para levar a têrmo meus propósitos, embora fôssem êles justos e honestos. Estive prêso diversas vêzes, sempre por questões políticas, embora não tenha aptidões nem para conspirador, nem para político. Ideais de solidariedade, propósitos de restauração moral, ideais de eficiência para a defesa militar, por vêzes, levaram-me até suspeitas ou reações. Depois de general de Divisão estive prêso 4 dias, ao ser reformado, 43 dias num alpendre do Quartel da Polícia (o mesmo lugar ocupado por Pedro Ernesto, segundo me constou) e mais de seis meses detido em minha residência, apenas para satisfazer capricho e abuso de uma autoridade inconsciente. Não há quem possua solicitações minhas, diretas ou indiretas, no sentido de obter complacência ou qualquer favor.

OS DOIS «PANTA» DO EXÉRCITO

Os mais íntimos do general lembraram ao repórter um fato singular de sua vida na caserna e que se prende aos dois «Panta» do Exército. Pedimos ao general que se referisse a êle.

— Em tôda a minha carreira tive manifestações resultantes da confusão com o meu amigo, também general de Divisão, Pantaleão Teles Ferreira. Êste foi um excelente soldado, inteligente e enérgico, descendente de família militar. Até hoje encontro quem me confunda com o saudoso camarada e, com certeza, êle também enfrentou situações semelhantes. Realmente, na tropa, nos chamavam os dois «Panta». Éramos muito amigos e andávamos sempre juntos.

Sabemos, inclusive, por informações de pessoas ligadas ao general Pantaleão, que êle e o seu homônimo eram tidos no Exército como exemplos de lealdade e bravura. Os seus nomes eram pronunciados com respeito pelos demais camaradas. O general, como é obvio, preferiu não comentar o assunto.

Durante as palestras que mantive com o general Pantaleão Pessoa fiquei sabendo que S. Excia. vive exclusivamente dos proventos que recebe do Exército. Não é fazendeiro, criador de gado, nem latifundiário, como se divulgou. Segundo me disse, a fazenda (!) que possui em Vargem Alegre foi adquirida por sua espôsa em 1938. Não é bem fazenda, pois lhe custou cêrca de 100 mil cruzeiros. Adquiriu-a com o único objetivo de nela residir, a fim de se afastar do Rio, das perseguições políticas que lhe eram feitas. Não tem mais que 200 cabeças de gado.

Telegramas, aos milhares, foram passados por autoridades e associações de classe solidarizando-se com o general.

UM GIRO EM SOCIEDADE

O SAMBA TOMOU CONTA DE PUNTA DEL ESTE

PETER

EM Punta Del Este toca-se mais samba do que qualquer outra música. Mas, hoje, falaremos da feijoada que nos foi oferecida por Mozo Fernandez, um simpático e jovem senhor da sociedade uruguaia e o sr. Carlos Alfredo Maia de Castro. Como tôda boa feijoada carioca, marcada para a uma, começou depois das quatro. A pedido, Elizete Cardoso deixou a «boite» às seis, dançando conosco na «Tromba», onde toca Ari Barroso, e seguiu diretamente para as panelas do «Stromboli», onde teria lugar o alimentício acontecimento. Sob orientação de Elizete, o mestre cuca preparou excelente feijoada e arroz de forno. Depois houve muitos brindes e cantorias, nas quais tomaram parte os uruguaios e argentinos que haviam sido convidados. Alguns sabiam as letras dos sambas melhor do que nós brasileiros.

★

● **Quando o almôço terminou (seis e meia), fomos pela segunda vez, à casa da sra. Tony Daymond. Trata-se da mais bonita de tôdas as casas que vimos. Fica no alto de uma pequena elevação, donde se tem uma vista fabulosa. Mário Cézare, amigo de todos, tocou na reunião. Mário Cézare já estêve no «Beguin», lembram-se?**

★

● Como à noite era despedida de Elizete Cardoso, todos os brasileiros correram à boite «Le Carroussel». E novamente tivemos um autêntico Carnaval. Depois de umas tantas horas, os músicos foram-se embora e Ari Barroso (que viera para se despedir da cantora) tomou conta do piano. Foi uma beleza de noite que terminou com uma mariscada às sete da manhã, num restaurante, em Punta Del Este, que é especialista e funciona «seven to seven». De um modo geral, registrando de uma só vez alguns dos nomes das pessoas que compareceram ao almôço, à reunião em casa da sra. Daymond e à «boite», aparecem os nomes das sras. Suzana Martins, Rodrigues Escalada, Johny Shaw, sr. e sra. Silvestre Blaquier, sra. Ferdinando Matarazzo (procurador do Conde), srta. Carla Bononi, sra. Carlos Paez Vilaro, srta. Negra Avellaneda e Marilu Avellaneda, sr. Júlio Menditeggi, famoso campeão mundial de polo (handicap 10), srta. Baby Morais Pinto (a brasileira que mais verões passou em Punta: 17), sra. Carlos Rocha, sra. Alberto Hekert, sra. Kristine Sabadini, srtas. Sylvia Baron Supervielle, Maria Rubirosa, srs. Carlos Alfredo Maia, Mozo Fernandez, Horácio Sanchez Alzaga, Eduardo de Azevedo, Jorge Merdiondo, Alfredo Souza, Roberto Beherens e Carlos Cat.

★

● **Hoje, véspera do desfile, diz o jornal uruguaio, «El Bien Público», que «Hoje, o San Rafael se vestirá de gala para receber o seu «pont d'argent», que se espera com tanto interêsse. Temos visto em particular o desfile e podemos vaticinar para esta noite e sucessivas um êxito sem precedentes. Não sabemos o que mais admirar se a beleza das modelos, se a dos vestidos que vimos passar. E' um conjunto admirável que produzirá sensação no desfile que prevemos será triunfal».**

★

● Terminada a feijoada, Elizete que já nos deliciara com a sua culinária, resolveu cantar, tantos foram os pedidos. Um senhor uruguaio pediu a ela que cantasse «Vingança». Quando Elizete Cardoso terminou, êle virou-se para a espôsa e disse, fazendo «blague»: «Vá rolar suas pedras, que eu fiquei apaixonado por Elizete».

★

● **Em Punta Del Este, os casais João Vítor Alencastro Guimarães e Adolfo Cláudio (mais elegante) da Graça Couto receberam um telegrama do Rio, do sr. Gustavo Magalhães, convidando-os para comparecer ao jantar que êle oferecia à Ginger Rogers.**

★

● Foram a Montevidéu os srs. Fritz Alencastro Guimarães (negócios), Eduardo Casali (servindo de cicerone) e êste cronista (tratar papéis em Buenos Aires). O passeio foi dos mais engraçados, percorrendo a cidade, em busca de inspiração para três fantasias, nas côres vermelho e prêto, exigência do clube Médano, onde será o baile carnavalesco. Almoçamos num restaurante típico e fizemos o lanche num grande hotel, o «Plaza Victoria» que dizem ser o melhor daqui. Na volta, houve a história do homem gordo, careca e que fumava charutos. Infelizmente, não posso contá-la. Mas, que foi divertida, não resta dúvida.

★

● **Estêve em Punta Del Este, por 51 dias, o sr. Raul Santos Jacintho que veio concluir negócios em nome de um banqueiro do Rio. Missão com êxito.**

★

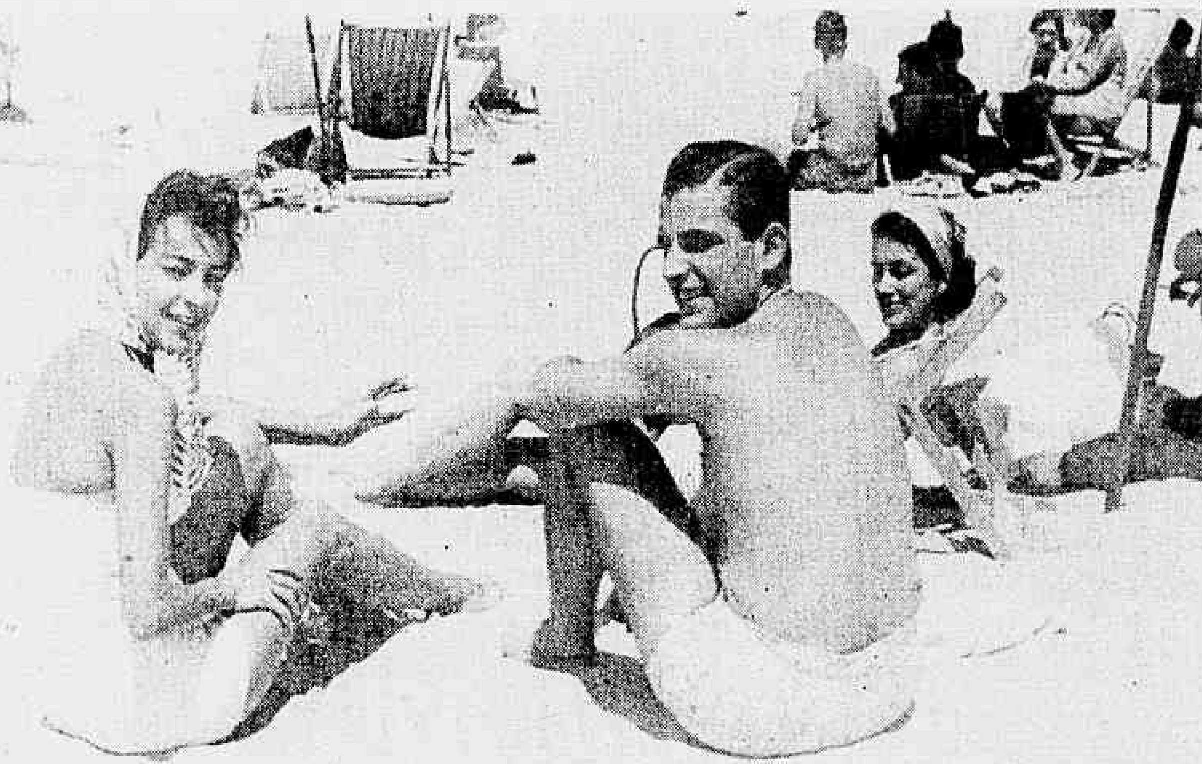
● Os casais Adolfo Graça Couto e João Vítor Alencastro Guimarães almoçaram na «Mariskonéa», uma casa típica com aquário, onde se escolhe o peixe. Depois, em companhia dos srs. Mozo Fernandez, Eduardo Azevedo e Carlos Alfredo Maia de Castro foram ao «Golf».

★

● **No seu aniversário, a sra. Marize Graça Couto passou decorando o clube Médano. Todos deram uma ajuda na preparação para a festa carnavalesca. Os parabéns desta coluna, à simpática senhora que representou tão bem a sociedade brasileira em Punta Del Este.**

★

● Para facilitar meu trabalho de tirar visto para a Argentina, a sra. Rodriguez Escalada deu-me uma apresentação para o sr. Tritânico, diplomata argentino. Fui procurá-lo. Da conversa, descobri que se tratava de um amigo de infância do sr. Daniel Sabadini. Imediatamente, o sr. Tritânico cercou-me de tôdas as gentilezas, promovendo a rápida expedição do meu visto.
Obrigado, Daniel.



Os casais Adolfo Cláudio Graça Couto e Fritz Alencastro Guimarães animaram Punta Del Este.



O sr. Willy Palmer conversa com as senhoras brasileiras, no «Médano», o Clube elegante do famoso balneário.



COMPANHIA COLONIAL
DE NAVEGAÇÃO

Linha marítima Europa - América do Sul
em viagens inesquecíveis.

VERA CRUZ
SANTA MARIA

Agentes Gerais:

COMPANHIA COMERCIAL E MARÍTIMA S. A.

Av. Rio Branco, 4, Loja Tel.: 23-2930.

Satisfaz plenamente

a nova embalagem

A nova embalagem do purissimo Açucar PÉROLA, além de proteger melhor o produto, evita perdas, proporcionando maior satisfação aos consumidores



- mais resistente
- mais higiênica
- mais econômica

açucar PEROLA

fabius

saco azul e cinta encarnada

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—O autor do livro intitulado «Lucíola» foi:
— **José de Alencar?**
— **Machado de Assis?**
— **Rui Barbosa?**

2—Quantos romances escreveu Honoré de Balzac:
— **Mais de 90?**
— **Cêrca de 70?**
— **Ou 50?**

3—Rui Barbosa morreu no ano de:
— **1908?**
— **1915?**
— **1923?**

4—O Base-Ball foi jogado pela primeira vez em:
— **Nova York?**
— **Paris?**
— **Londres?**

5—A expressão «balão» significa:
— **Personagem bíblica?**
— **Rei do Egito?**
— **Famoso descobridor?**

6—Quem foi Francisco Bacon:
— **Frade franciscano?**
— **Filósofo?**
— **Médico?**

7—Avelã é produto originário de:
— **Portugal?**
— **Ásia Menor?**
— **China?**

8—A Batalha de Avaí foi vencida por:
— **Brasileiros?**
— **Paraguaios?**
— **Cubanos?**

9—Anubis significa:
— **Homem guerreiro?**
— **Deus egípcio?**
— **Cidade européia?**

10—Edmund Goncourt fundou na França:
— **Uma academia?**
— **Um jornal?**
— **Uma cidade?**

11—Que é bacurubu:
— **Uma árvore?**
— **Animal selvagem?**
— **Pequeno peixe?**

12—O navegador inglês William Baffin morreu em:
— **1622?**
— **1584?**
— **1718?**

13—José da Silva Lisboa era o verdadeiro nome de:
— **Visconde de Cairu?**
— **Visconde de Araguaia?**
— **Visconde de Taunay?**

14—Calendas significava na antiga Roma:
— **Primeiro dia de cada mês?**
— **De cada semana?**
— **De cada ano?**

15—O bambu é planta originária da:
— **Ásia?**
— **Índia?**
— **África?**

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — José de Alencar; 2 — Cêrca de 70; 3 — Em 1923; 4 — Em Nova York; 5 — Personagem bíblica; 6 — Filósofo; 7 — Ásia Menor; 8 — Os brasileiros; 9 — Deus egípcio; 10 — Fundou uma academia; 11 — Uma árvore; 12 — Em 1622; 13 — Visconde de Cairu; 14 — Primeiro dia de cada mês; 15 — Índia.

FLAMENGO:



UM BICAMPEONATO COMO POUCOS!

HISTÓRIA DE UMA CAMPANHA ÁRDUA — ATAQUE E DEFESA — OS GOLEADORES — DADOS SÔBRE OS DEZESSETE "MAIS" DO FUTEBOL METROPOLITANO

Texto de FRANKIE MILO

O esquadrão rubro-negro, mercê de uma campanha exaustiva, onde não faltaram sérios acidentes e momentos de apreensão para o técnico e para os demais dirigentes do "mais querido", acaba de conseguir, nos dois certames de três turnos, uma das maiores glórias de sua história entremeada de façanhas brilhantes. Contando com o concurso de apenas 23 jogadores, o clube da Gávea pôde levar a efeito uma campanha por todos os modos meritória, ainda mais levando-se em conta que, em todos os momentos da árdua conquista, o "mengo" estêve entre os primeiros colocados, sendo que, no certame de 54, despontou na primeira colocação e assim se manteve, até o final do campeonato. No ano 1953, o ataque rubro-negro marcou 77 tentos, ao passo que a defesa deixou passar 27 bolas. O artilheiro do clube foi Benitez, com 22 gols. Em 1954, o ataque balançou as rêdes adversárias por 59 vêzes e o notável guarda-valas Garcia "engoliu" 26 bolas. O artilheiro da equipe foi Índio, com 17 tentos consignados. Cabe ainda um grande elogio ao técnico Solich que, audacioso e inteligente, aplicou táticas inéditas, durante a campanha do bicampeonato, além de estimular as suas "feras" (como êle apelidou os jogadores do seu plantel) em todos os momentos do trabalhoso galardão que acabam de levantar.



• SOLICH

Fleitas Solich (técnico) — Futeboler consagrado, após brilhar em sua pátria, o Paraguai, transferiu-se para a Argentina, atuando ao lado dos maiores craques de sua época. Aposentando-se, passou a preparador técnico e destacou-se brilhantemente na Argentina e no Paraguai, dirigindo a seleção guarani campeã sul-americana. Contratado pelo Flamengo, proporcionou-lhe o honroso título de bicampeão, nas temporadas de 1953-54. Agora, vai sair para o tri.

OS CONSTRUTORES DO GRANDE FEITO



• GARCIA

Sinforiano Garcia — Natural de Puerto Pinasco, Paraguai, onde veio ao mundo em 22 de agôsto de 1924. Começou a jogar futebol aos 13 anos, inicialmente como zagueiro. De 1946 a 1949, foi considerado o arqueiro número um do Paraguai e tomou parte nos campeonatos sul-americanos de Buenos Aires, Guaiaquil e Rio de Janeiro, como titular da seleção paraguaia, em 1946, 1947 e 1949. Daí em diante, vendido ao Flamengo por Cr$ 250.000,00, vem o arqueiro guarani se mantendo como titular do esquadrão rubro-n e g r o, atravessando a fase mais feliz de sua carreira.



• TOMIRES

Tomires de Souza Galvão — Nasceu em Maceió, Alagoas, a 8 de fevereiro de 1928. Ingressou nas hostes rubro-negras em setembro de 1953 e ocupa a posição de zagueiro direito, desde a contusão sofrida por Marinho, o antigo titular da zaga. Jogador «duro» e dedicado, tem-se constituído numa autêntica revelação, nesta campanha do bicampeonato, formando com Pavão um duo de respeito. Participou de tôdas as partidas, no certame de 1954 e o técnico Fleitas Solich já o considera como um dos principais valores para a conquista do tricampeonato, neste ano de 1955.



• PAVÃO

Mascos Cortez — Nasceu em Santos, a 4 de janeiro de 1929. Começou a jogar futebol muito cedo e, aos 13 anos, já tinha destaque no grupo das «peladas». Seu primeiro clube foi a Portuguêsa Santista, onde foi juvenil, aspirante e profissional. Em 1951, seu passe foi adquirido pelo Flamengo, por Cr$ 350.000,00 e, desde então, como titular da posição, tem atuado no Brasil e no estrangeiro, melhorando gradativamente de produção. Foi uma das figuras de proa, da equipe, na campanha do bi-campeonato e participou de todos os jogos do certame recentemente findo.



• JADIR

Jadir Egídio de Souza — Nasceu em São Paulo, a 19 de abril de 1930. Destacou-se no futebol paulista e, em 1952, transferiu-se para a Gávea. Ali, passou a jogar o fino, progredindo sempre. No entanto, sofreu séria contusão que o impediu de participar da Copa do Mundo de 54. Recuperando-se, voltou como o mesmo craque consagrado pela torcida rubro-negra. É um dos autênticos bi-campeões do Flamengo, e participou de 21 jogos, em 1954. Sua característica principal é o apêgo ao clube e a lisura nas jogadas. Portador de grande futuro, em sua bonita carreira profissional.



• PAULINHO

Paulo Almeida — Nasceu em Campos, Estado do Rio, a 15 de setembro de 1933. Em outubro de 1955 ingressou nas hostes rubro-negras, e destacou-se, até o ano de 1954, por suas atuações na equipe de aspirantes. Em vista da contusão sofrida por Joel, o titular da extrema direita, foi indicado para substituí-lo, fazendo-o de modo brilhante. Participou de 6 pelejas, no certame de 54, e sagrou-se campeão carioca com sòmente 21 anos. Atuando apenas meia dúzia de vêzes, o jovem rubro-negro confirmou as suas qualidades reveladas na equipe de aspirantes do «maior».



• RUBENS

Rubens Josué da Costa — Nasceu em São Paulo, no dia 24 de novembro de 1928. Já aos 14 anos de idade, era considerado o craque do Barreiras, de Barra Funda na equipe de juvenis. No ano seguinte ingressou no Ipiranga e atingiu o profissionalismo. Em 1951 foi contratado pela Portuguêsa, por Cr$ 500.000,00 e meses depois esta o vendeu ao Flamengo, por mais 100 contos. Desde então, vem-se destacando entre os maiores craques do país e foi considerado pela imprensa, «o jogador do ano», em 1954. Atuou em 19 partidas neste último ano. E em tôdas elas se destacou.



• EVARISTO

Evaristo de Macedo — Nasceu em 22 de junho de 1933, no Destrito Federal. Começou a praticar o futebol como jogador de defesa, aos 15 anos de idade, em clubes amadoristas e acabou indo para o Madureira, como juvenil. Logo galgou o time principal e destacou-se nas seleções amadoristas em que tomou parte. Em 1953, o Flamengo contratou-o e, desde então, o útil jogador tem servido para cobrir claros onde quer que êles existam, no ataque. Participou de 21 jogos, no certame de 54. Sua estrêla continua brilhando, sendo êle dos jogadores mais estimados do clube.



• ÍNDIO

Aluísio Francisco da Luz — Nasceu em Cabedelo, Estado da Paraíba, a 1 de março de 1932. Integrou o São José, de Magalhães Bastos, passando-se depois para o Bangu. Foi descoberto por Kanela, que o levou para o Flamengo, começando no quadro de juvenis e destacando-se gradativamente, à medida que aumentavam os jogos em que atuava. Incluído finalmente no plantel profissional, foi o substituto de Adãozinho e acabou como efetivo, na posição. Atuou em 25 jogos no campeonato de 54. Continuou brilhando e merecendo os aplausos de seus admiradores.

DO CLUBE MAIS QUERIDO DO BRASIL



• SERVILIO

José Lucas — Nasceu em 25 de setembro de 1929, em Vargem Grande, Estado de S. Paulo. Começou no Mogiana, em 1945, atuando como meia-direita. Em 1951 transferiu-se para o XV de Novembro, de Jau, passando a atuar como zagueiro. Em setembro de 1953, o Flamengo foi buscá-lo, para completar a sua defesa. Desde então, vem sendo um jogador útil ao rubro-negro e, principalmente na campanha de 1954, revelou-se um autêntico baluarte, nos últimos e mais importantes jogos do campeonato. Atuou em 6 partidas. E em tôdas revelou qualidades para a sua posição.



• DEQUINHA

José Mendonça dos Santos — Natural de Mossoró, R. G. Norte, veio ao mundo em 19 de março de 1929. Começou como extrema esquerda no Atlético de Mossoró, em 1945. Um ano depois, estava no Potiguar, já como centro-médio. Em 1947 transferiu-se para a equipe do ABC, de Natal e, em 1949, rumou para o Recife, ingressando no América. Em junho de 1950 foi contratado pelo Flamengo, que pagou Cr$ 100.000,00 pelo seu passe. Sempre ostentando boas condições físicas, foi um dos que mais contribuíram para a sensacional conquista. Participou de todos os jogos do ano.



• JORDAN

Jordan da Costa — Nasceu em 24 de novembro de 1933, no Distrito Federal. Em 1948, apareceu no São Cristóvão, como zagueiro, mas só passou a jogar na equipe de juvenis no ano seguinte. Em 1950 já era o titular. Em 1951 o Flamengo comprou o seu passe por Cr$ 300.000,00 e, desde então, o eficiente médio vem defendendo o clube da Gávea, passando dos aspirantes para o quadro principal. Atuou em 25 partidas, no campeonato de 1954. Foi um profissional caro, mas sua atuação justificou o alto preço pago pelo rubro-negro para conseguir o seu precioso concurso.



• JOEL

Joel Antônio Martins — Nasceu no D. Federal, em 23 de novembro de 1931. Sòmente em 1948 ingressou oficialmente no futebol, no Botafogo, depois de destacar-se nas equipes colegiais de que fazia parte. Em 1951 transferiu-se para o Flamengo, após um rumoroso caso, custando ao clube Cr$ 150.000,00. Desde então, como titular, Joel vinha se destacando, a cada jôgo, até que sofreu um acidente, durante uma partida, ficando impossibilitado de atuar no resto da campanha triunfal do seu clube. Atuou em 20 jogos, no ano de 1954, mas sua contribuição foi bem valiosa.



• BENITEZ

Jorge Duílio Benitez Cândia — Nasceu em Yaguaron, no Paraguai, em 23 de abril de 1927 e iniciou-se no futebol aos 14 anos de idade, no Deportivo de Yaguaron. Revelou-se como artilheiro e foi para o Nacional, sendo depois convocado para a seleção paraguaia, em 1949. Foi contratado pelo Boca Juniors, de Buenos Aires e, finalmente, o Flamengo comprou o seu passe por Cr$ 700.000,00. No certame de 53 foi o artilheiro e, em 54, contribuiu com muitos gols, tendo atuado em 14 jogos. Sua atuação destacada na equipe rubro-negra, foi mais uma glória de sua carreira esportiva.



• DIDA

Edvaldo Alves — Nasceu em Maceió, a 16 de março de 1934. Em março de 1954, veio para o Rio de Janeiro, ingressando no Flamengo, onde passou a integrar o quadro de aspirantes, formando ala com Babá. No campeonato de 1954, o técnico Fleitas Solich resolveu lançá-lo, no jôgo contra o Vasco da Gama, e o promissor meia-esquerda jogou o fino, junto com seu companheiro de ala. Atuou apenas 3 vêzes. Dida foi dos que jogou poucas partidas, mas a qualidade de suas atuações compensou a quantidade. Não decepcionou o técnico Fleitas Solich que fàcilmente o descobriu entre os aspirantes.



• ZAGALLO

Mário Jorge Zagallo — Nasceu em Maceió, no dia 9 de agôsto de 1931. Iniciou sua vida esportiva nas célebres «peladas» de rua. Como sócio do América, passou a praticar diversos esportes, destacando-se no tênis de mesa e no futebol. Em 1950, já no rubro-negro, Zagallo passou a integrar a equipe de juvenis e, em 1951 foi promovido à aspirante. Chamado a substituir Esquerdinha, logrou sucesso entre os profissionais e disputou 17 jogos em 54. A boa escola das «peladas» das ruas de Maceió não deixou de produzir bons resultados, confirmados aqui no Flamengo.



• BABÁ

Mário Braga Gadelha — Nasceu no Ceará, a 24 de abril de 1934. Ingressou no Flamengo em novembro de 1954. Com apenas 1,54 metros, é dotado de grande velocidade e desembaraço, tendo atuado em 3 jogos, pelo certame que seu clube acaba de levantar. Apesar da pouca altura, é considerado um craque de futuro promissor e os flamenguistas muito esperam de Babá, na tentativa de conquista do tri-campeonato. O «pequenino», revelou-se possuidor de qualidades próprias de um grande jogador, sendo valiosa sua colaboração, embora atuasse em apenas 3 jogos.

CRÔNICA

O MENINO E O PALACETE

● Antes de mais nada, louvou-se o editor Simões, pela sua proveitosa atividade dêstes últimos tempos. Louvou-se, por exemplo, o fato de ter arrancado ao fundo da gaveta o romance de Rosário Fusco «Carta à Noiva», cuja publicação passou despercebida, e que no entanto, a meu ver, marca um instante capital da obra do autor e mesmo do romance nacional. Louvou-se, agora, o editor Simões, pelo lançamento de «O menino e o palacete», o livro de Thiers Martins de Moreira, pela sua bela e elegante apresentação gráfica, inicialmente, e em segundo pelo extraordinário acêrto do lançamento.

«O menino e o palacete» é um livro singular em nossas letras, não sendo poesia, e nem romance, e nem um simples livro de apontamentos biográficos, é ao mesmo tempo poesia, romance, e mais do que isto junto, uma poderosa evocação misturado a um puro e maravilhoso sentimento de infância. Que tato, que delicadeza e que grande amor moveu Thiers Martins Moreira a desentranhar do seu passado, e da sua memória poética, a visão dêsse casarão tão nítido e tão belo. A casa da rua Barão de Amazonas (que José Cândido de Carvalho me disse conhecer em seus mínimos detalhes) é uma presença incorporada para sempre à nossa literatura. Não se falará mais de uma casa sugestiva e poética, e nem de uma reminiscência de infância, ligada à evocação de um antigo edifício, sem a lembrança dêste livro, por onde perpassam sons e luzes, e conhecimentos iniciais, e descobertas, e iluminações repentinas e cheias de encanto. Livro escrito com carinho e melancolia, e uma leve, tão leve ponta de «humour» que apenas derrama sôbre a claridade difusa e miraculosa dessa evocação, um tom mais plangente e mais nostálgico.

Portas, trincos, escadas, janelas, pátios, prisão, visões de ângulos, sons de sinos, ventos — como tudo isto é bonito e sincero, e como merece êste livro tôdas as homenagens que vem tendo. Saudemos pois em Thiers Martins Moreira, um novo grande escritor do Brasil — e mais uma vez, para finalizar, louvemos novamente o editor Simões. Que êle nos surpreenda sempre com livros desta qualidade. Amém. — **LÚCIO CARDOSO.**

POEMA

MONÓLOGO

A ATHOS BULCÃO

— Nada posso. O sonhar
É angústia se é grande.

— Tens recurso.
— Chorar?
É chôro quem se espande.

— Escreve.
— Se o talento
Não sabe onde eu estou...

— E o sofrimento?
— Lento
Veneno. Me prostrou.

Ah!
— Os amigos?
— Passaram.
Eu sou morta saudade.

— É triste. Não te amaram?
— Só uma. Era beldade.

— Ama.

— Bem douto fado.
Gingar de amor calado

Sebastião Brochado

★ ★ ★ ★ NOTICIÁRIO ★ ★ ★ ★



Simeão Leal

INTENSO e magnífico vem sendo o trabalho executado por Simeão Leal à frente do Serviço de Documentação do Ministério da Educação. Ainda, submetendo a uma comissão julgadora uma série de originais, acaba de selecionar vários para publicação. São êles:

Palavras ao vento — de Moniz Bandeira.

A sombra do mar — de Gasparino Damata.

Diário de Segismundo — de Carlos Davi.

Igarités — de Luís Cláudio de Castro.

O Prisma — de Fred Pinheiro.

Raimundo Correia Estudante — de Valdir Ribeiro do Val.

A décima praga — de Jones Rocha.

Já em fase de impressão encontram-se os seguintes:

Parque de Diversões — de Beatriz Rocha.

Veias Desatadas — de Nataniel Dantas.

A ilha escalvada — de Waldemiro Autran Dourado.

O Pão e o Vinho — de Moacir Felix de Oliveira.

Diante dêsse programa tão variado quanto interessante, resta ressaltar que nem todos são escritores estreantes. Alguns, como Waldemiro Autran Dourado, já afrontaram os prelos várias vêzes. Outros, como Gasparino Damata, estrearam recentemente. Um dêles, Jones Rocha, já faleceu. Outros são conhecidos através de revistas, jornais e suplementos, com Fred Pinheiro, Nataniel Dantas e Moacir Felix de Oliveira.

★

«A MENINA MORTA», que aqui tivemos ocasião de louvar, acaba de obter o «Prêmio Carmem Dolores Barbosa». Acreditamos a escolha absolutamente louvável, pois o trabalho de Cornélio Penna foge ao padrão comum de nossas publicações e distancia-se de tudo o quanto vem sendo publicado ùltimamente.

★



Rubem Braga

Após SEU reaparecimento com «Carta à Noiva», que passou inteiramente despercebido, Rosário Fusco conclui novo romance «Rodia». O autor não se mostra desiludido com o insucesso de seu último livro — ao contrário, lùcidamente êle próprio pesa e analisa as dificuldades que o leitor em geral depara com sua intensa e dramática história.

O QUE ÊLES DIZEM:

Ferreira Gullar, lamentando não saber escrever sôbre política: "Só entendo de loucuras".

* * *

Alceu Marinho Rêgo, sôbre a crítica: "Escreva-se contra, é justo, mas pelo menos que se dê a cada livro a importância que êle merece."

* * *

Nelson Rodrigues: "Só Antonin Artaud compreenderia a importância do Teatro Suicida".

* * *

Darél, animado: "Passarei dois meses no Xingu e farei uma série de desenhos sôbre índios. Que tal a idéia?" Boa, sem dúvida.

* * *

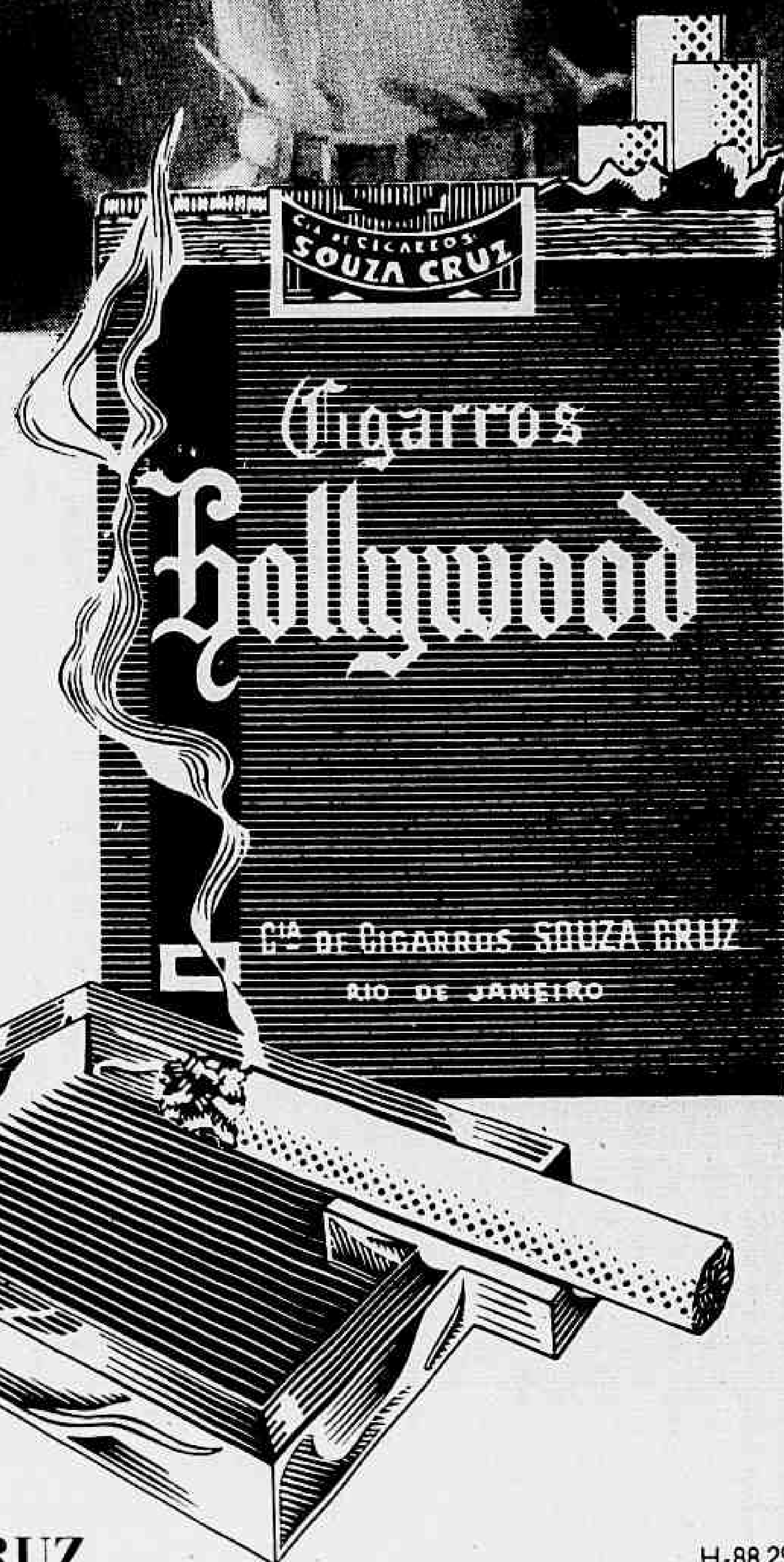
Antônio Botto falando sôbre seu próximo livro: "Conterá sonetos sôbre várias personalidades conhecidas e será o meu testamento."



Agora, encontrei o meu cigarro...

hollywood

uma tradição de bom gôsto



Cada vez mais pessoas estão mudando para Hollywood

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.294



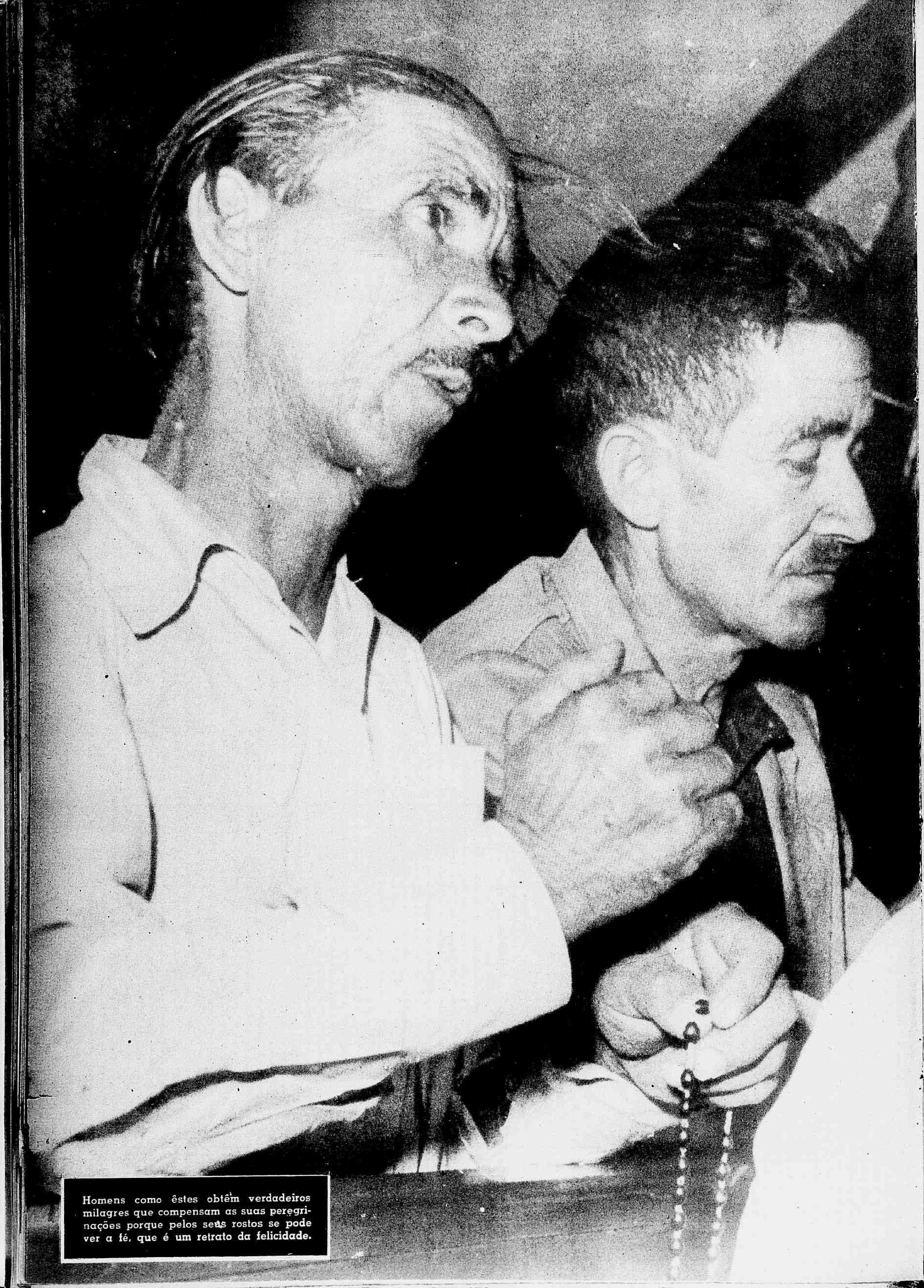
OS MILAGRES DO PADRE



UM SACERDOTE DE 75 ANOS DE IDADE FAZ CURAS MARAVILHOSAS PELA FÉ — MILHARES DE PESSOAS DE TODO O BRASIL ATRAVANCAM A ESTRADA QUE CONDUZ A TAMBAÚ, CIDADEZINHA PAULISTA TRANSFORMADA EM MECA DOS PEREGRINOS BRASILEIROS — HISTÓRIAS IMPRESSIONANTES NARRADAS AO REPÓRTER DA "REVISTA DA SEMANA", QUE ESTÊVE NO LOCAL.

Reportagem de ALVARENGA JÚNIOR
(1a. de uma série)

E LIMA



Homens como êstes obtêm verdadeiros milagres que compensam as suas peregrinações porque pelos seus rostos se pode ver a fé, que é um retrato da felicidade.

OS MILAGRES DO PADRE LIMA



Pouco antes da bênção do dia 4, (março) o repórter fotografou a jovem da foto, (Maria Aparecida — Uberlândia — Estado de Minas) que era cega e que pela fé, ficou radicalmente curada e feliz.



A imagem de N. Senhora Aparecida. Conta o padre Lima que tendo a sua igreja incendiada, mais de 20 imagens desapareceram, exceto esta.

TAMBAÚ é uma cidadezinha do interior de S. Paulo servida pela Cia. Mogiana (bitola estreita), uma das piores estradas de ferro do Brasil. Fundada na época em que foi construída a estrada de ferro "Paulista Velha", Tambaú tem hoje cêrca de vinte mil habitantes, mas a sua população flutuante é agora superior a 50 mil pessoas graças aos estranhos fenômenos que estão ali ocorrendo e que são atribuídos a N. Senhora de Aparecida, através do padre Donizetti Tavares de Lima.

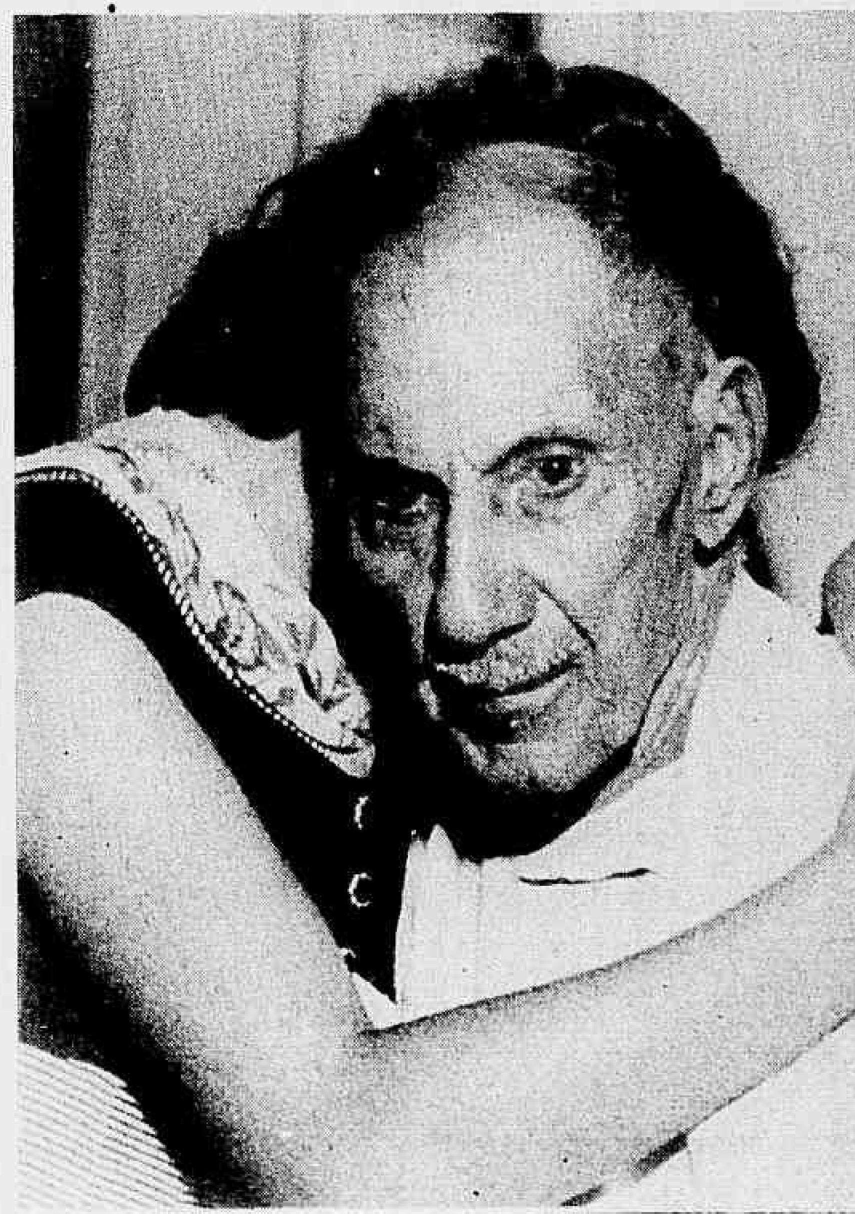
Tambaú é uma cidade original, pois há 12 anos que o seu povo não brinca o carnaval porque o prefeito não dá um passo sem consultar antes o vigário da Paróquia, e por isso mesmo, além de ter banido o carnaval, o vigário proibiu as danças "quentes" sendo permitidas tão sòmente polcas, quadrilhas, fandangos e valsas "de corpo afastado", às moças que não sejam filhas de Maria e aos rapazes que não façam parte da Congregação Mariana local.



Um cego que andou quase 100 quilômetros, cheio de esperança, caminha em direção ao milagroso padre Donizetti, levando uma imagem.



O pai e a sua extremosa filha, a espera do padre Donizetti. A menina é paralítica de nascença e espera obter a graça tanto desejada.



Êste homem de 70 anos voltou a andar. Deixou as muletas atônito enquanto sua filha com o acontecimento chora de alegria em seus braços.



Dia e noite, sob sol ou sob chuva, o povo permanece à porta do padre Donizetti, a espera da bênção milagrosa. Muitos voltam curados e felizes, outros, não conseguem a graça deseiada.

OS MILAGRES

— «Que Deus abençoe a todos e que se compadeça dos que sofrem, amem.» — concluiu o padre.

● DESFILE DE MISÉRIA — Graças aos auxiliares do padre Donizetti, foi possível ao repórter atingir ao interior da residência do vigário, por onde, após a bênção, começou a desfilar a multidão de mutilados, em sua maioria desenganados pela ciência e que por isso mesmo buscavam no padre a salvação para os seus males. Era um desfile de misérias. Pais trazendo ao colo os filhos deformados por doenças tais como sífilis e que diziam, ao se aproximarem do padre:

— Salvai esta pobre criança, padre! Trocai minha vida pela saúde de meu filho!

O padre ia atendendo a todos. Trinta mil possìvelmente, pois, sòmente êste ano, segundo o próprio padre Donizetti, — meio milhão de pessoas já foram atendidas, tendo essas mesmas contribuído com SETE MILHÕES DE CRUZEIROS para as obras da matriz que vai ser erguida em lugar da pequena igreja de Tambaú.

Enquanto a multidão desfilava, o autor destas linhas ia conversando com o padre Donizetti que assim narrou o começo daquela estranha história:

— «Isto começou quando a primeira igreja do lugar pegou fogo em 1943. Tudo ficou em cinzas. Os sinos de bronze ficaram derretidos, 24 imagens também se derreteram, mas a imagem de N. Senhora de Aparecida ficou intacta, inclusive o seu manto de sêda».

Não era possível conversar, ali, com o bondoso sacerdote que teve que se refugiar no interior da Casa Paroquial para não ser massacrado pela multidão ávida de beijar-lhe a mão ou pedir-lhe uma graça. Por isso, o seu secretário, sr. Ramiro (chefe do pôsto médico local), prosseguiu a narrativa:

— «Foi bom mesmo o sr. falar comigo porque o padre não poderia contar o que diz respeito a êle. O sr. já viu as muletas? Pois é, já saíram andando daqui mais de 1.000 pessoas. Eu tenho os documentos aí e vou lhe mostrar...

— Mas como foi que começou isto?...

● UM MUNDO DIFERENTE — Ao chegar à cidade, o repórter da «REVISTA DA SEMANA» foi surpreendido pelo número fabuloso de pessoas doentes, em sua maioria mutilados pela paralisia infantil e pelo câncer. Havia também paraliciável número de asmáticos e sifilíticos, todos em frente à casa do Vigário, um homem de 75 anos de idade, descendente de Mozart e que por isso mesmo é um cultor da boa música, sendo considerado um autêntico «virtuose».

À janela da casa paroquial, o padre Donizetti falava àquela multidão impressionante de aleijados:

— «Em resposta ao recado da família Penteado, digo daqui que até os padres que vierem de outras cidades devem entrar na fila para a bênção, pois perante Deus somos todos iguais. Sei que andam me acusando de comunista porque não distingo a ninguém. Digam o que disserem, sou apenas um homem que procura salvar as almas dos que o procuram, e dessa maneira salvar a minha própria. Ninguém é perfeito. Todos temos defeitos, e eu tampem os tenho. Tenho meus defeitos e não faço milagres. O que acontece é que, aquêles que têm fé podem obter os milagres, como têm acontecido. E os milagres são produzidos pela bondade de N. Senhora de Aparecida».

Súbito, do meio da multidão surge um velhinho correndo com as muletas nas mãos. Ao seu lado, a filha que também chorava, dizia:

— «Êle está ouvindo, meu Deus!»

O povo correu na direção do velho que se chama Florêncio Villanova, e reside em Joàzeiro, na Bahia.

E o velho padre Donizetti Lima, indiferente à tudo, prosseguiu, interrompido vez ou outra pelos «camelots» que apregoavam: — «Olha a fotografia dos milagres de ontem. Duas paralíticas de nascença que voltaram a andar e uma criança com paralisia infantil que tirou o aparelho e saiu correndo!... Dez cruzeiros cada fotografia!»

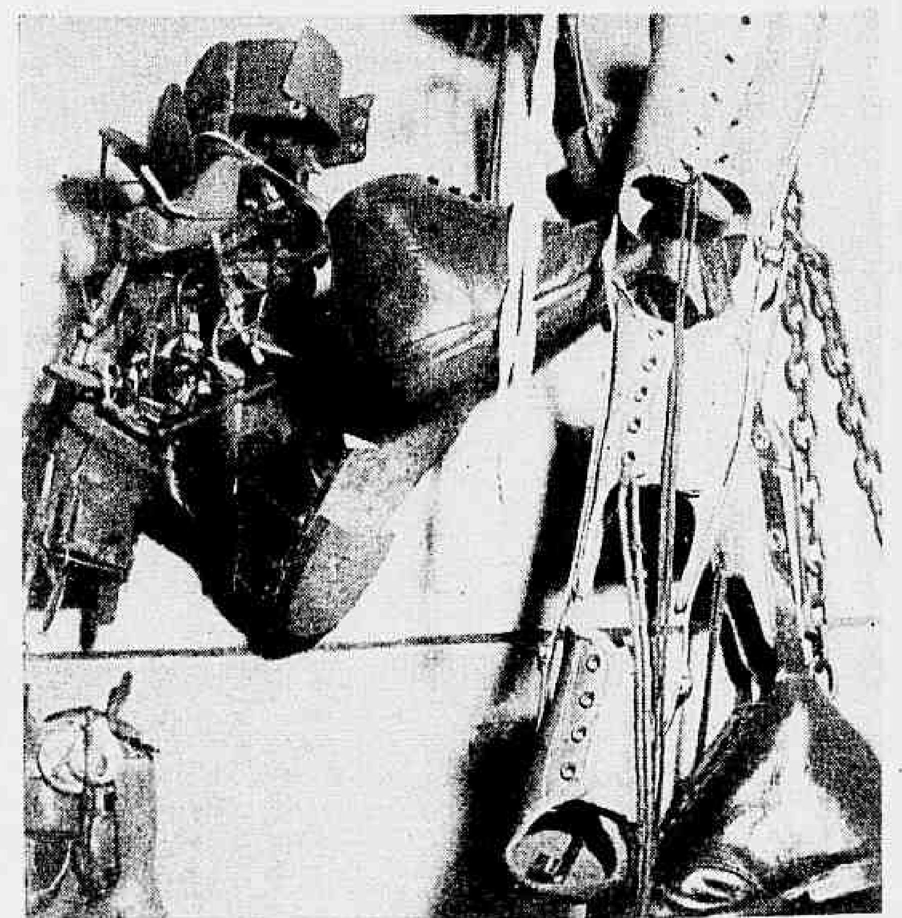
Houve um «psiu» geral e os «camelots» baixaram a voz.



Centenas de muletas de pessoas que, após tocarem as mãos do velho padre Donizetti Tavares de Lima, milagrosamente voltaram a andar.



A igreja da milagrosa Santa, conserva-se cheia dia e noite de pessoas de todos os recantos do Brasil, e até mesmo de devotos do exterior.



Numerosos aparelhos de paralisia infantil foram abandonados por crianças que para a felicidade dos pais, estão novamente caminhando.

DO PADRE LIMA

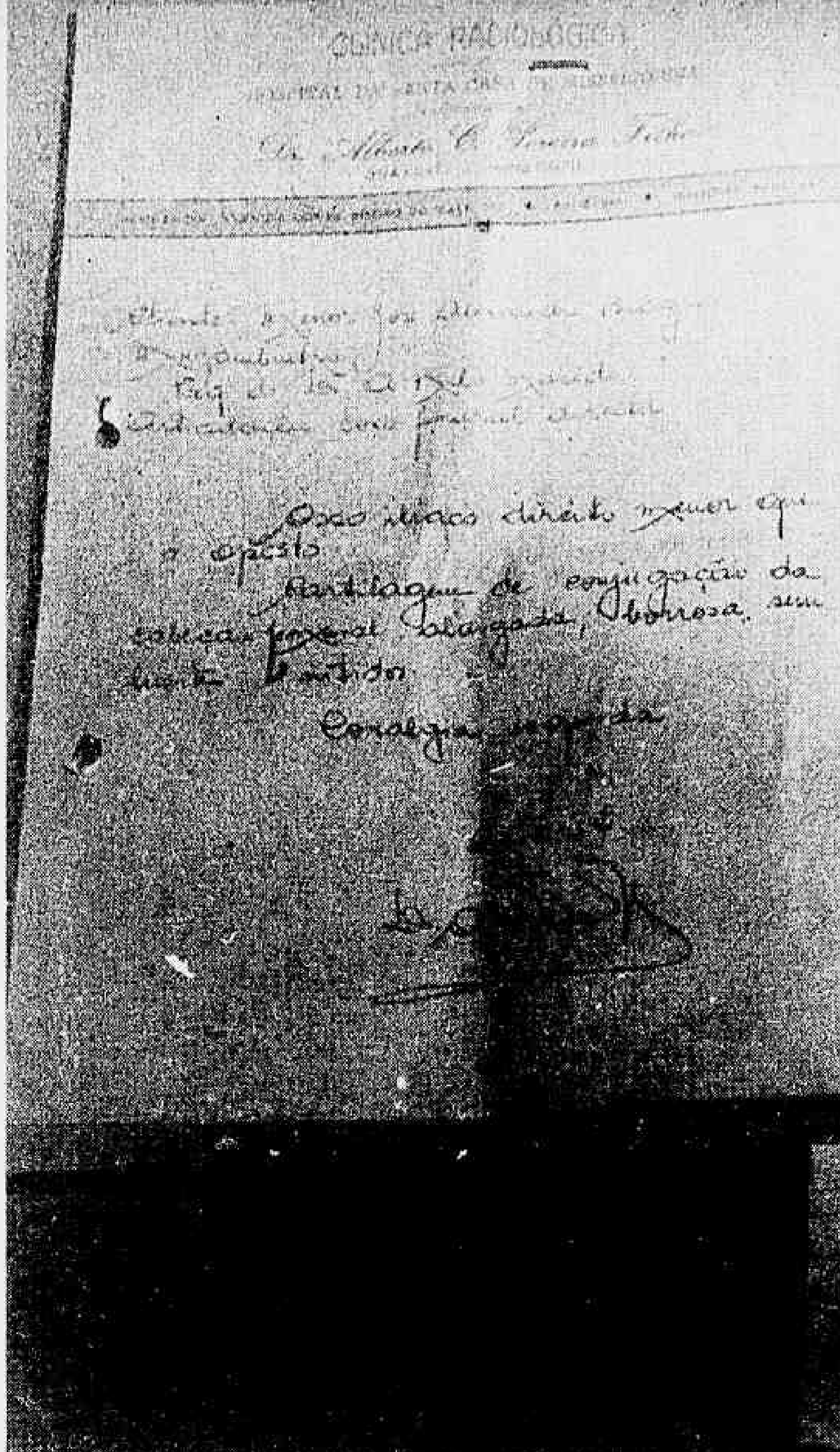
O secretário respondeu:

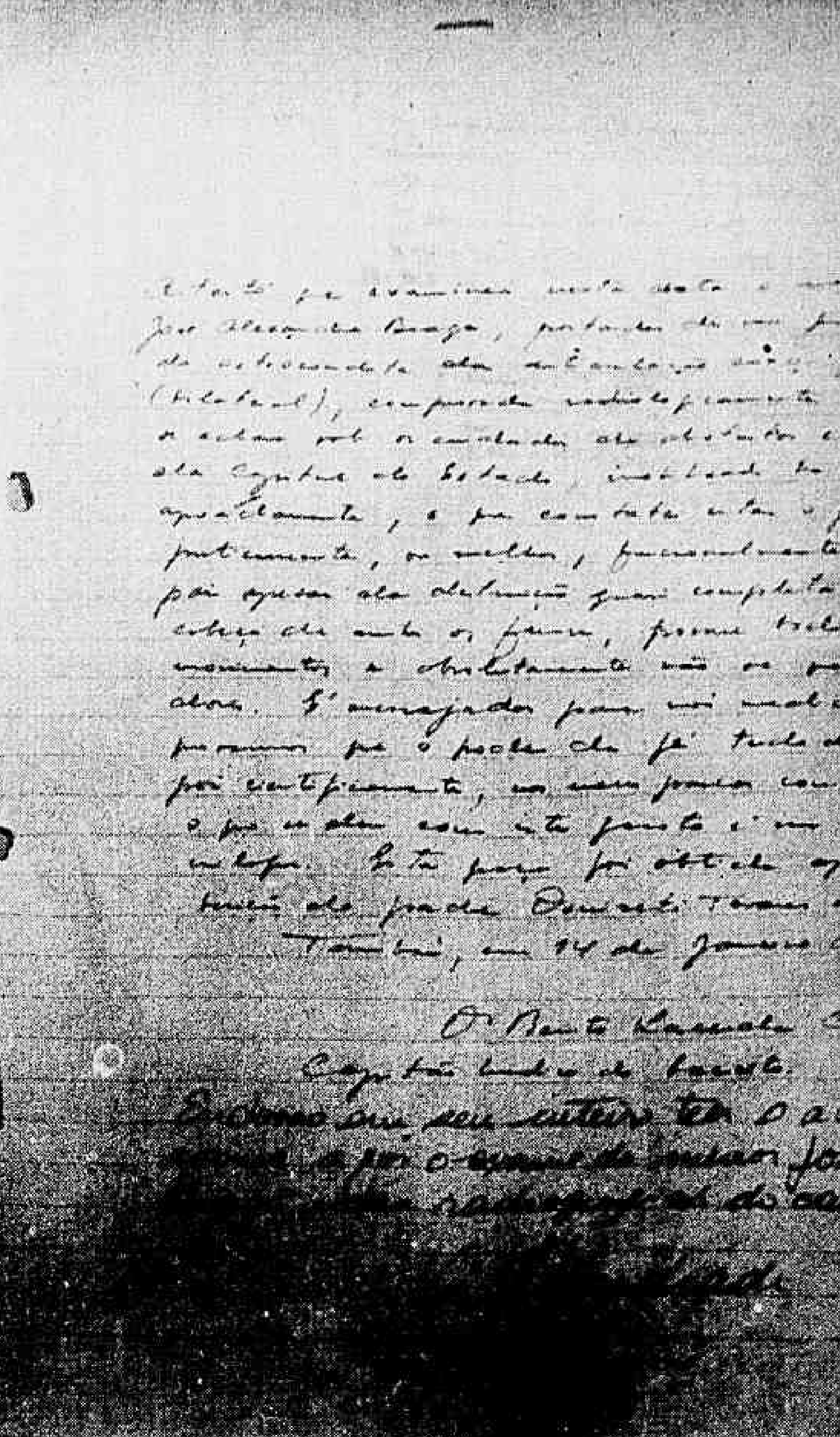
— «Há 29 anos o Padre Lima chegou aqui. Brigaram com êle, mas o padre é um homem enérgico e agüentou tudo e no fim acabou sendo expulso da cidade, o mesmo acontecendo em outras paróquias de onde era expulso por tratar a todos da mesma maneira. Quero dizer que êle não distingue pobre de rico e por isso mesmo foi chamado até de comunista. Pois é. O padre Lima foi indo e notou que tôda pessoa que êle benzia, ficava curada se se achava doente. A princípio ficou até com mêdo. Curava mas pedia que guardassem o segrêdo. Não foi possível **agüentar** por muito tempo».

● HISTÓRIA FANTÁSTICA — E' ainda o secretário do padre quem conta a história fantástica que vai linhas adiante e posteriormente confirmada por muitas pessoas. Interrogado, o padre Lima não desmentiu nem confirmou:

— «Quando o padre Donizetti era vigário em Vargem Grande, Minas Gerais, fundou ali um clube recreativo para os pobres, mas, como fôsse bem montado, passou a ser freqüentado por pessoas da sociedade que por sua vez tomaram conta do clube na ausência do padre. Êste não gostou da brincadeira e expulsou dali as pessoas que não eram realmente pobres. Resultado: foi agredido pelo prefeito local, sr. Lucas de tal, que também conseguiu sua transferência para Tambaú. Dias mais tarde o tal sr. Lucas adoeceu. Desenganado pelos médicos, ficou um ano sôbre uma cama, sofrendo horrlvelmente. Desesperada a família recorreu ao padre Lima que surgiu de repente em Vargem Grande, concedendo a extrema-unção ao algoz que morreu após o ato. Mas, curioso, — à mesma hora em que o padre Lima estava assistindo ao inimigo, em Vargem Grande, (quase 1.000 quilômetros distante de Tambaú) rezava missa em sua Paróquia. E afirma a população que o padre não saiu da sua cidade naquele dia, nem naquele mês, sequer.

● A LISTA DOS MILAGRES — E' superior a um milhar, o número de pessoas que afirmam terem sido curadas pelo padre Donizetti, havendo, para documentar essas afirmativas, na residência do padre, várias centenas de muletas,


CLÍNICA RADIOLÓGICA



O dr. Alberto C. Pereira Filho, radiologista conhecido, atesta que o aleijado José Alexandre Braga, após a visita feita ao padre, ficou inexplicàvelmente curado. E para tal não encontra explicação.

aparelhos de paralisia infantil, óculos escuros e certidões assinadas por médicos conceituados. Dentre essas pessoas, conseguimos falar com as seguintes, que juram terem sido curadas após desenganadas por médicos eminentes:

João Ferreira Pinto, de Minas Gerais, paralítico desde o berço, andou após visitar o padre Lima.

Ermantina Rabello, de 32 anos de idade, era paralítica desde a idade de 2 anos. Voltou a andar.

Rodrigues Guerra, de 62 anos de idade, residente à rua Joaquim Procópio, em Pirassununga, São Paulo; disse ao repórter que era paralítico e que voltou a andar após ser abençoado pelo padre Donizetti.

Geny Villela, residente à rua Cel. Artur Whitacker, 274, em Descalvado (S. Paulo). A referida senhora disse ao jornalista que andava em carrinho de rodas e que ficou curada após a bênção do padre Lima.

Tôdas as pessoas acima, além de outras que publicaremos em outra reportagem na próxima semana, juram terem sido curadas pelo padre Donizetti, tendo algumas delas oferecido documentos à Paróquia de Tambaú, nos quais declaram o que antes haviam dito ao repórter.

● BREVE ENTREVISTA COM O PADRE — Embora esteja doente, o padre Donizzetti continua atendendo às pessoas que o procuram. Diz êle que é obrigado a tal: «Essas pessoas vêm de muito longe e trazem no coração a esperança de cura, por isso não posso deixar de atendê-las.»

Instado, eis o que disse particularmente à «REVISTA DA SEMANA» o padre Donizetti:

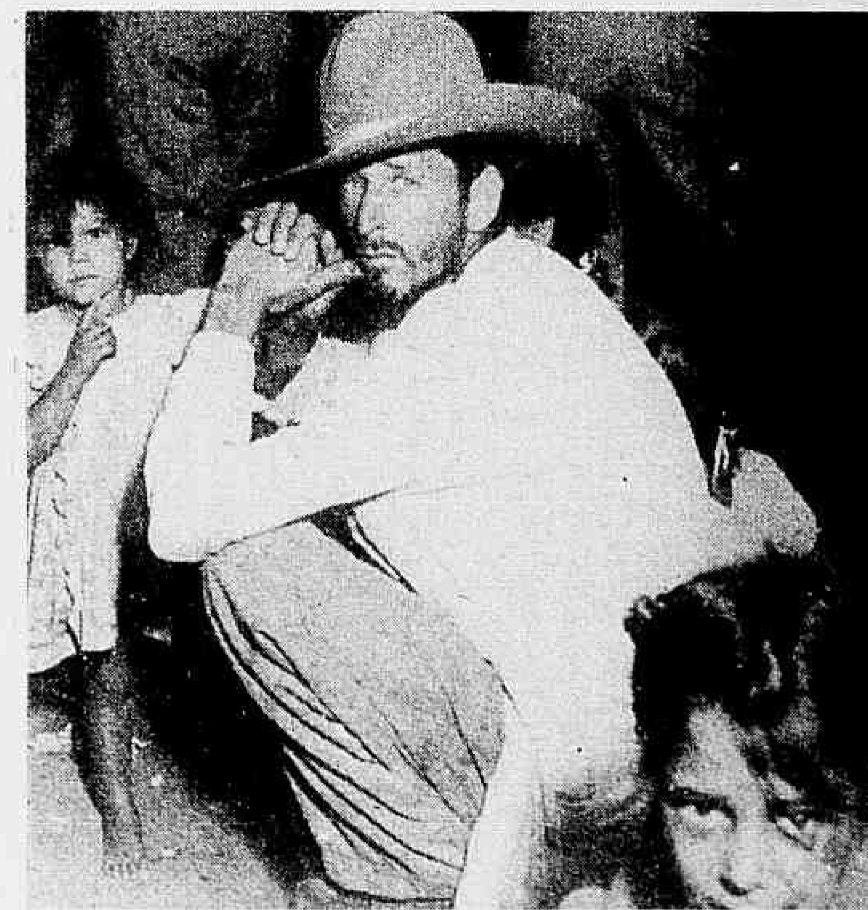
— «Para mim é uma honra merecer a atenção da imprensa. Que Deus abençoe a todos aquêles que, bem intencionados, procuram divulgar a fé. Eu não curo ninguém. Tudo o que se passa aqui é o resultado da fé. E N. Senhora Aparecida, ela sim, é quem faz os milagres, e a ela devemos agradecer. Eu, simples mortal, procuro apenas salvar a minha alma».



Uma velhinha que se abalou da cidade de Crato, Estado do Ceará, sòmente para conhecer o padre Donizetti Tavares. E veio sòzinha.



Um menino cego, nos braços dos pais, à porta da casa do padre Donizetti, a espera da bênção. Precisaram andar centenas de quilômetros.



Êsse é o mineiro típico. Conduziu os filhos sadios para verem o padre Donizetti Lima e para fazer a comunhão na igreja da pequena cidade.

O SONHO E A VERDADE

Conto de MARQUES GASTÃO

Desenho de DAREL

FLORENÇA estava de novo diante dos meus olhos. Pela segunda vez, a minha ansiedade me levava à velha cidade dos Medicis. Depois de ter saído da Estação de Santa Maria Novella, após uma magnífica viagem, dirigi-me à via Panzani, ao encontro do hotel. O pequeno «Albergho» Espanha, numa rua movimentada. De mala na mão, camisa sem gravata, cabeça ao vento, suave, que corria, sentia-me como outro homem. Os nervos destrambelhados por uma vida de trabalho intenso, precisavam de repouso. O médico dissera-me, dias antes: — «Meu caro amigo, vá para fora, longe de tudo, de jornais, de notícias, de problemas, de emulações, de tudo o que o transtorna. E não pense! Vibre, apenas!» Claro! Primeiro, a indecisão; depois o desejo de ir e, finalmente, a viagem resolvida. O vôo até Roma, foi um martírio para os nervos desfeitos, para o cérebro impaciente e cheio de problemas. Mas, à medida que o avião se aproximava de Itália, era como que a mudança maior da vida. Ia regressar, ia afastar-me, ia viver e sonhar! O homem precisa de sonho para compensar as suas amarguras. E eu sempre fui um amargurado dentro da vida. E entre o sonho e a amargura intrometem-se sempre as debicadas maldosas do nosso semelhante. Atingira a crise maior: cansaço das pessoas, cansaço do trabalho, cansaço de mim próprio, incapaz para tudo, até para os meus. Resolvi ir. E eis-me em Florença. O meu rosto estava transfigurado. Pálido, magro, olhos metidos em fundas covas negras. E Florença era Dante e Beatriz, os Medicis e Miguel Ângelo e Papini. No ar diferente, a respiração colhia halos do passado. Começava a sentir-me impregnado do perfume de outras épocas, olhos a reverem os mais belos quadros e as mais belas esculturas dêste mundo. Começava a vibrar. E, implìcitamente, a pensar. Mas era uma vibração e um pensamento diferentes de tudo. Não conhecia ninguém e ninguém me conhecia. Era apenas eu e a minha pequena mala de viagem. E dentro do bôlso uns poucos milhares de liras, o suficiente para VIVER alguns dias, esquecer-me de mim próprio, dos meus egoísmos, das minhas ansiedades, dos meus problemas, meus e em relação com os outros. Não tinha de pensar na obrigatoriedade de me levantar cedo para fazer o noticiário para os jornais nem de me preocupar com as horas de chegada e partida de aviões. Sentia-me em completa liberdade! O «Albergho» estava ali diante dos meus olhos. Entrei, deixei o passaporte e a mala e pouco depois, eis-me na rua. Lá ao fundo, a belíssima Igreja de Santa Maria Maior, o Batistério e as Portas de Oiro. Deixei-me ir, como fôlha levada pela aragem. O sonho a alastrar, a emoção a tomar-me. Eu não podia ver-me a mim próprio, mas havia alguma coisa em mim que chamava a atenção dos outros. Talvez o meu desprendimento, uma espécie de leveza, que me levava para todos os escaninhos da arte, indiferente às pessoas que me rodeavam ou que pensavam por mim. Abandonara-me. Totalmente. Os olhos fitos apenas no mármore e nas tintas, nas figuras e nas rosáceas, nas fontes e nas flôres... Na «Piazza del Duomo», florentinos iam e vinham e por entre êles, centenas de turistas. Figuras curiosas, por entre o ar indiferente da população, já habituada. Não era o jornalista nem o escritor que estava ali, naquele momento. Era o homem, emotivo, sôfrego de evasão, sôfrego de sonho e de beleza. Era o homem vivo que amava a arte e a beleza como as coisas mais belas dêste mundo, depois do amor e da caridade. Mas como a Arte e a Beleza são filhas de Deus, o homem sentia-se feliz. Homem vivo, sem dinheiro, sem ambições dêste mundo — apenas carne viva, sangue quente, cérebro a escaldar...



—o—

O homem dêste conto, dirigiu-se à Ponte Vecchio, depois de momentos eternos na Praça da Signoria, cujo Palácio é um assombro atirado para o Alto e rodeado de beleza, com a estátua de David e o bronze inigualável de Celini. Depois, seguiu e entrou nos Jardins de Boboli. Ali se deixou ficar, junto da fonte das Monas. E depois... o silêncio. Não soube o tempo que ali estêve nem os sonhos que viveram dentro dêle, até ao momento em que, como relâmpago que atravessasse o espaço, aquela figura de mulher lhe surgiu diante dos olhos.

Como era? E a sua voz? E os seus olhos?

Ergueu-se, como se estivesse diante de um fantasma. Aquêle rosto formosíssimo, aquêles olhos castanhos de uma luz única, que nunca vira; aquela voz doce que lhe parecera sair de montanha de cristal e aquêle corpo esguio, elegante, ondulante... talvez fôsse um sonho e talvez não... ainda hoje não o sabe... Envôlta numa túnica branca, cabelos loiros soltos sôbre os ombros e aquêle sorriso de Madona...

— Quem sois, senhora? — e a sua voz perdeu-se no ar. A água corria, calma, e límpida. E o homem dêste conto, ergueu-se, trêmulo, ansioso, diante dessa figura estranha de mulher.

— A verdade, homem! Não me conheceis? Venho do princípio do mundo que tu não conheces!

— A Verdade? Já não há Verdade neste mundo!

— Enganas-te, homem sofredor! Há muitas verdades, mas uma só é a Verdadeira! A Minha! A Verdade que tu procuras quando vens a Florença!

O homem do nosso conto, de olhos muito abertos, mal podia falar. A mulher, suavemente, estendeu-lhe a mão bonita e pálida e foram os dois, jardins fora, até ao alto dos Boboli.

— Não, não sou um Sonho, como tu pensas, homem português! A tua

raça ajudou a espalhar a grandeza da Renascença pelo mundo. Sem ti, sem os teus navegadores, talvez os homens da Renascença não tivessem saído da velha Fiesole! Sei que amas a verdade e a honradez, o amor, a beleza e a Arte... Ouvi os teus murmúrios, quando sonhavas junto daquela fonte das Monas... Estou junto de ti para te confortar... Sei que o teu coração está aqui... Aqui te reencontras...

— Sim, é verdade o que dizes... És a Verdade... mas tens os olhos vendados, há quantos anos? Eu vejo os teus olhos castanhos, límpidos, luminosos, que parecem atravessar tôdas as distâncias e invadir todos os recantos mais escondidos... Mas que vale isso? A Verdade já não governa o mundo.

Assim pensas tu e pensam milhões de homens... Mas é um êrro! A Verdade é a Vida e a Vida é Deus...

— Sim, mas Deus é traído, insultado, esmagado, todos os dias... E eu fujo... Não quero trair, não quero insultar, não quero esmagar... Por cada insulto a um homem é um insulto que fazemos a Deus...

— Os homens...

— São filhos de Deus... Por isso estou aqui, para sentir a sua grandeza naquelas telas e naquelas esculturas e até neste ar que respiro...

— E's um poeta! O mundo precisa de poetas...

— Mas está cheio de traidores, de ambiciosos, de maníacos, de astuciosos, de maus e invejosos...

— A ti, que te importa?

— E és tu, Verdade, que me perguntas?

— Quero ouvir-te...

— Importa-me, como homem filho de Deus! Como alcançar a Verdade, como alcançar-te? Eu queria enlaçar-te, beijar-te, confundir o meu corpo com o teu, a minha lealdade com a tua beleza... Mas tudo ou me foges ou te deixas dominar pelos demais...

— Ilusão! Estou sempre junto de ti! Mesmo que êsses que mentem e traem Deus em cada homem te enrodilhem na vil intriga de que são capazes e vomitem sandices e misérias para te manchar as ansiedades de pureza... eu estou contigo, Homem que sonhas e vives pela emoção e pela luz! Porque voltaste?

— Para te encontrar! Para te amar ainda mais e caminhar amparado a ti...

— Admiro-te! E quando regressares?

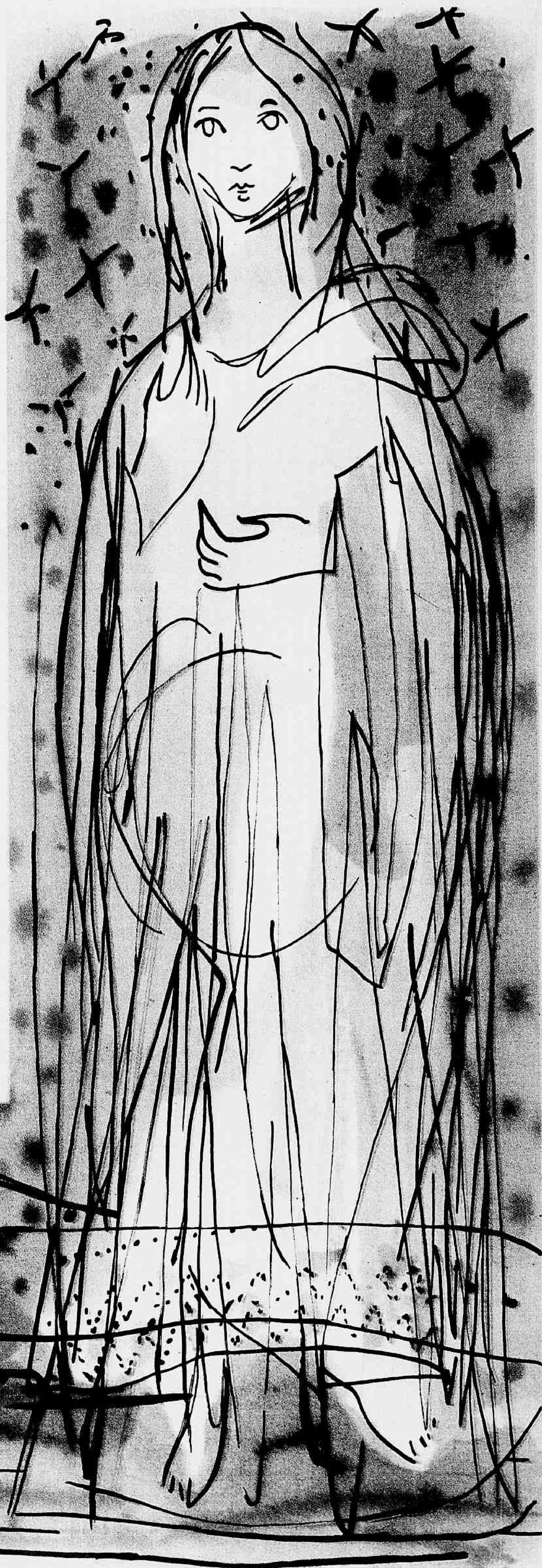
— Terei nos meus olhos a Beleza dos teus; nos meus ouvidos o doce murmúrio da tua voz e no cérebro a verdade das tuas palavras!

— E se não te bastar?

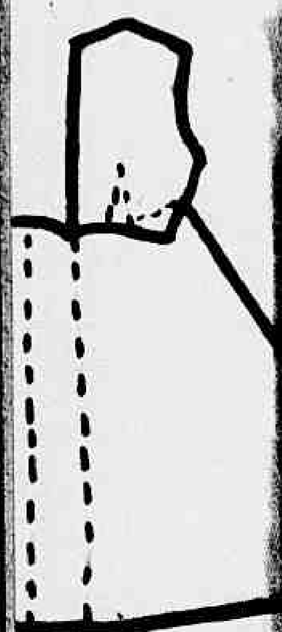
— Regressarei, regressarei sempre, nem que tenha de voltar de rastros... nem que fira os pés nas minhas caminhadas...

——o——

Aquela figura esvaiu-se. Diante dos seus olhos, nada havia. Apenas o cair da tarde e o som dos sinos do Campanário de Giotto. O homem dêste conto, ergueu-se, mais trêmulo do que antes, olhos ansiosos e úmidos. Chorava. Chorava a mentira do seu sonho. A Verdade desaparecera. Tudo fôra um sonho. A temperatura esfriara. Tremia mais. Os seus olhos tinham uma expressão diferente — a expressão amortecera. E murmurou para consigo: — «Mais sonho, mais sonho dentro de mim, para estourar dentro do Sonho! O resto não conta! O que conta é o Sonho, porque através dêle chegamos à Verdade».



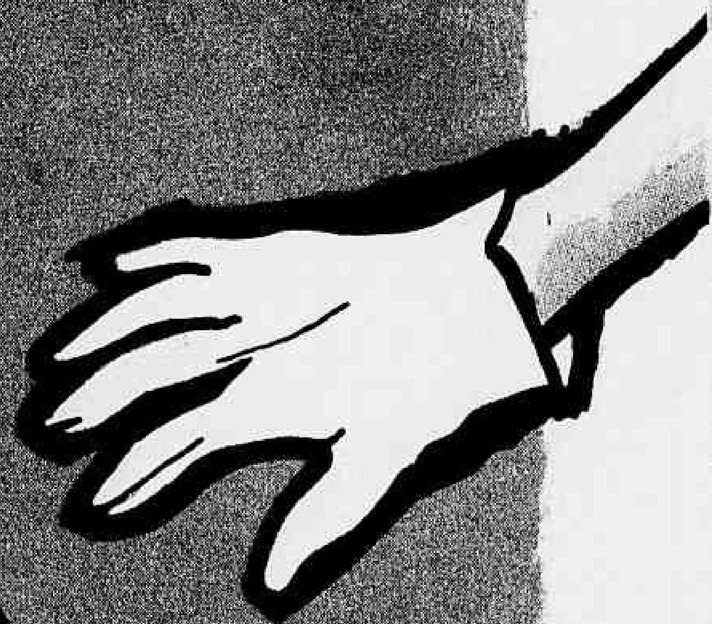




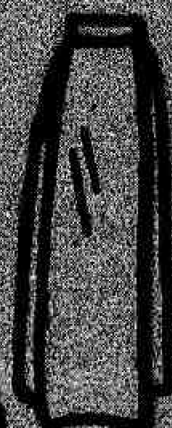
● Alguns modelos em linho — criados e desenhados por Lauritz Bern especialmente para o nosso verão. O [illegible] em amarelo é gracioso, com elegante gola chale. [illegible] está muito [illegible], com dois bolsos laterais. [illegible], porém, é sempre o preferido. [illegible] — [illegible] e passado — apresentam-se sempre bem. O modelo em branco, com pregas pespontadas na frente é cortado de forma a imitar blusão. Requer 4 metros e 30 de linho, com 90 cm de largura.

Finalmente, uma saia e blusa, em que o azul e rosa pastel contrastam com o largo cinto-pala em negro.

Lauritz Bern desenhou pequenos esquemas dos moldes destas suas criações, a fim de facilitar o trabalho das leitoras que não sejam muito fortes em corte.










enhados por Lauritz
para o nosso verão.
com elegante
pela chale.
está muito
com dois bolsos
laterais.
sempre o preferido.
frente é cortado de
metros e 30 de
m 90 cm de largura.
ia e blusa, em que o
m o largo cinto-pala
em negro.
desenhou pequenas
criações, a fim de
não sejam muito
fortes em corte.
LINHO

UM SEGRÊDO DE BELEZA

CONVERSANDO com Marta Rocha, dela conseguimos o segrêdo da sua pele tão morena e aveludada. Trata-se de uma fórmula própria, feita em casa e que leva os seguintes ingredientes, em doses iguais:

- **Azeite português. Vinagre.**
- **Iôdo. Limão.**

Antes do banho de sol que diàriamente ela recebe, na residência do dr. Paulo Moura (chefe de Divisão do M. da Aeronáutica — rua Hilário Gouveia, 61, ap. 1001), Marta Rocha aplica, no rosto e no corpo essa fórmula. Os resultados são os que todos sabem.



Marta Rocha anda com falta de apetite, alimentando-se muito mal. No dia em em que foi feita a foto em doze vêzes levou o garfo à bôca. Na outra foto, Martinha aparece na capela do Asilo orando baixinho, e, animada palestra, durante a qual uma senhora observou: —«Você é a Julieta da rua da Babilônia... Sofreu

MISS BRASIL ESTÁ MI

NÃO se pode considerar mau negócio a conquista do título Miss Brasil: ela permite à sua dona, uma série de divertimentos e homenagens que devem estender-se, pelo menos, até quando outra patrícia, de encantos idênticos, vier a arrebatar-lhe o troféu em novo concurso. Agora mesmo êsse novo concurso está em perspectiva, como sempre, para alcançar o laurel maior de Miss Universo, e quando escrevemos estas linhas, Marta Rocha acaba de conceder uma entrevista coletiva para denunciar os promotores do certame, nos EE.UU. (e seus representantes no Brasil), pelas desatenções que lhe «dispensaram». Bem, isso é outro assunto já divulgado e que deve ter ocasionado seus dissabores a Miss Brasil não faltando quem atribuísse a essa entrevista, o propósito de impedir que outra Miss Brasil venha a ser eleita breve, tirando-lhe o título e a possibilidade de novas homenagens que são sempre muito compensadoras... Até materialmente. Senão, vejamos.

UMA FORTUNA APRECIÁVEL

Para melhor controlar seus interêsses, Marta Rocha viu-se na contingência de aceitar a co-



E AGORA TEM UM AGENTE (ALCINO GUEDES) PARA ORIENTAR SUAS ATIVIDADES CADA DIA MAIORES — EM NEGOCIAÇÕES UM APARTAMENTO NA AV. ATLÂNTICA POR TRÊS E MEIO MILHÕES DE CRUZEIROS — DOIS MILHÕES EM JÓIAS, UM CARRO (CR$ 800.000,00) E CAVALOS DE CORRIDAS — CONVITE A MISS UNIVERSO PARA VOLTAR AO BRASIL A 29 DO CORRENTE — ALI KHAN APAIXONADO POR MARTA ROCHA, MAS NÃO CORRESPONDIDO — A VERDADE SÔBRE O CASO BENÉ NUNES.

Texto e fotos de VINICIUS LIMA



...o em que ela aparece comendo, miss Brasil sòmente ...lho, e, finalmente, Marta entre os velhos do Asilo, em ...Sofreu tanto e voltou a encarnar numa bela mulher...»

...MILIONÁRIA



laboração do sr. Alcino Guedes (também agente de Miss Cinelândia, sta. Avani Maura). Nestes últimos cinco meses, é êle que tem orientado Miss Brasil.

Segundo apuramos, para permitir que seu nome e sua fotografia figurassem em anúncio de renomado sabonete, a sta. Marta Rocha teria recebido Cr$ 400.000,00 em dinheiro, e mais um artístico relógio no valor de Cr$ 20.000,00. Essas cifras, nada representam diante da recente oferta do «stud» Rocha Faria que entregaria a Miss Brasil um pequeno grupo de cavalos no valor de dois milhões de cruzeiro, presente que Marta ficou indecisa em receber. E' de esperar que o faça, pois não esconde sua grande paixão por êsses animais, tendo comprado uma potranca por Cr$ 200.000,00, então batizada «Miss Brasil». Seu tratador recebe dois mil e quinhentos cruzeiros mensalmente. Neste momento, «Miss Brasil» convalece de uma doença conhecida por «garrotilho», sendo o animal obrigado a tomar dez milhões de unidades de penicilina. A enfermidade ocasionou uma despesa total superior a doze mil cruzeiros que Marta desembolsou com satisfação, para ver restabelecida a potranca

(Continua na pág. 34)

FÁTIMA - Revelação dos três Pastôres

(Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA. Reprodução interditada no todo, ou em parte)

Por MÁRIO SALGUEIRO

Desenho de RAMÓN

CAPÍTULO X

POR fim, com o depoimento do Barão de Alvaiázere, que até teve o cuidado de evocar os princípios defendidos por Gustavo le Bon, no seu livro «Psicologia das Multidões», prevenindo-se contra a sugestão coletiva de que fala o ilustre escritor francês.

Por nós, preferimos confessar, humildemente, que nada sabemos sôbre a natureza daqueles fenômenos, muito embora estejamos certos de que êles pertencem ao número dos que escapam ao domínio da Ciência e que caem diretamente na alçada religiosa. Disto nos convenceu o minucioso inquérito a que procedemos junto de ilustres astrônomos e meteorologistas, dando-lhes a ler os melhores relatos dos fenômenos que chegaram até nós e pedindo-lhes a sua opinião quanto à possível classificação científica dos fatos descritos».

● OCORRÊNCIA DOS FENÔMENOS SOLARES FORA DE FÁTIMA

O poeta Afonso Lopes Vieira, depôs, dizendo que no dia 13 de outubro de 1917, estava com a família na casa que possuía em S. Pedro de Muel, local situado a 50 quilômetros de Fátima, quando ocorreu o seguinte fato: ao meio dia, trabalhava na varanda quando, sùbitamente, teve a atenção despertada para os mesmos fenômenos que àquela hora se desenrolaram na Cova da Iria. Entusiasmado, chamou a espôsa e a sogra para presenciarem:

— «Depressa! depressa! Venham ver, venham ver!»

A espôsa do poeta, D. Helena de Aboim Lopes Vieira, explicou que tendo acompanhado o marido ao quintal, viu também os fenômenos que depois souberam haver ocorrido na Cova da Iria.

*

Em Alburitel, localidade situada a 15 quilômetros de Fátima, a professôra pública Delfina Pereira Lopes, ao meio dia do dia 13 de outubro de 1917, saiu para a rua com os alunos, alvoroçada com os incríveis movimentos que o sol apresentava àquela hora. Já então tôda a aldeia estava em polvorosa. O povo corria para a rua, havia choros e rezas pois todos acreditavam haver chegado o fim do mundo. O depoimento dessa professôra foi confirmado pelo reverendo Inácio Lourenço.

Êstes depoimentos são de grande importância porque anulam a afirmação feita por alguns de que os fenômenos presenciados na Cova da Iria, poderiam ter como causa a sugestão coletiva dos que ali se encontravam. Como vimos, êles tiveram lugar também em locais distantes de Fátima, à mesma hora, e foram presenciados por pessoas completamente alheias ao que se passava na Cova da Iria.

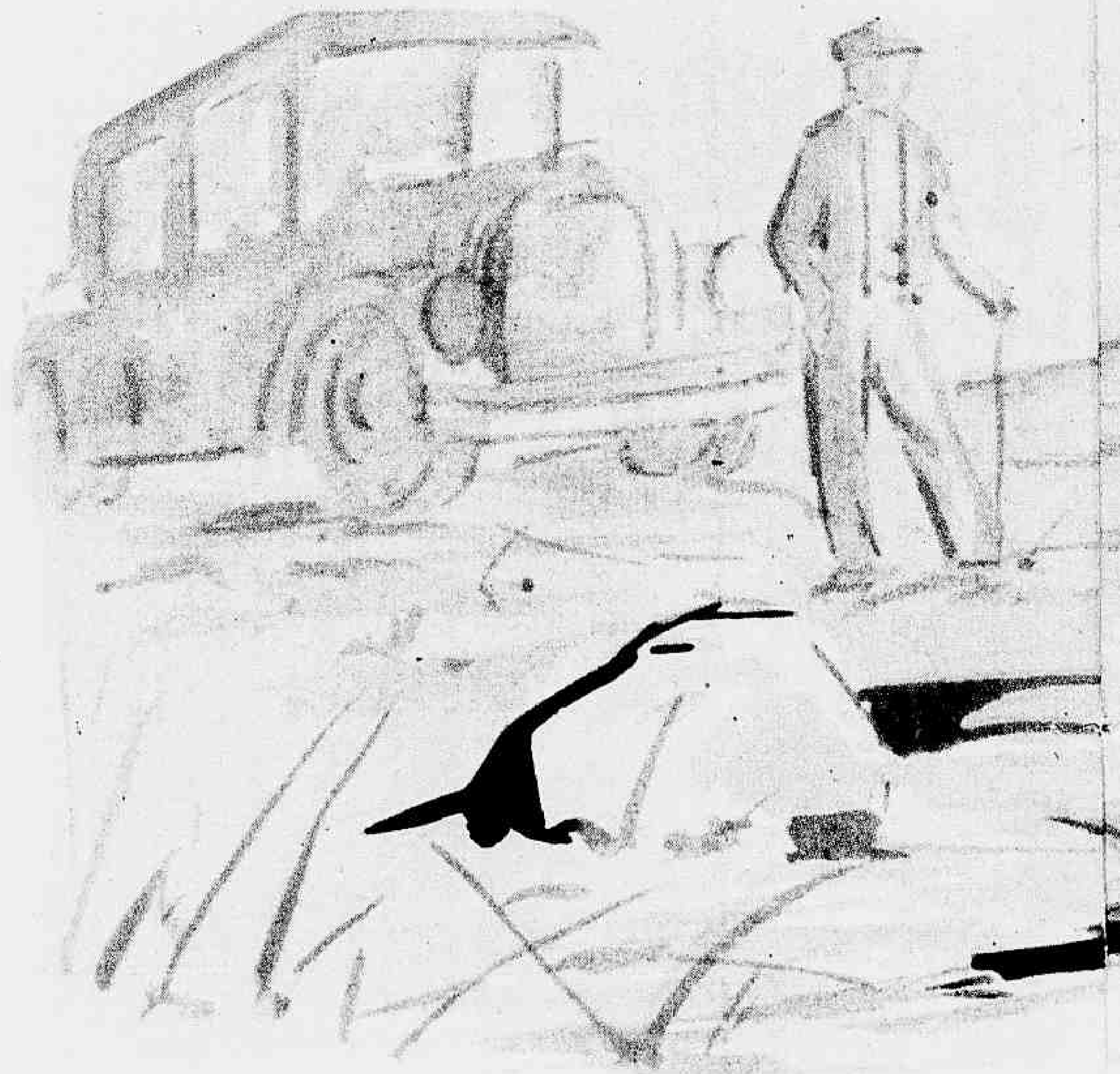
E' interessante destacar a profunda impressão que causou ao poeta Afonso Lopes Vieira, o fato de haver presenciado os fenômenos ocorridos no dia 13 de outubro. Tornou-se êle servita na Cova da Iria, ajudando a carregar as macas dos doentes durante a missa e a procissão. Mais tarde mandou construir na sua casa de S. Pedro de Muel uma capelinha em honra a Nossa Senhora de Fátima e compôs os versos do «Ave de Fátima», cantados pelos peregrinos de todo o mundo no dia 13 de cada mês, na Cova da Iria.

POSIÇÃO OFICIAL DA IGREJA

Logo no dia 15 de outubro, o Prior de Fátima, sem saber como interpretar e que atitude tomar ante os extraordinários acontecimentos do dia 13, escreveu ao Arcebispo de Mitilene, então à frente do Patriarcado, implorando-lhe que o orientasse. Recebeu, em resposta, ordem para interrogar pessoas que tivessem comparecido à Cova da Iria por ocasião do «bailado do sol», como denominaram as voltas executadas no dia 13 e principalmente conversar com os três pastôres e dêles obter tôda a verdade. Os inquéritos então realizados já foram aqui reproduzidos.

Também para Ourém e Pôrto Moz foram enviadas as mesmas ordens e em 11 de novembro de 1917, chegou ao Patriarcado o seguinte ofício, enviado pelo Reverendo Joaquim Vieira da Rosa, vigário de Pôrto de Moz: «Consultei muitas pessoas sôbre o assunto e tôdas elas confirmam o que disseram as testemunhas constantes do mesmo documento, e por isso me abstive de mandar escrever seus depoimentos. O que atualmente tem resfriado um pouco a fé de algumas pessoas é uma das pastôras ter dito que a guerra acabaria naquele dia mesmo ou na noite seguinte e ela ainda continuar com todo o incremento».

Depois de colhidas essas informações, novamente deixou a Igreja de se manifestar sôbre o assunto e sòmente em 1920, quando foi restaurada a Diocese de Leiria, o seu novo Prelado instaurou um processo canônico, acêrca das Aparições, e dos milagres — preparo para a primeira Pastoral que antecedera em um ano a grande Peregrinação Nacional, com todos os Arcebispos e Bispos portuguêses presididos pelo Cardial Patriarca.



REAÇÕES IMPIEDOSAS

Essas reações apresentadas pelos ímpios, mesmo quando em todo o país já não havia dúvidas do caráter sobrenatural das aparições, baseavam-se principalmente em algumas declarações de Lúcia, contraditórias como a que já foi mencionada acima, quando afirmava que a guerra terminaria naquele mesmo dia, 13 de outubro; nos vários interrogatórios a que foi submetida, às vêzes afirmava já ter tido visões antes de 1917 e em outras negava que tal houvesse ocorrido. Lúcia negava ainda uma afirmação feita por Francisco e que foi transmitida por sua mãe. Dizia ela que o filho lhe havia contado, em uma das primeiras aparições ter proposto a Lúcia atirar uma pedra na Senhora que lhes aparecia, para ver se era de fato gente.' A pequena negava que isso tivesse acontecido.

Quanto à dúvida relacionada ao término da guerra, para explicá-la, Costa Brochado, no seu livro, «Fátima à luz da História», tem as seguintes palavras:

«Quanto ao fim da guerra, nada podemos dizer, a não ser que Lúcia manteve sempre, de uma forma impressionante, que a aparição lhe dis-

● RESUMO DA PARTE PUBLICADA

O dr. Nunes Formigão, em casa de Jacinta e Francisco, submeteu Lúcia a novo interrogatório, através do qual ficaram confirmadas as declarações anteriores e foram revelados outros detalhes interessantes. Várias pessoas de destaque deram depoimentos sôbre os fenômenos que observaram na Cova da Iria, tendo o jornal «O Século» entrevistado o professor Frederico Oom, da Faculdade de Ciências e diretor do Observatório de Lisboa. Disse êle que as estranhas ocorrências não explicavam à luz da ciência, sendo efeito, talvez, de sugestão coletiva.



sera acabar a guerra naquele dia, mesmo quando lhe chamavam mentirosa, fazendo-lhe ver que a guerra prosseguia. E isso levaria o dr. Pinto Coelho a proclamar que, não podendo Nossa Senhora enganar-me nem enganar-nos, se devia concluir não terem as crianças ouvido tal coisa. Por nós achamos que o melhor é confessar a incompreensão do fato, sem tirar conclusões necessàriamente arbitrárias, no ponto de vista sobrenatural.

A título de curiosidade, diremos que a grande guerra terminou, virtualmente, um ano depois, sendo precisamente dos dias 12, 13 e 14 de outubro de 1918 os primeiros telegramas oficiais publicados na imprensa anunciando as disposições em que a Alemanha estava de aceitar as condições impostas pelos aliados para a paz.

Mas, quanto a Portugal, é inegável que com a subida ao poder do sr. Sidônio Pais, em dezembro de 1917, se deve considerar pràticamente terminada a nossa intervenção na guerra, não saindo mais tropas para a França e começando a regressar ao país numerosos oficiais e soldados».

Os outros dois pontos de dúvida podem ser explicados, o primeiro, de haver Lúcia ora negar ter tido alguma visão antes de maio de 1917 e ora afirmá-lo, tê-lo ela feito em um momento de desatenção ou comodidade. Quanto à proposta de Francisco para atirarem uma pedra na Visão, Lúcia negou sempre que houvessem atirado a pedra; isto nos leva a crer, como diz ainda Costa Brochado, que a frase possa ter sido formulada, embora a proposta não fôsse **aceita**.

Os inimigos da Igreja valeram-se ainda de outros ardis para atacar os fatos extraordinários que vinham ocorrendo em Portugal. Assim, serviram-se da afirmação de que o pai de Lúcia bebia muito e que ela sendo filha de um alcoolatra, poderia ser anormal, tal afirmação no entanto não cabia a Francisco e Jacinta, que também presenciavam as aparições.

Em 8 de novembro de 1917, o jornal «A Monarquia», órgão do «Integralismo Lusitano», partido formado por intelectuais e única fôrça que verdadeiramente se opunha à República e ao Liberalismo, publicou um artigo combatendo a opinião geral que se formava a cêrca dos acontecimentos de Fátima. Êsse artigo parece não ter tido réplica. Terminava dizendo que achava Portugal plenamente merecedor que a Senhora descesse nas suas terras.

(Cont. na pág. 48)

Três maquillages Três tipos

● A mesma jovem com três aparências diferentes. Não é interessante ver o que pode fazer a «maquillage»? O mais importante, porém, é que o seu rosto agrade a seu eleito.

Mostrando as três fotografias a 100 homens, perguntamos-lhes qual das três lhes agradava mais. E, eis o resultado:

50 PREFERIRAM...



... a «maquillage» que apresentava mais «glamour». Eis, mais ou menos, o que disseram da vencedora. É verdade que se percebe o «make-up», mas vê-se também que foi aplicado com delicadeza. As sobrancelhas foram cuidadosamente desbastadas, e ela usa máscara para os olhos, acentuando-lhes a beleza. Os lábios parecem naturais, ainda que o baton tenha sido passado abaixo da linha inferior (apostamos como segue o nosso conselho de passar o baton duas vêzes — secar com papel absorvente, e aplicar uma terceira camada). Seu penteado é correto, os cabelos brilhantes, sem exageros. Vê-se que é uma jovem sadia, que tem a preocupação de ter sempre a pele bem tratada.

30 PREFERIRAM...



... a «maquillage» tipo «ao natural». Interessante é notar que os homens que votaram nessa fotografia eram todos jovens, e explicaram: «Vê-se que esta jovem não gosta de «aparecer», antes é um pouco tímida, mas atrai pelo seu sorriso despretensioso. Pode não ter «pose», mas tem um encanto alegre. Nós temos às vêzes mêdo de abordar certas jovens, mas esta aqui nos deixa à vontade, e não deve ser uma pessoa que nos torne a vida difícil. Ela usa apenas um pouco de baton como «maquillage». Porém, tem a pele limpa e saudável sem pintura, que lhe dá uma aparência higiênica. Se seu namorado é muito jovem, siga o exemplo dessa moça.

20 PREFERIRAM...



... o tipo «eficiente»... que vemos diàriamente nas lojas, nos ônibus, nos escritórios. É a jovem que se maquila mais para agradar a si mesma do que aos homens. Usa baton, mas não o suficiente. Penteia as sobrancelhas, mas não as desbasta. Põe nos cílios um pouco de vaselina, mas não usa máscara. Sua norma é em tudo «moderação». Seus cabelos são bem penteados, bem cortados, mas um pouco «rígidos», não acha? Muitos homens observaram a seu respeito: «Tem a aparência de ser uma jovem extremamente eficiente».

VARIEDADES

● *CASA GIRASSOL — Provàvelmente você gostaria de ter uma casa como essa que está sendo inventada nos Estados Unidos: uma casa que gira sôbre si mesma, regulada por delicado sistema de relojoaria. A vantagem é que você poderá ter sempre a fachada do lado da sombra ou do lado do sol, conforme preferir, bastando regular, para isso, o mecanismo que é complicadíssimo e que, por isso mesmo, está previsto que sòmente será executado em 1960. Os projetos ainda não chegaram a um resultado definitivo. Mas vale a pena esperar até lá.*

● *CAPRI X PARIS — Estamos assistindo ao início de uma grande batalha no domínio da moda feminina, entre a pequena ilha de Capri e a grande capital francesa. E' que Capri resolveu ditar a moda, já que pode contar com o apoio de milhares de elegantes do mundo todo que lá se vão deliciar com os seus encantos de ilha mediterrânea. "Não impomos os nossos modelos às clientes que nos procuram — diz uma das principais criadoras da moda de Capri — mas procuramos criá-los de acôrdo com as aspirações que manifestam, e que sempre encontram justificativa no ambiente e no tempo em que vivemos. Uma outra inovação é que primeiro criamos os modelos e depois confeccionamos o tecido apropriado ao mesmo. Por isso lançaremos êste ano o tecido "a duas peças", isto é, já próprio para um só corte se puder cortar saias e blusas ou saias e palitós. Não só as côres serão diferentes, mas, ainda, a própria trama e material".*

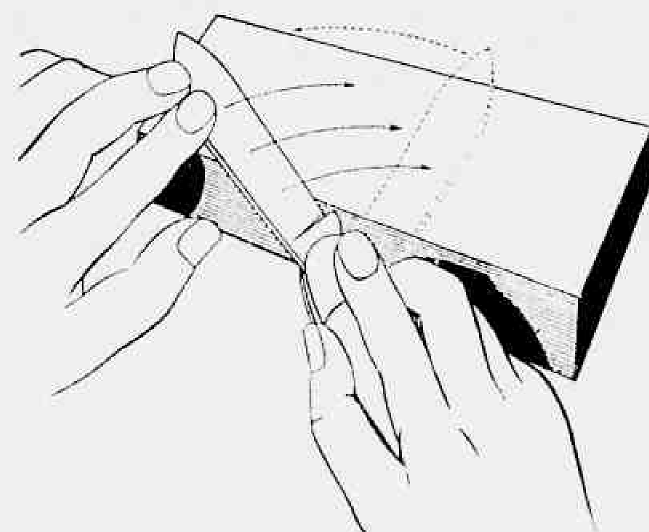
● *A RECEITA DA ANCIÃ — Gostamos sempre de conhecer como vive uma pessoa para conseguir chegar a mais de 100 anos de idade. Interessante é pois saber a explicação da senhora Ella Esser — alemã, de Rinkerode — para os seus 104 anos que acaba de completar. "— Eu sempre fiz isso: todos os dias bebo grande quantidade de café e de "cognac".*

● *QUERIA SE CASAR — Um processo interessante contra o govêrno inglês foi feito recentemente pela "senhorita" Betty Huron, de 64 anos de idade. E' que havia se inscrito em um grupo de jovens que desejavam imigrar para a Nova Zelândia com a finalidade de, naquela ilha inglêsa, encontrar um marido e formar novo lar. A inscrição da senhorita Betty não foi aceita, e ela ficou indignadíssima com o govêrno.*

● *O QUE DESEJO ESQUECER... — Uma revista norte-americana dirigiu a seguinte pergunta a seus leitores: "O que mais desejaria esquecer?". Naturalmente as respostas foram as mais diversas, desde crimes, más ações, erros da mocidade, até a seguinte, considerada a mais curiosa: "Desejaria me esquecer do gôsto dos pratos que me prepara minha jovem espôsa... mas não consigo".*

NOTINHAS ÚTEIS

FOLHINHAS DE HORTELÃ — Se quer que as pulgas não entrem em sua cama (e quem não está livre de pulgas nas grandes cidades, em que elas proliferam até nas melhores confeitarias e cinemas?) — ponha entre o colchão e o lençol do fôrro algumas folhinhas de hortelã pimenta.



PARA TECIDOS DELICADOS — Para lavar rendas finas ou tecidos muito delicados, aproveite a água em que cozinhou as batatas. O resultado é excelente.

ABAJURS DE PERGAMINHO — Limpam-se com um pano úmido, bem limpo, deixando-se, depois, enxugar ao ar livre, porém na sombra.

PUDINS E DOCES — Ficarão mais bem cozidos se você puser dentro do forno uma vasilha cheia d'água.

LATAS DE LIXO, BALDES, ETC — Em ferro recoberto com uma camada de zinco, devem ser lavados apenas com água e sabão. Evite abrasivos, que retirariam a camada protetora.

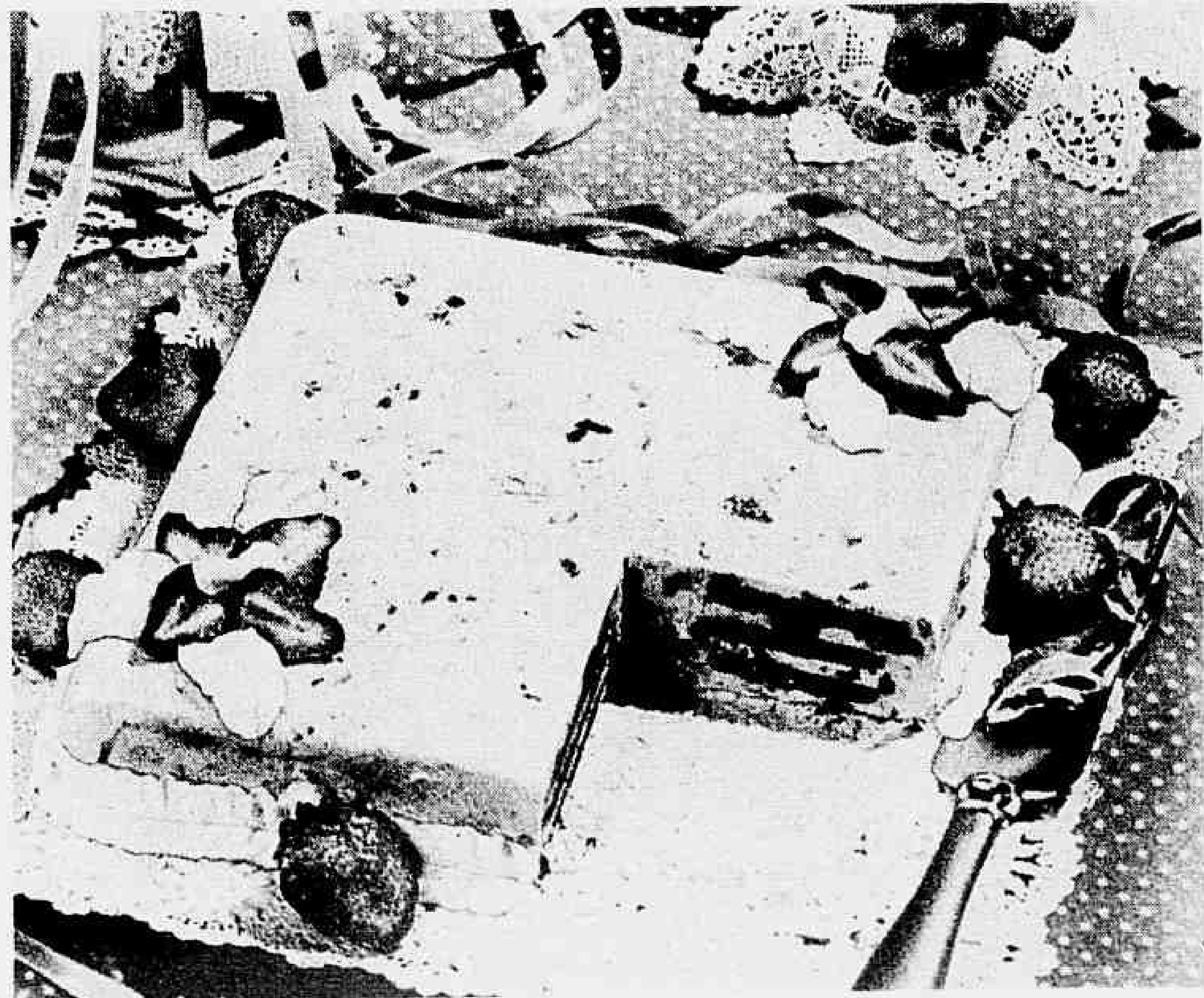
AFIE AS FACAS DE COZINHA — Um afiador de facas é peça indispensável em sua cozinha. Amole-as, passando a lâmina de um lado e de outro. Cêrca de 20 vêzes para cada lado é suficiente para uma faca não muito cega.



WEEK-END NA COZINHA

PAVÊ FESTIVO

Um doce deliciosamente gelado para uma festa de aniversário dêste fim de verão. Prepara-se num instante, e põe-se no refrigerador até à hora de servir. 1 — Forre uma fôrma quadrada com papel impermeável, cortando duas tiras, que se cruzam no fundo da fôrma, recubram os lados, e ainda sôbre uns 3 centímetros para se retirar o doce depois de pronto, puxando-a. 2 — Bata 2 xícaras de cremed e leite, com 1/2 xícara de açúcar e 1 colherinha de essência de baunilha. Junte $1\frac{1}{2}$ xícaras de morangos em conserva ou em geleia, bem amassados. 3 — Espalhe cêrca de quarta parte dessa mistura no fundo da fôrma. Arrume por cima uma camada de biscoitos wafers de chocolate. Ponha outra camada de creme, e outra dos mesmos biscoitos. Forme mais uma terceira camada, e termine com uma outra de creme. Ponha na geladeira, e deixe gelar de 2 a 3 horas, ou de um dia para outro. 4 — Na hora de servir, vire-o num prato, e, com delicadeza, retire o papel impermeável. Enfeite com creme de leite batido, e morangos inteiros, se desejar.



Sugestão para o lar

● Os móveis em cana da Índia estão deixando de ser mobiliário de varandas e jardins de inverno para ingressarem em ambiente mais convencionais, como salas de estar e até mesmo de refeições. Eis um exemplo do primeiro caso, em que o decorador Ficks Reed obtêve um interessante efeito combinando madeira encerada e cana da Índia.

● Chama a atenção pela sua utilidade prática a mesinha de centro, com espaços laterais e inferior para revistas e livros. O tampo é em fórmica tonalidade pastel. No mesmo estilo são as duas mesinhas laterais ao sofá.

Quanto à tonalidade laranja é o estofamento dêste último, e as três almofadinhas em cima do mesmo: verde, bege e azul. Estas côres são repetidas nas listras dos pés das lâmpadas, e no estofamento de uma das poltroninhas de braços. Completando o mobiliário tão simpático, porém nada formal, o decorador revestiu o chão de linoleum cinza azulado, em tonalidades diversas.



Marta Rocha, no dia em que foi entrevistada, fêz uma visita ao Asilo de Vila Isabel, onde foi alvo de grandes manifestações de aprêço dos internados que ofereceram flôres à segunda mais bela do universo.

MISS BRASIL ESTÁ MILIONÁRIA

(Cont. da pág. 29)



Eis o agente de Marta Rocha, sr. Alcino Guedes, ao qual atribui o sucesso econômico de Miss Brasil 1954.

JÓIAS E VESTIDOS

O guarda-roupa de Marta está atingindo a casa dos duzentos vestidos oferecidos por lojas de fama no Rio e em São Paulo. Além dos vestidos, vários particulares ofereceram jóias no valor aproximado de dois milhões de cruzeiros: 28 anéis de platina, ouro e brilhantes; uma pulseira no valor de Cr$ 140.000,00; 8 relógios marca «Cyma» e «Omega»; 25 pares de brincos, que Miss Brasil não usa por não ter as orelhas furadas e temer fazê-lo.

Martinha recebeu ainda várias placas e bronzes de grande valor, andando sua fortuna, segundo os mais íntimos, pela casa dos 20 milhões.

UM APARTAMENTO

Dizem-nos que, mesmo contra a vontade de seu pai, o sr. Álvaro Rocha, a jovem e bonita patrícia está negociando por três e meio milhões de cruzeiros, um apartamento na Avenida Atlântica, esquina de Bolivar, no edifício «Palácio Bolivar». Marta decidiu comprar o apartamento porque pretenderia fixar residência no Rio. Coisa que seu pai ainda não aprovou.

JULIETA DA RUA BABILÔNIA

O repórter entrevistou Marta Rocha, recentemente, num asilo da rua 28 de setembro, onde foi ter a convite do prefeito Alim Pedro. Recebida com entusiasmo pelos velhinhos que a Municipalidade mantém, Marta teve sua atenção despertada para uma velhinha que a chamava com insistência. Tratava-se de uma senhora espírita que lhe perguntou:



Novamente o agente de Marta, cantando (êle é baixo) entre os «Trigêmeos Vocalistas», seus velhos amigos.

Miss Universo voltará ao Brasil dia 29 de Março (a convite de Marta Rocha)

— Quem é você, menina?

— Sou Marta Rocha.

— Marta Rocha?

— Sim, Miss Brasil...

— Qual nada! Você é a Julieta da rua da Babilônia...

Marta sorriu e afastou-se enquanto a velhinha insistia:

— A cara é outra, o corpo também, mas nunca pensei que a Julieta viesse encarnar numa pessoa tão bonita... Coitadinha! A Julieta sofreu tanto... Ela merece...

ALI KHAN E BENÉ NUNES

Marta Rocha é moça de juízo, que sabe o que faz. Sòmente se casará quando fôr independente por completo, e para isso trabalha ativamente. Talvez por êsse motivo sacrificou o amor de Bené Nunes, artista que seus íntimos confessam ter realmente caído na sua simpatia:

— Houve de fato romance entre Bené e Marta, mas acontece que, segundo Marta, Bené estaria tirando vantagens publicitárias com o caso, o que não acreditamos.

Depois soubemos que o príncipe muçulmano Ali Khan teria confessado a Miss Brasil ser, ela, o motivo único de sua volta ao Rio. Quis conhecê-la pessoalmente, impressionado pelas fotos da brasileirinha. Encontraram-se na casa da sra. Irene Guinle. No mesmo dia (1º de março), foram ao Sacha's, ao Vogue, e dançaram na residência de Didu Souza Campos, no dia 2 do corrente. Por fim, tempo perdido para o príncipe: Martinha não se mostrou interessada.

Claro que muitos pretendentes têm surgido à mão de Miss Brasil, inclusive um banqueiro, candidato rasoável, de nome fabuloso, e ainda o sr. Antônio Mayrink Veiga. Quanto a êsse, Marta Rocha pediu ao repórter um desmentido:

— Não houve absolutamente nada com êsse moço. Nem haverá tampouco.

MISS UNIVERSO EM CENA

A propósito: Myrian Stevenson (Miss Universo), teria saído molestada, do Brasil, com o tratamento dispensado por alguns cronistas à sua pessoa. Não gostou dos freqüentes confrontos com Marta Rocha. Para desfazer essa má impressão, muito gentilmente Marta convidou Miss Universo para outra visita ao Brasil. Myrian aceitou o convite e sairá dos EE.UU., dia 29 do corrente.

AS MEDIDAS

Miss Brasil está esguia, muito elegante, com alguns centímetros a menos. Perdeu oito quilos na agitação carnavalesca. Por isso mesmo, o manequim 42 lhe assenta corretamente, agora; mas os sapatos nº 36 já lhe ficam um pouco folgados, o mesmo acontecendo com as demais peças de roupa da beldade, reajustadas para poderem ser vestidas. Também o busto perdeu um pouco com os oito quilos «desperdiçados» durante as festas de Momo; em compensação, Marta tem agora menos cintura.

PUBLICIDADE E COMPENSAÇÃO

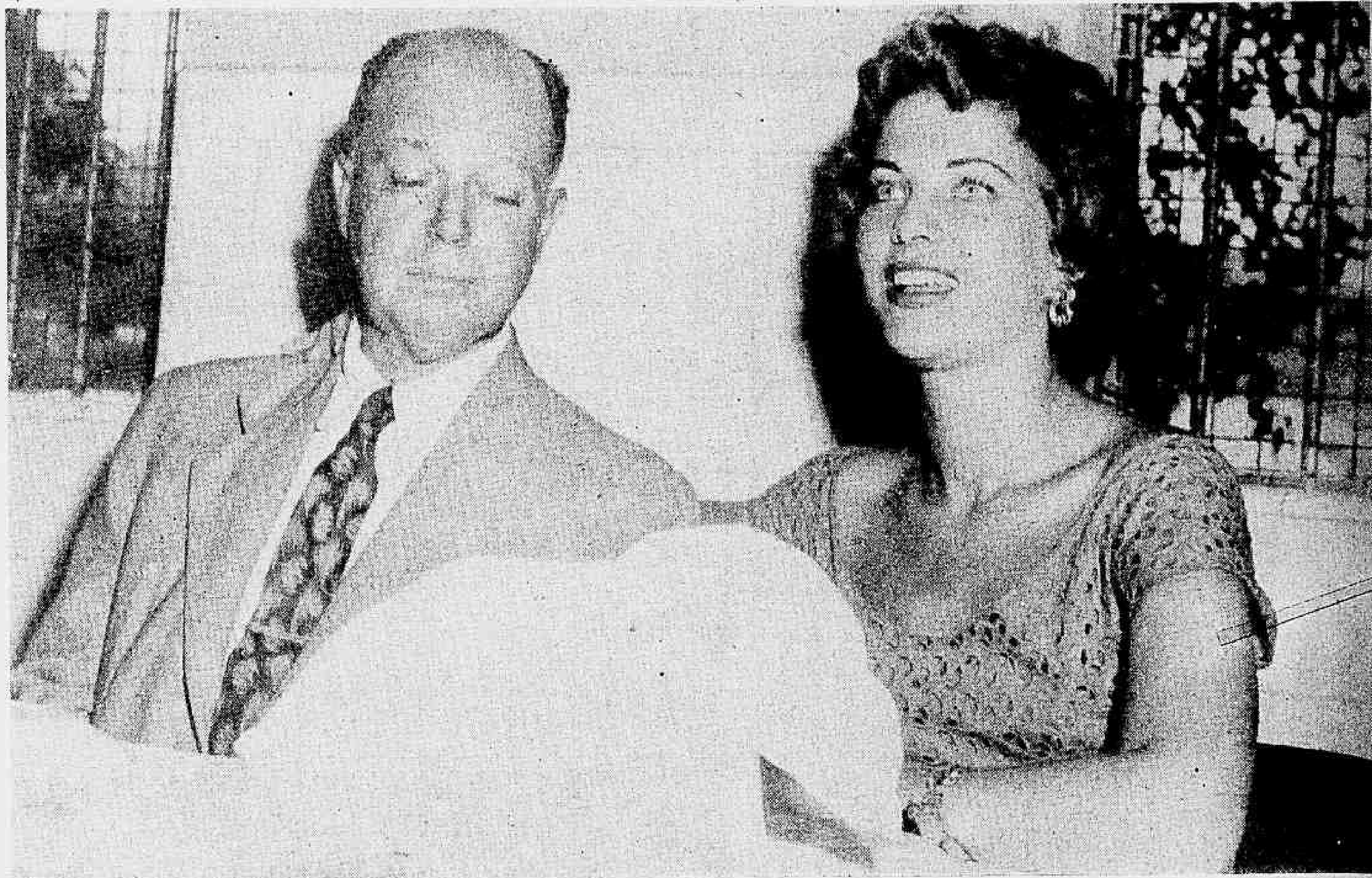
Antes de terminar o caso Marta Rocha, darei ao leitor uma idéia do que é publicidade bem feita: Ginger Rogers talvez nunca chegue a saber de onde saiu o dinheiro para custear-lhe as despesas de viagem ao Brasil. O autor desta reportagem, por questão de ética, deixa de citar a fonte, adiantando apenas um detalhe que fêz a «estrêla» perder a calma. Ao receberem (Ginger e Elaine Stewart) as baianas que lhes foram oferecidas para brincar o Carnaval, entusiasmaram-se. E foi-lhes dito que as baianas tinham por título, a marca de uma famosa fábrica de tecidos. Desde então, cada vez que alguém admirava as fantasias, Ginger repetia o nome «comercial» da baiana. Tarde da noite, no Municipal, um repórter indiscreto explicou que tal denominação não existia, e que tudo não passava de publicidade. Ginger mostrou-se aborrecida: — «Oh, non! Publicidade só com money...»

★

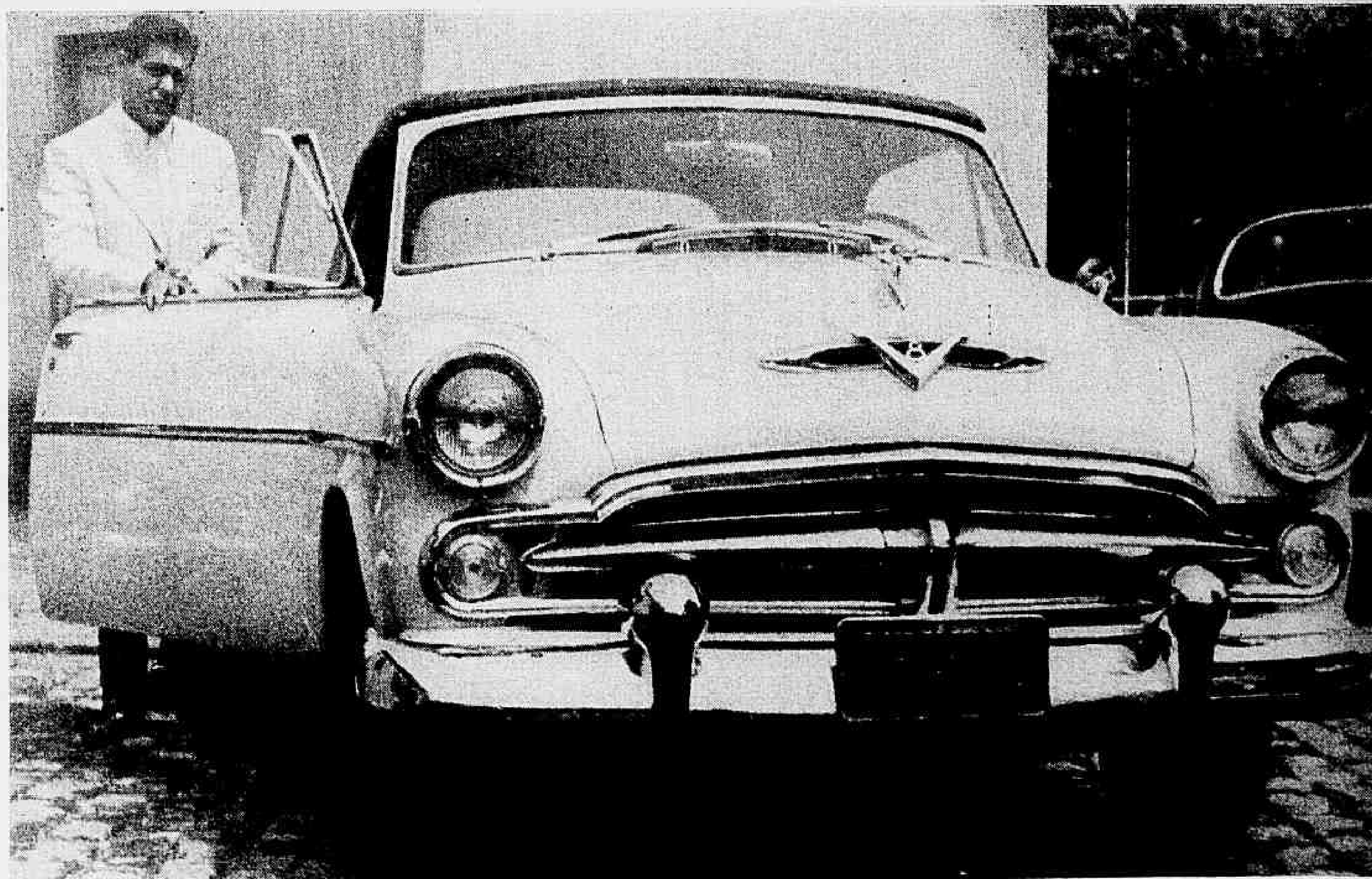
Marta Rocha que é da terra e conhece todos os malabarismos nacionais, não se deixa enganar. Estuda meticulosamente cada proposta que recebe e seu «manager» dá a última palavra se convém ou não. Recentemente, de Belém ela recebeu a proposta de Cr$ 200.000,00 para se apresentar no auditório de uma emissora com os trajes exibidos na prova final dos EE.UU. — e rejeitou. Várias viagens tem, no entanto, programadas: Irá a Juiz de Fora e Pôrto Alegre, depois ao Chile e Argentina; de volta assistirá em Caxias do Sul à Festa da Uva e dará, mais tarde, um pulo ao México.

MARTA ROCHA, UM PÁREO DURO

Miss Brasil é uma jovem igual a qualquer outra, com as mesmas aspirações, desejando casar-se e criar muitos «barrigudinhos». Mas, enquanto não surge o seu príncipe, vai cuidando da vida, contra a própria vontade. O têrmo «contra a própria vontade» é paradoxal, mas está certo. Mas só faz as coisas deliberadas pelo seu «manager» e, como tôda mulher, não gosta de sair da cama mais cedo ou de chegar à hora marcada a qualquer encontro. Muito atenciosa, Martinha (assim chamada pelos íntimos) sofre com as aglomerações, coisa que detesta mas que é obrigada a suportar em virtude da popularidade que conquistou. Temos notado que certas pessoas procuram isolar Marta Rocha de terceiros e com isso ela sofre intimamente. Não gosta de viver isolada. A verdade é que Miss Brasil está sendo monopolizada a tal ponto que, acredito, não fôsse a necessidade de continuar a luta, já teria desistido de tudo e de todos, preferindo cuidar mais do espírito e daqueles que realmente lhe querem bem.



Marta e seu pai, sr. Álvaro Rocha, homem de bem e graças a quem Marta tem uma boa educação e excelentes princípios..



Já ofereceram 800.000 cruzeiros pelo carro de Marta, junto ao qual aparece o sr. Paulo Durante, amigo de Miss Brasil.

Elinete Cardoso

uma nova grande atração da

RÁDIO MAYRINK VEIGA

CANTANDO TODAS AS
SEGUNDAS FEIRAS
'AS 20,30 HORAS

numa gentileza da

GORDURA DE CÔCO CRISTAL

pura... diferente... cristalina!

DIV. PRA 9

CRISTAL

"SO LIFE GOE'S ROUND AND ROUND..."

● Tres dias de que? Folia? Loucura ou apatia? Apatia, sim. Nem folia, nem loucura... Ninguém pôde querer nada...

Todo mundo entrou dentro de si mesmo e ficou se espiando sem querer nada... E passaram os três dias. E vieram as sempre mesmas velhas dívidas... Os casais continuaram brigando... Ninguém se sentiu bastante feliz para não brigar com ninguém...

O arlequim estava com cara de palhaço, o palhaço com cara de pierrô e o pierrô nem tinha cara...

— Que Carnaval bêsta...

Quem pode na confusão abracadabrante dêste hoje de rush atômico e violento parar e sentir as alegrias de ontem? Ninguém. A gente pode apenas chorar... Resar em ritmo de samba, desejando um amanhã... Que amanhã? Qualquer amanhã. Hoje é ruim! A vida não é um sorriso. E' careta. Careta feia. Somos crianças assustadas, com mêdo, pânico... Os marcianos do Disco Voador! A bomba de hidrogênio! Hitler superado, e êle já era desumano... Átila e Gengis Khan coordenados na destruição disto que se chama humanidade.

Carnaval! Ah, ah, ah...

Fuga, isto sim. Fuga desordenada. Ninguém sabe mais nada. O que é que aquêle sujeito está fazendo? Está inventando. O que? Alguma coisa para matar... Ninguém mais inventa saquinhos para caçar borboletas... Para que? Ninguém mais quer borboletas... Os campos cheiram a pólvora de Gerecinó! E' preciso viver! Para viver é preciso matar! Cadê a poesia do minueto no poema das anquinhas, cadê? Cadê o cravo de Francisco Manuel...

Ouviram do Ipiranga

Às margens plácidas...

Ibirapuera!!! Homens do asfalto!

Gritos violentos de fábricas paradas... Flamengo campeão! Carnaval, não! Carnaval é festa de povo contente. O Flamengo é campeão, mas foi João Carlos que fêz o maior gol...

O povo não está contente. Está amargurado e triste olhando a vida... «So life goe's round and round...»

BASTIÃO PRATA

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ NOTICIÁRIO ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★



A fotografia é de Vilma Faria, rádio-atriz da equipe da Mayrink Veiga, e a popularíssima D. Orozimba da Anunciação da «Perreanove».

A cidade inteira e o Brasil comenta mais uma pretensa sujeira do Grante Otelo. Não há nada disso. Pela ordem, o negócio é o seguinte: Na boite, quando me casei, solicitei uma ajuda de cinqüenta mil cruzeiros ao senhor Carlos Machado. Êle não me deu porque estava estourado com a construção do Sacha's Bar. Com a data marcada para o casamento não pude nem quis transferir. Afinal não é sempre que se encontra um brôto igual ao meu. Fui obrigado a fazer dívidas para montagem da minha casa que, graças a Deus é muito legal. Na manutenção da casa, despesas de apresentação do casal, etc., novas dívidas foram contraídas somando no momento um total de cento e cinqüenta mil cruzeiros, no comércio carioca. Tornei a pedir empréstimo em bancos, a amigos e nada. A essa altura cheguei à conclusão de que precisava de uma licença do Machado para viajar e ver se conseguia um grande numerário (gaita grande, tá bem?) para acertar os meus negócios. Consegui agora a licença e tudo começou a ir bem com tendência a melhorar. A quem possa interessar, é só o que eu tenho a dizer com relação a boite. Com relação aos problemas lá de casa a Olga está esperando o Bastiãozinho e anda que só uma pilha de nervos. Eu, meio destreinado, ou sem treino nenhum para estas situações, não tenho paciência, às vêzes, de maneira, que acontecem estas explosões. Quando eu estava para nascer também deve ter havido o diabo, mas foi lá em Uberlândia, onde o cartaz do Chico Prata só era local e a imprensa não estava tão adiantada. De maneiras, colegas, que vamos deixar isto para lá, e nos preparar para a chegada do Bastiãozinho, porque êle vai ser o sujeito que vai dar um jeito nesses Brasis. Tá?

★

Braga Júnior, o espetacular locutor da sua estação, a nossa PRA-9, a mais moça-revelação, Lana Bittencourt, também lá de casa, passam os dias e as noites esperando que os lilases floresçam... Lindo...

★

Dia 3 na T.V. — O Anjo azul, Ariston tipo Danny Kaie (?), Cláudia Morena, Claudete Soares (ritmo pra diabo), uma menina também muito ritmada e um conjunto. Muito bom show.

★

Ana Carol ganhou oito dias de «licença» teve uma gravação interditada em São Paulo e foi embargada na Rádio Mayrink Veiga. A cana é dura mineirinha...

★

Nanci Wanderley teme novas oportunidades no show «Êste Rio Moleque» da boite Casablanca... Se a dor que mora na alma no rosto se estampasse...

★

Odaléia, ex-secretária de todos os radialistas, foi convidada para a secretaria do Sindicato dos Músicos. O presidente Pereira Lira disse que não é só trombone que êle sabe...

★

Renato Consorte, o que saiu do T.B.C. para o teatro de bôlso, faz parte também da equipe de comediantes da Mayrink Veiga. Deveria também entrar no próximo show do Casablanca, mas acontece que esta é uma opinião minha...

★

Hélio Colonna já voltou ao show do Casablanca. Dizem que está melhor do que nunca. No not look the mirror...

Agnelo Martins Santos, o melhor gerente de boites que anda por aí, tem o show business no sangue, pois tem um irmão que é empresário na cidade do Rio Grande e êle mesmo já tem feito ótimos shows externos com pleno êxito. O último foi no Clube Monte Líbano...

★

Luís Alípio de Barros, «dono» da «Última Hora», é um sujeito de opinião. Quando chegou ao Rio quis fazer a biografia do papai aqui. Desistiu porque o biógrafo do papai já era o Samuel Wainer. Resolveu escrever para o Samuel...

GRANDE OTHELO



Ciro Monteiro, o nosso bom Ciro Monteiro, vem aí com o samba «Escurinho» e em dueto com a cantora Marilena. Sucesso!



ESSAS RAINHAS... ESSAS RAINHAS...

AS "MARMELADAS" DOS CONCURSOS — SEMPRE UMA CONFUSÃO, PARA NÃO FUGIR À REGRA — A RAINHA QUE QUASE PERDE A COROA — OS CERTAMES "TRADICIONAIS"

Texto de SAMUEL AVERBACH



RAINHA DO RÁDIO

Vera Lúcia

● A cantora da Rádio Nacional, que já fôra princesa no reinado de Ângela Maria, conseguiu levar de vencida suas duas mais sérias concorrentes, Bárbara Martins e Nora Ney, ambas também da Nacional, totalizando mais de 140 mil votos e derrotando a segunda colocada por uma boa margem. Para a A.B.R. o concurso foi um autêntico sucesso e, para Vera Lúcia, um resultado que faz jus à sua perseverança, uma vez que no ano passado trabalhara com afinco pela vitória no certame.

MAIS uma vez, o Carnaval serviu de pretexto para a realização de uma série de concursos, autênticas "virações" para determinadas organizações, havendo uma verdadeira inflação de rainhas, no período momesco. Assim é que tivemos a coroação das já tradicionais Rainha das Atrizes, Rainha do Carnaval, Rainha do Rádio (neste certame, a A.B.R. apurou mais de um milhão para a construção do seu hospital), e as inovações instituídas para eleger uma Rainha dos Ranchos, outra Rainha da Folia, a "Miss" Imprensa e, finalmente, falou-se em eleger a Rainha da Cidade (?), concurso êste que, felizmente, ficou apenas em projeto, pois as suas mais "sérias" candidatas eram Elvira Pagã (a célebre Rainha da Mata, expulsa de certo baile carnavalesco por conduta imoral), Joana D'Arc, Maria do Céu e Dora Lopes, além de Marta Ritter. Vemos, assim, que a pluralidade de competições no gênero chega a constituir um exagêro, desvirtuando as finalidades de alguns concursos, que visam, honestamente, eleger as figuras que mais se destacam no meio em que brilham. No entanto, com a velha e lucrativa história do voto comprado, não vai não... Quantos autênticos "abacaxis" não são eleitos, sòmente por contarem com a proteção de algum abastado senhor? Que o diga Nora Ney...

RAINHA DAS ATRIZES

Janete Jane

● Êste é, talvez, o certame mais antigo e movimentado de quantos se realizam no Carnaval. É promovido pela Casa dos Artistas, em favor dos velhinhos que estão internados no Retiro de Jacarèpaguá. Caracterizou-se por uma autêntica luta entre os cabos eleitorais de Janete Jane, Lia Mara e Salomé Parísio, tanto assim que, até à última apuração do concurso, não se tinha idéia de quem seria a vencedora. Ao fim de tudo, Janete Jane, «vedette» que apenas desponta, levou de vencida a loura e a morena veteranas dos nossos palcos.

RAINHA DO CARNAVAL



Ivana Rodrigues

● O concurso da Associação de Cronistas Carnavalescos, mais uma vez, deu o que falar. Ivana Rodrigues, que já saíra vencedora do mesmo em 1952, voltou disposta a repetir o brilhareco e conseguiu derrotar a «fuzileira» Margot Morel, a horrível Ester Tarcitano e a bonitinha Pina Brunette, além de outras. O mérito de Ivana foi que, nas cinco apurações realizadas, ela se manteve à frente das demais candidatas. A coroa de ouro que lhe ornamentou a cabecinha (se bem que ela já passe dos trinta) tinha o valor de 50 mil cruzeiros e despertou a cobiça de um certo credor da Rainha, tanto assim que, na hora da coroação, apareceu um oficial de justiça, munido do necessário mandado, para penhorar a jóia inestimável da feliz Ivana. Ao fim de tudo, as coisas foram solucionadas com um cheque assinado por um dos súditos da Rainha e, assim, todos acabaram satisfeitos, caindo na folia, esquecidos do vexame real...



RAINHA DOS RANCHOS

Ilka Pereira dos Santos

● Foi eleita em seguida a uma seleção inicial, que deixou apenas três concorrentes à escolha final. Após breve discussão entre os membros da comissão, a representante do Rancho Unidos do Morro do Pinto foi consagrada Rainha dos Ranchos, em 1955. Neste concurso, pelo menos, parece que houve um bom grau de honestidade da parte das concorrentes, dos seus padrinhos, e daqueles que foram incumbidos de julgá-las. Pelo menos não houve brigas, nem escândalos, todos aceitando o reinado de Ilka.



MISS IMPRENSA

Petronilha Pimentel

● Na festividade promovida pela Comissão de Assistência Social do Sindicato dos Jornalistas Profissionais, foi aclamada vencedora do concurso Petronilha Pimentel, muito conhecida dos profissionais de imprensa, pois era sempre visível nas redações. O interessante é que as cédulas necessárias ao voto foram cedidas gratuitamente, o que deve ter proporcionado justiça, na eleição e apuração do concurso. O prêmio principal para a vencedora consiste numa viagem à Argentina, com despesas pagas.



RAINHA DA FOLIA

Arremak

● A jovem representante dos Embaixadores foi a laureada no concurso dos grandes clubes carnavalescos, realizado sem estardalhaços e sem publicidade. Para não fugir à regra, houve um toque de originalidade no desfile do séquito da soberana. Ela, que devia abrir o desfile das sociedades na têrça-feira, em lindo carro alegórico, teve o veículo danificado inteiramente pela chuva e viu-se obrigada a desfilar na principal alegoria do seu clube, quase sem ser notada pela multidão presente na Avenida.

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as ÁGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Retiro", "Fonte do Paiol", **"Fonte Vilela"**, "Pedra Balão" e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. À natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.



O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.



COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS



RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Águas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelos telefones 20, 4 e 29. Águas da Prata é servida pelas magníficas emprêsas de ônibus EXPRESSO BRASILEIRO VIAÇÃO LTDA. e VIAÇÃO COMETA S. A.

DESCONTO ESPECIAL DURANTE OS MESES DE MAIO A DEZEMBRO



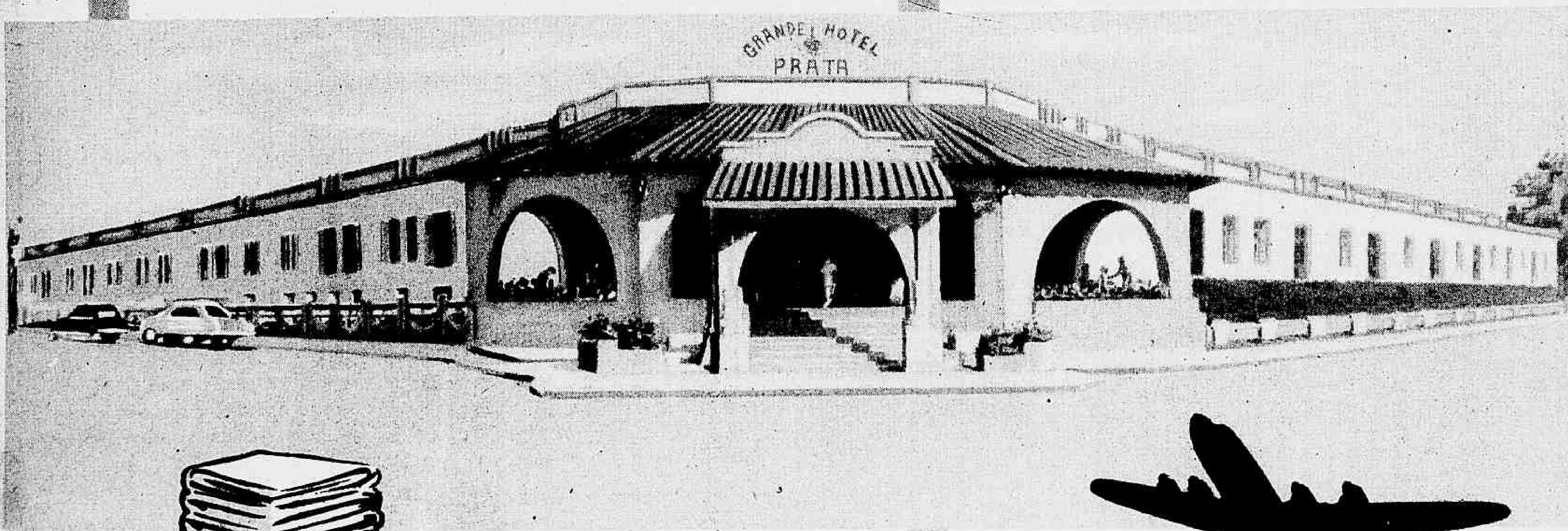
EXCELENTE BAR



AMPLA VARANDA



SALÃO DE REFEIÇÕES

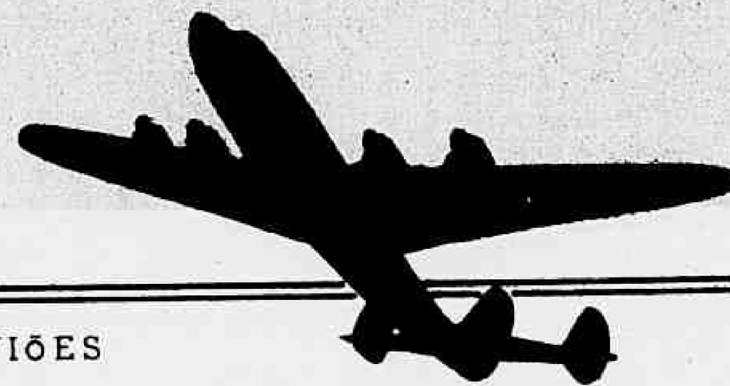




ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

"A VICHY BRASILEIRA"



AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via São Paulo

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte

(do aeroporto a Águas da Prata em 30 minutos de automóvel)

BLACK BEER

BARÃO DE BANGU

AGORA NÓS ESTÁ COM TUDO

● Alguns sujeitos alfabetizados como os irmãos Condé, o sr. Raimundo Magalhães Júnior e outros, tiveram a petulância de fazer restrições aos cronistas sociais, classe que presta a mais nobre colaboração à grandeza do país, estimulando o consumo do uísque a pêso de dólar ao câmbio de Zica. Acontece que tal atrevimento não poderia ficar sem um justo protesto, não poderia ficar sem um esclarecimento que colocasse a questão nos seus devidos têrmos. Ninguém pode desconhecer a importância dos serviços que prestam à pátria e às instituições democráticas, os valentes e abnegados cronistas sociais. Sem êles, como o povo poderia ficar sabendo que a Senhora X anda de namôro com o Senhor A, ou que que a Senhora H recebeu do marido da Senhora V um colar de presente no valor de 200 pacotes? Como iríamos saber as noites em que a Senhora T recebe convidados para gastar em jantares e champanhotas o dinhiro farto das negociatas do marido? Como o povo poderia aprender as preciosas lições do Senhor B sôbre a maneira de embocar um cachimbo, ou o melhor tempêro para comer peito de faisão dourado? Defendendo essas e outras razões mais ponderáveis, estou solidário com os meus eminentes colegas de crônica social, principalmente com o caro Jaminto de Mornes, que soube muito bem justificar a inutilidade da cultura em nossa profissão. Disse êle que nós não precisamos de curso ginasial, não precisamos saber escrever, pois para isso a imprensa tem redatores e revisores. Necessitamos apenas estar bem informados, saber o que a Fifi pensa da Lalá, ou quem é o namorado da mulher do amante da Chiquinha. É isso mesmo, a gente traz a «bomba» para a redação, o secretário põe em linguagem mais ou menos legível, o revisor coloca os pontos nos ii e a festa continua. Com tais argumentos, está encerrado o assunto. Viva o analfabetismo. Nós agora está com tudo...

CAMPANHA DE UM TRILHÃO

Não esqueçam da Campanha de Um Trilhão. Preciso arranjar minha vida de uma vez por tôdas. O meu cartaz pode acabar de uma hora para outra e eu não posso ficar na mão. Desejo apenas Um Trilhão de Cruzeiros. Pagarei contas atrasadas, velhos "penduras" dos tempos em que eu não era Barão de Bangu e vivia da venda de algumas fotos difíceis. Não esqueçam, apenas Um Trilhão...

O CASAL 70

Anda circulando pelas noites cariocas e recebendo muito bem o elegante casal 70, o par mais famoso desta praça, que tem hospedado as figuras mais ilustres dos círculos internacionais, como sejam o Príncipe Alarcão, a Duquesa Coralina, Rainha do «Vermelhinho» e outros boas vidas decididamente fichados. Para os que ainda não sabem porque êste par de amigos foi intitulado «O Casal 70», eu vou explicar agora mesmo (não deixo para depois) a razão dessa curiosa soma, segundo as bases da moderna aritmética. O casal é 70 pelos seguintes motivos. Êle foi eleito um dos 34 Sujeitos Mais Camaradas e ela uma das 35 Cabrochas Mais Distintas. Somadas as virtudes dos dois temos o seguinte resultado: 34 + 35 = 70. Por isso, êles são 70. Só por isso...

GENTE BOA FALA DE AMOR

Senhor Justo F. Silva, racista nas horas vagas: "Certas crioulas são como cachorro-quente vendido na rua. A gente tem vontade, mas fica com vergonha..."

*

O Senhor João Boa Pinta, apaixonado e sem nenhum dente: "Quando um casal usa a mesma escôva de dentes é uma prova de verdadeiro amor".

*

O Senhor Pedro L. Teixeira, dentuço e inimigo de mulheres: "Quando um casal usa a mesma escôva de dentes, não é amor, é porcaria..."

● Esta semana é só. Pela Campanha de Um Trilhão, contra o aumento da gasolina, a favor da Petrobrás e contra o príncipe Alarcão.

★ AUTOMOVEIS - Mil - ACESSORIOS ★

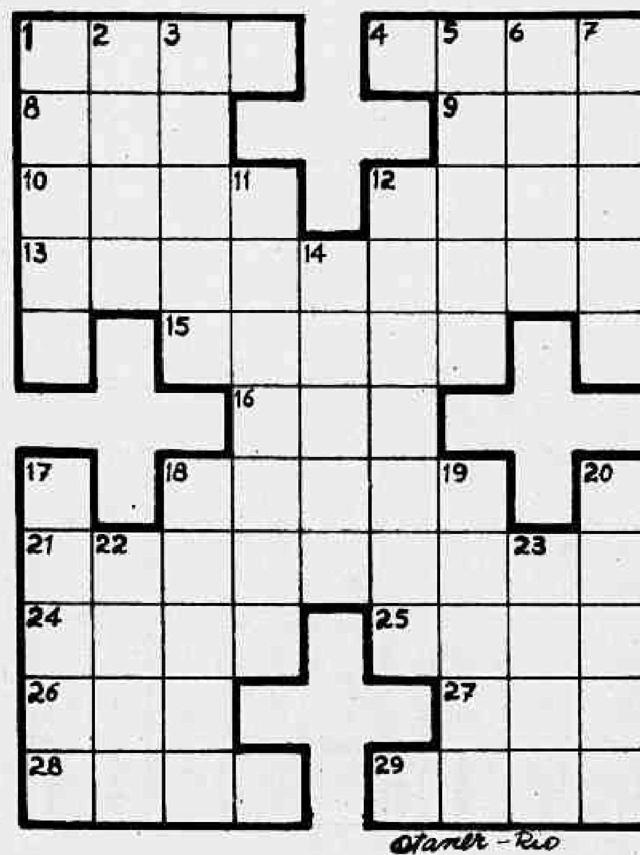


TELEG. MEMIL 98-A RUA MEXICO Rio de Janeiro 98-A FONES 22-6144 42-5563 52-1066

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 59

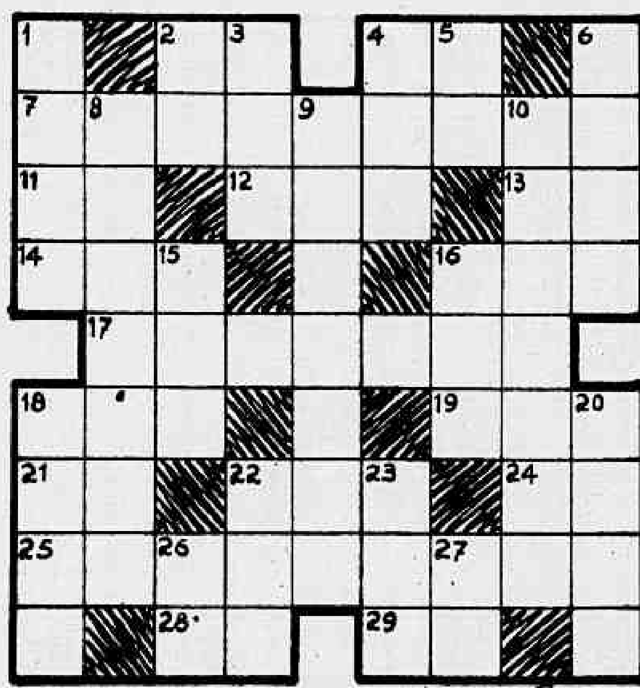
PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: 1 — Indígena da tribo que habitava os sertões situados entre o Araguaia e Xingu — 4. Indígenas da tribo dos rios Igatimi, Escopil e Miamaia — 8. Fundador do reino da Noruega — 9. Comida preparada com os tubérculos do umbuzeiro e de outros vegetais — 10. Insípidos — 12. Deus supremo dos assírios — 13. Estado daquilo que apresenta uma só côr — 15. Aurícula do coração — 16. Ânimo! Sus! — 18. Agravação de uma doença — 21. Habitante dos campos do planalto central — 24. Arrabaldes — 25. Infausto — 26. Substância pulverizada, de emprêgo industrial ou medicinal — 27. Riso — 28. Irmão de Jacó a quem vendeu seu direito de primogenitura por um prato de lentilhas — 29. Encostei.

VERTICAIS: 1. Intenção — 2. Esburacado — 3. Campo de discussão — 5. Carinho — 6. Cultivai — 7. Herdade — 11. Terraço por cima das casas ou tôrres (pl.) — 12. Dançarina — 14. Cabo para ferrar as velas — 17. Refeição que os primitivos cristãos faziam em comum — 18. Lábia — 19. Homem eminente — 20. Indígena da Nova Zelândia — 22. Deus do amor — 23. Ruído de vidro partido.

PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: 1. Ali — 4. Preposição — 7. Um tanto amarelo — 11. Pedra de moinho — 12. Unidade das medidas agrárias — 13. Seguir — 14. Nome de mulher — 16. Quer bem — 17. Dignidade de emir — 18. Fileira — 19. Nome próprio masculino — 21. Basta! 22. Maior — 24. Nota musical — 25. Que arrasa — 28. Do verbo ser — 29. desacompanhado.

VERTICAIS: 1. Leito — 2. Nota musical — 3. Pedra do altar — 4. Pronome pessoal da 3ª pessoa do singular — 5. Perversa — 6. Reside — 8. Exemplar; que serve de modêlo — 9. Tesouro público (pl.) — 10. Que pode tomar duas formas diferentes — 15. Ásia — 16. Nome de mulher — 28. Ligar — 20. Mãe-dágua — 22. Contudo, porém — 23. Chefe etíope — 26. Criminosa — 27. Pena, compaixão.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 58

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: cometida — ave — til — pesadelo — am — re — as — lida — limita — saco — Ar — Na — Sá — peneirar — ale — itã — ramerrão.

VERTICAIS: capas — ovém — mês — ité — dila — Alost — Arimane — dedicai — Lis — ato — rapar — carão — rela — Satã — nem — rir.

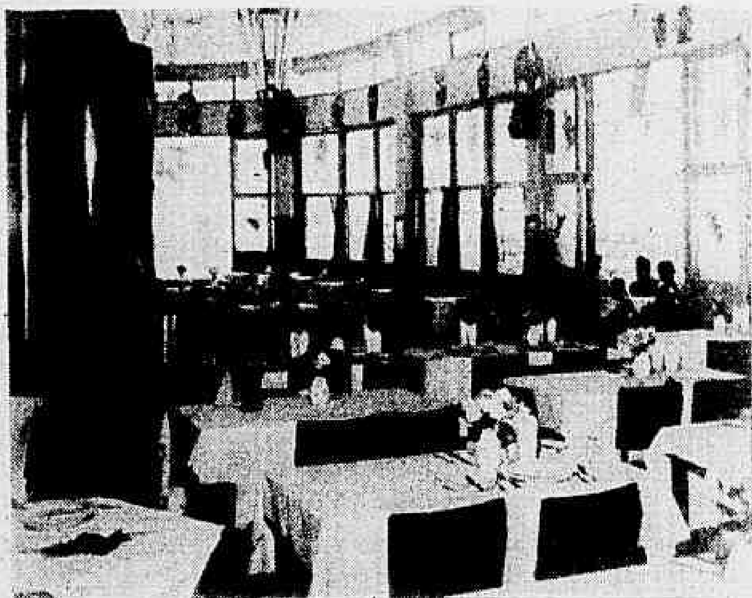
PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: cara — era — irar — ato — arme — rã — ateia — Panamá — pares — Ru — aral — mar — colo — aca — oral.

VERTICAIS: ciar — rio — ar — errem — área — aatás — tapar — miara — anelo — araca — Pará — Ural — mor — lo.

HOTEL FRAGATA





● O MELHOR E MAIS bem montado hotel da Ilha de Paquetá é o HOTEL FRAGATA, com dezenas de confortáveis apartamentos à sua disposição. Por isso, se o senhor tem família e deseja levá-la para uma temporada distante do bulício sempre crescente dos centros urbanos, não se preocupe com a escolha do lugar; dirija-se para o HOTEL FRAGATA, que dispõe de um corpo especializado de auxiliares sempre pronto para servi-lo. Goze as suas férias no HOTEL FRAGATA e tenha a certeza absoluta de que está vivendo realmente bem.

Reservas de apartamentos, disque 06, telefone 39 e 204.



● UMA LUA DE MEL deliciosa... tranqüila... que deixará no espírito dos jovens casais gratas e inapagáveis recordações, deve ser vivida e sentida num ambiente cuidadosamente preparado como o de que dispõe o HOTEL FRAGATA, localizado na romântica Ilha de Paquetá, perto das praias magníficas e dos recantos pitorescos tão procurados pelas criaturas que se amam perdidamente.

HOTEL FRAGATA: um hotel e um nome que ficará permanentemente na memória daqueles que nêle passaram a sua LUA DE MEL.

Um professor revolucionário, de nome Muraro, afirma:



Muraro é, antes de tudo, um gênio, e, para não fugir a regra, tem tambén as suas manias, entre elas a de colecionar cobras feitas de galhos velhos

EM MÚSICA NÃO EXISTE TEMPO PARA APRENDER

EXISTE ÙNICAMENTE VOCAÇÃO — PIANO, APRENDE-SE EM SEMANAS, MESES, ANOS, OU NÃO SE APRENDE NUNCA — MAS AGORA ESTÁ NA MODA APRENDER ACORDEON — E UM EXÉRCITO DE MURARITOS ESTÁ DESCENDO DE SANTA TERESA...

Texto e fotos de SÉRGIO SILVEIRA

MURARO, o das «três notinhas mágicas», é bastante conhecido para que seja necessário uma apresentação mais detalhada de sua pessoa. Nome de artista (Heriberto Muraro), alma de artista, dedos de artista, o homem é mais do que artista, é quase um gênio, porque gênio é quem cria e pouca gente cria melhor do que o Muraro. Sistema nervoso à flor da pele, movimentos rápidos e desencontrados, passinho miúdo e acelerado, Muraro é figura ímpar quando se dirige ao piano. A banqueta roda vagarosamente até alcançar a altura desejada, senta-se, as mãos acompanham o sentimento, o pedal é pressionado, os dedos caem sôbre as teclas, e da confusão de semibreves, claves ou notas, misturadas com o valor do intérprete, sai a melodia. É o chorinho marcado do saudoso Zèquinha de Abreu ou o baião estilizado dos nossos dias, são os tangos, são os boleros, as peças clássicas ou qualquer outro gênero, é a música seja qual fôr, pois tocada pelo Muraro possui sempre um sabor diferente que aumenta o prazer de ouví-la.

Êle é um mestre, e como para ser mestre é preciso discípulos, Muraro resolveu criar uma nova geração de «Muraritos», todos seguidores da escola do falecido

Cesi. Lá mesmo em Santa Tereza, onde reside o professor, encarapitados no alto da ladeira de Paula Brito, num casarão ornamentado com gaiolas de passarinhos e livros abertos presos às paredes, mais de meia centena de rapazes e moças aprendem os primórdios da educação musical, e, conforme as aptidões de cada um, fazem sair pelas janelas envidraçadas o som de batuques, das rancheiras ou dos sambas, alegrando o ambiente da casa e chamando a atenção de quem passa na rua. E o transeunte, suado de galgar, nesses dias de verão carioca, a ladeira íngreme, deixa-se ficar a uma sombra, esquecendo por instantes que ainda falta um bom estirão para chegar ao Curvelo.

A tarde era quente, a melodia convidativa e a curiosidade de saber quem estava ao piano naquele momento, fez-nos apertar a campainha. Uma pessoa da casa levou-nos à sala de música onde um cavalheiro, debruçado ao piano, roubava do instrumento acordes maravilhosos. Era o «Guarani» de Carlos Gomes a peça em execução, e o pianista... Bem o pianista era um velho amigo, que apesar de há muito nos conhecer, pilheriou: «Um nuevo aluno, no?»

Muraro sabia bem que não o éramos.

* * *

O discípulo das três horas ainda não havia chegado. Faltava dez minutos para o início da aula, e Muraro já estava impaciente:

— «Sempre atrasados!» disse enquanto consultava o relógio. E continuou:

— «Sabe? Até que foi providencial a sua visita. Há muito ando querendo tornar público uma série de coisas que estão erradas, sôbre a arte de ensinar música no Brasil».

E continuando:

— «Podem me chamar de inovador ou o que quiserem, mas o certo é que uma das coisas que me fêz criar essa Academia foi a necessidade de proporcionar aos jovens musicistas do Brasil a oportunidade de se livrarem da imperiosa injustiça dos conservatórios. Não é difícil para ninguém compreender que os indivíduos diferem de um para outro em suas capacidades físicas e intelectuais, não é certo? Pois bem, como pode uma pessoa que tem mãos pequenas, estudar em cadernos de exercícios feitos para quem possui a anatomia das mãos avantajada? Não está errado! Mas o aluno do conservatório pode ter dedo comprido, médio ou pequeno, êle tem mesmo é que praticar os exercícios nos livros do primeiro ano, se é o que êle frequenta; do segundo, se fôr o caso e assim até receber o diploma. É preciso uma observação rigorosa feita pelo professor no aluno, e, depois, seleciona-se o método adequado para aquelas mãos. Nada disso está sendo feito, infelizmente».

Muraro tornou a olhar o relógio. Estava inquieto. Aproveitou que o aluno das três horas ainda não havia chegado, para continuar:

— «Ainda há muitas outras coisas, muitos outros erros. Um, bem evidente para provar o que estou dizendo, é o fato de um aluno ser obrigado a cursar um ano inteiro para ser promovido ao imediato. Isso também está errado. Em música não existe tempo, existe únicamente vocação. Um curso de piano pode ser feito em semanas, meses, anos, ninguém sabe em quanto tempo, ninguém pode determinar prazo. Se eu sei mais do que um outro, por que gastar o mesmo tempo que êle para prestar exames? Se eu tenho mais facilidade para aprender do que êle, por que me obrigam a esperar meses para demonstrar que já posso progredir? Não, meu amigo, estabelecer tempo em música é um descalabro!»

O relógio da sala badalava as três horas. A campainha da porta soou novamente. O aluno, pontual, chegou carregando pesado acordeão. Colocou o instrumento sôbre uma cadeira no jardim de inverno, dirigiu-se para a sala de música, cumprimentou o mestre com uma batida de calcanhares e um leve inclinar de corpo, e sentou-se ao piano.

Muraro indicou-lhe os exercícios e a aula teve início. Findo um quarto de hora o garôto retirou-se da sala por instantes, voltando já com o acordeão prêso ao corpo. E as melodias que momentos antes ouvíramos sair das cordas do piano, repetiam-se nos foles do novo instrumento.

Não entendemos o motivo daquela coincidência. Muraro, entretanto, apressou-se em explicar:

— «Meus alunos de acordeão são, antes de tudo, pianistas. Quem toca bem piano tem setenta por cento de probabilidades para brilhar no acordeão. É quase a mesma coisa dedilhar os dois teclados, se bem que no primeiro seja muito mais difícil».

Novos alunos foram chegando, pianistas ou acordeonistas, crianças de pouco mais de três anos até senhores já grisalhos e com ar de respeito. E a campainha da porta soava a todo instante, e a casa se enchia e tornava a esvaziar para ficar, mais tarde, repleta outra vez. Eram os alunos do professor Muraro, a nova geração seguidora de Cesi, os novos «Muraritos».



Tudo é novidade e mistério para quem vai tocar piano pela primeira vez. A altura do banco é fator preponderante para a boa postura.



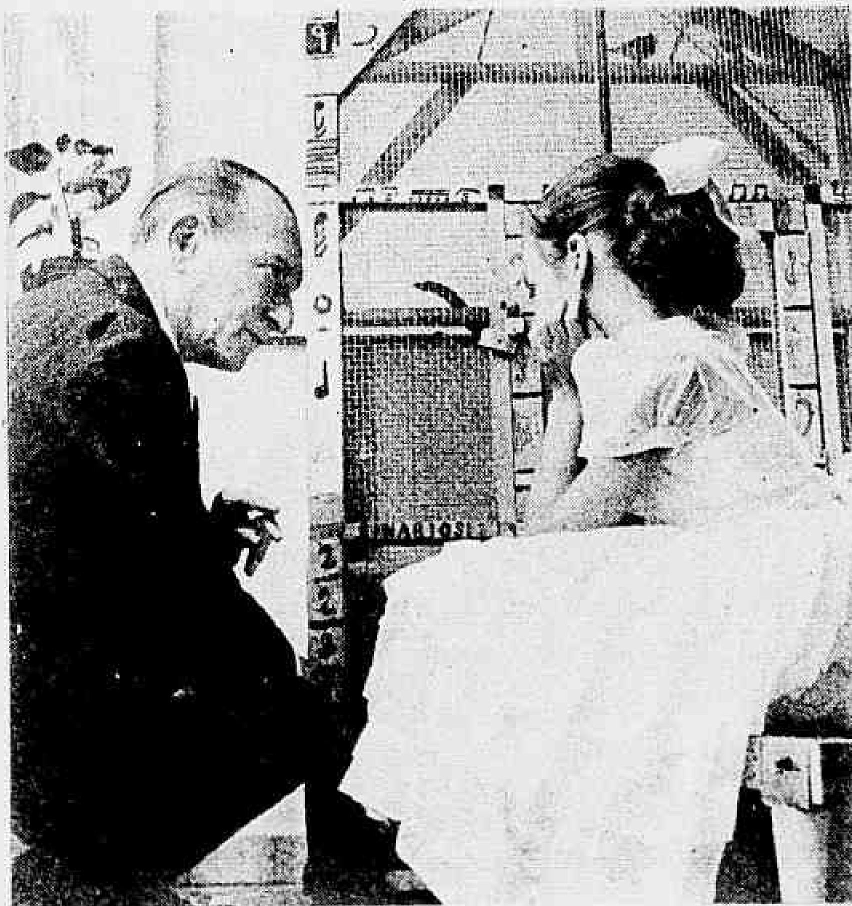
A colocação certa das mãos sôbre o teclado é assunto das aulas iniciais, e Muraro, com jeito especial, sabe muito bem como administrá-las.



Relaxamento dos membros é o título desta aula. Para a perfeita técnica do pianista, faz-se mister o domínio do sentimento sôbre a razão.



Os alunos do prof. Muraro aprendem desde o mais simples aos mais complicados segredos da arte de Musa. E tudo dentro da boa técnica.



Um viveiro pitoresco, ao mesmo tempo que serve de adôrno, é usado pelo mestre nas aulas teóricas: «— As crianças aprendem brincando».



Lembrando a pose dos velhos pensadores da mitologia grega, êste aluno tenta, pelo ouvido, descobrir as notas que vão sendo executadas.

Optima

UMA MÁQUINA DA QUAL SE ORGULHA
A INDÚSTRIA ALEMÃ DE APÓS-GUERRA



DISTRIBUÍDA COM A GARANTIA DE UMA ORGANIZAÇÃO TRADICIONAL NO RAMO DE MÁQUINAS.

Olympia,

ORGANIZAÇÃO

End. Telegr. «DELTA»

Rua Senhor dos Passos, 98

MÁQUINAS DE ESCRITÓRIO LTDA.

RIO DE JANEIRO

Telefones { Escr. 43-1785 / Ofic. 43-2252

MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS PARA ESCRITÓRIOS — COFRES E MÓVEIS DE AÇO — IMPORTAÇÃO — OFICINA MECÂNICA

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 26 DE MARÇO E 1º DE ABRIL DE 1955 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — A semana terá uma ambiência movimentada e lhe exigirá muito esfôrço. Os resultados, porém, não serão compensadores. A um máximo de energia corresponderá um mínimo de proventos. Os melhores dias serão 27, 29 e 30.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Será conveniente deixar de lado, por enquanto, qualquer projeto de viagem, principalmente por via aérea. Há fortes ameaças de acidentes, notadamente nos dias 28 e 30 dêste mês. Seja comedido nos negócios, não se antecipando.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — O céu não se modificará, no caso do leitor. Os bons influxos da semana anterior, continuarão, possibilitando-lhe uma folga financeira ainda maior. Continue desfrutando, como puder, os dias pares. Serão os melhores.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — A viagem continuará bonançosa, pois os bons influxos da semana passada ainda se farão sentir, no caso do leitor. Tôdos os setores de concurso do seu horóscopo, serão beneficiados largamente.

★ LEÃO (21/1 — 20/2) — Não avance demasiado, no curso da semana, em qualquer direção e principalmente no setor dos negócios e no da vida sentimental. Haverá reações perigosas n'um e no outro. Omita-se como puder, até passar a onda das desfavorabilidades reinantes.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Desenvolva uma ação moderada nos diversos setores de suas atividades. Os influxos reinantes não possibilitam grandes coisas. Os empreendimentos ousados, de algum modo, redundarão em fracasso.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — O clima astral o ajudará a manter a posição ocupada. Não se anuncia qualquer modificação substancial nas atividades exercidas pelo leitor, continuando, assim, a ambiência suavíssima a que nos referimos na semana anterior.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — O leitor poderá exercer uma ação preponderante, no respectivo meio, se souber manejar a vontade de que dispõe na conformidade dos influxos astrais da semana. Para qualquer solução prefira a manhã dos dias ímpares.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — O período facilitará os empreendimentos e favorecerá as solicitações, os pedidos que o leitor tiver necessidade de fazer. Não tome, porém, iniciativas em tal sentido, no último dia do corrente mês.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Os casos litigiosos poderão ter uma solução conciliatória. A semana favorecerá as reconciliações e evitará maiores desentendimentos. O período que se vai abrir será muito favorável aos negócios.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — As paixões poderão sacudi-lo e levá-lo a extremos perigosos. A situação doméstica não será propícia no curso da semana, havendo perigo de profundos desentendimentos no lar. Não discuta nem se imponha. Será melhor.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — O ambiente dos astros lhe proporcionará negócios modestos e rápidos. O leitor poderá ganhar em quantidade, o que perder em qualidade. Os melhores dias para as especulações serão 27, 29, 30 e 31.

OS NOMES DA SEMANA

Março,	**26**	—	**Márcio**	—	**Sueli**
"	**27**	—	**Everton**	—	**Dinaura**
"	**28**	—	**Aprígio**	—	**Esmeraldina**
"	**29**	—	**Horácio**	—	**Celina**
"	**30**	—	**Alípio**	—	**Gercina**
"	**31**	—	**Sertório**	—	**Elza**
Abril,	**1**	—	**Cadmo**	—	**Anita**

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Março,	26	—	5º - 3' - 34"	(Signo do Carneiro)
"	27	—	6º - 2' - 58"	(" " ")
"	28	—	7º - 2' - 20"	(" " ")
"	29	—	8º - 1' - 40"	(" " ")
"	30	—	9º - 0' - 58"	(" " ")
"	31	—	10º - 0' - 14"	(" " ")
Abril,	1	—	10º - 59' - 27"	(" " ")

Não usufrui benefícios especiais

VOLTA REDONDA CONCORRE COM MILHÕES PARA OS COFRES PÚBLICOS



Flagrante do momento em que o eng. Ismael Coelho de Souza, perante autoridades e grande quantidade de destacadas figuras da indústria e comércio paulistas, pronunciava seu importante discurso.

COM uma bela ponte pênsil de trinta metros de comprimento e dez de largura, ligando as duas margens mais próximas do imenso lago do Parque de Ibirapuera, ergue-se o pavilhão onde a Companhia Siderúrgica Nacional expõe na Exposição do IV Centenário de São Paulo os produtos da usina de Volta Redonda e descreve aos milhares de visitantes tôdas as fases de mineração do seu complexo industrial, o maior da América Latina.

O pavilhão da CSN, já visitado por mais de cem mil pessoas, é todo feito de material produzido na usina. Suas enormes vigas e chapas entretanto foram compostas num conjunto arquitetônico belíssimo, em estilo moderno, o que dá bem uma demonstração do valor da sua Fábrica de Estruturas Metálicas. Uma cascata funciona permanentemente caindo do teto do «stand» para o lago e um cinema exibe em sessões contínuas filmes relativos à atividade da emprêsa.

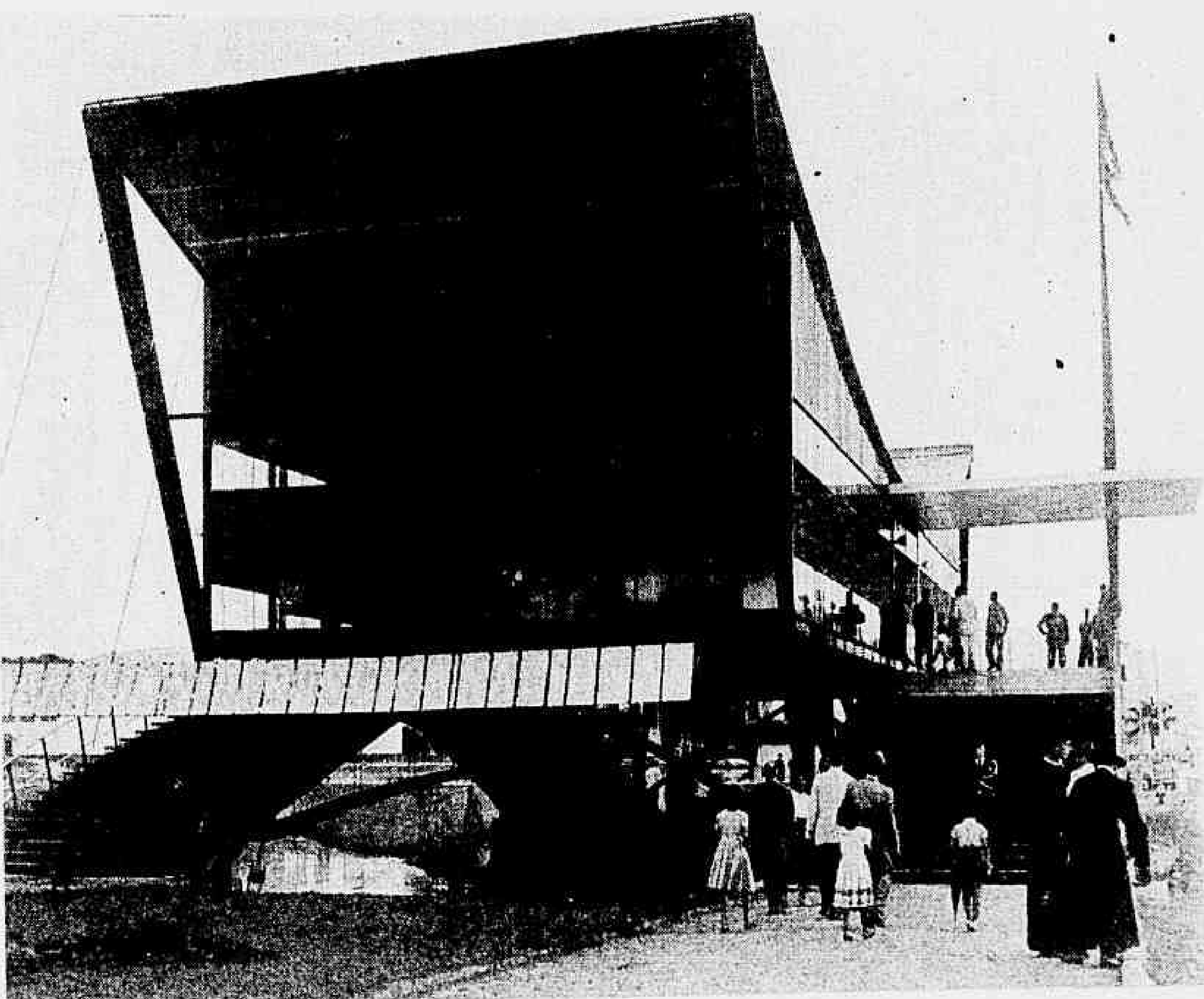
A inauguração do pavilhão, verificada recentemente, deu oportunidade a que o vice-presidente da CSN, o engro. Ismael Coelho de Souza, então no exercício da presidência por se encontrar na Europa o general Edmundo de Macedo Soares e Silva, salientasse alguns pontos da atividade da emprêsa, o seu programa de expansão que visa a produção anual de um milhão de toneladas de lingotes de aço, a sua situação financeira e o papel social que desenvolve. Ao mesmo tempo, relacionou a atividade da emprêsa com a febricitante atividade desenvolvida pelo Estado de São Paulo, identificando os objetivos de progresso e amor ao Brasil de ambos.

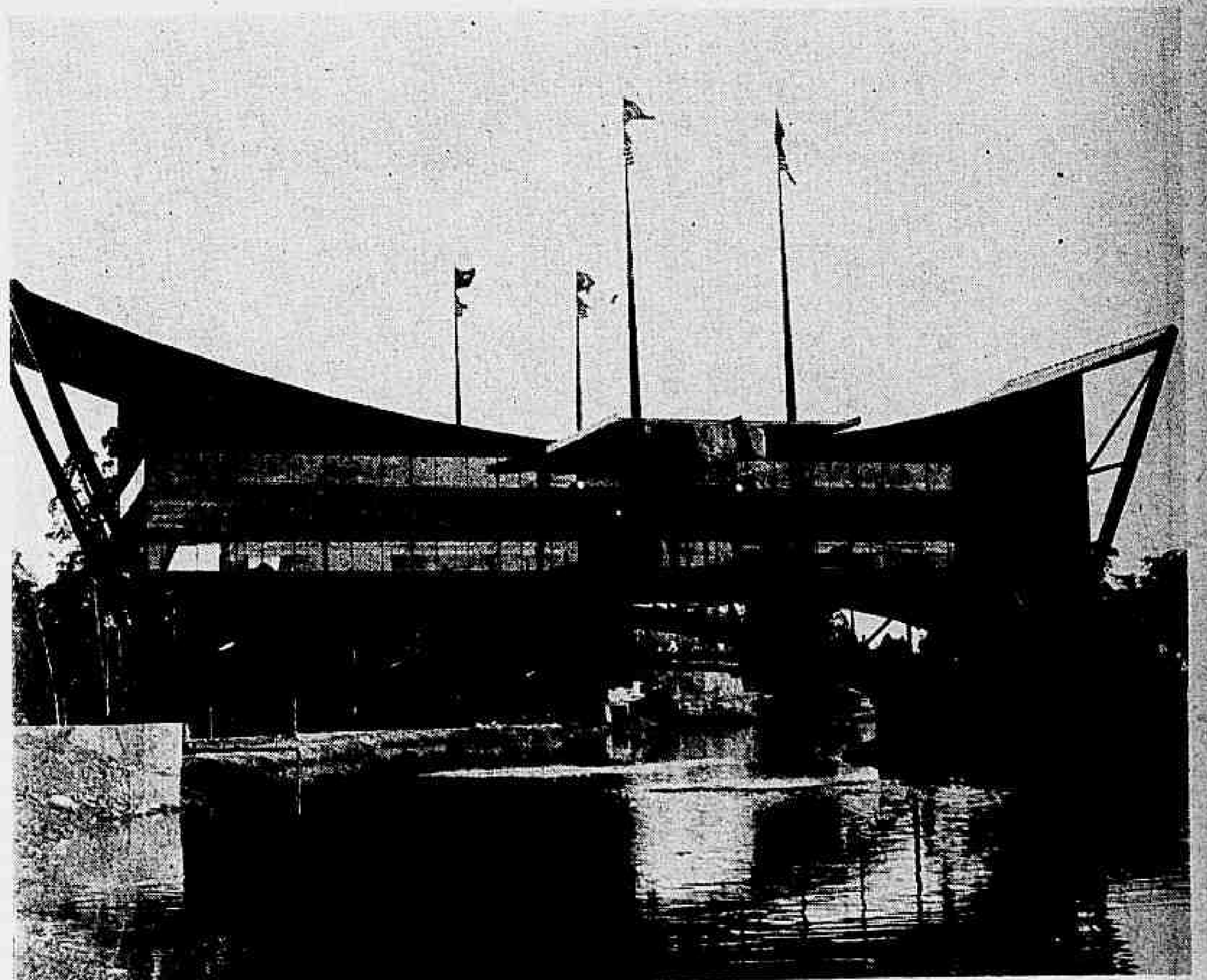
Um dos trechos mais importantes do discurso do eng. Ismael Coelho de Souza foi o referente ao pagamento de impostos a que está sujeita a CSN, como uma emprêsa industrial semelhante às demais. Disse êle, então, que a CSN, pelo segundo ano consecutivo, paga impostos, não usufruindo benefício especial algum. O seu êxito se deve a seus próprios esforços. A Companhia Siderúrgica, além de satisfazer a seus empréstimos no estrangeiro, distribuir dividendos a seus 47.000 acionistas, inclusive o Govêrno Federal, pagou de impostos municipais a importância de Cr$ 5.887.241,20; de impostos estaduais, Cr$ 77.485.231,50; de impostos federais, Cr$ 36.022.391,30, inclusive o de renda.

A solenidade inaugural, à qual compareceu ainda o dr. Paulo Monteiro Mendes, diretor-secretário da CSN, converteu-se numa brilhante reunião social.

Estiveram presentes entre outras pessoas:

Cel. Edgard de Albuquerque, representante do sr. Presidente da República, sr. cap. Alberico Augusto Ramos, representante do sr. governador do Estado, tte. Maurício Duque, representante do ministro da Marinha, sr. Augusto Dallia, representante do sr. prefeito municipal, sr. representante do Cardeal Arcebispo de São Paulo, sr. Paulo Castelões, diretor do Serviço de Exposições Industriais e Comerciais do IV Centenário e representante do presidente da Comissão do IV Centenário, sr. Levy Sodré Filho, representante de dona Carolina Ribeiro, secretária da Educação, sr. Wilson Adôrno, representante do sr. Cunha Bueno, sr. Oscar Dias de Mello, representante do sr. gerente do Banco do Brasil S.A., sr. Garcia Rossi, representante da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, sr. José Papa, representante da Associação Comercial, sr. Marinho Lutz, representante da Superintendência da São Paulo Light and Power, sr. Paulo Monteiro Mendes, diretor-secretário da Cia. Siderúrgica Nacional, engenheiro Cotrim, de Volta Redonda, sr. Jaime Bulcão e senhora, chefe do escritório da Cia. Siderúrgica Nacional em São Paulo, sr. Simas Pereira, assistente do presidente da Cia. Siderúrgica Nacional, sras. Del Nero, Hélio Di Rienzzo e João Di Rienzzo e inúmeras outras pessoas.





O público afluindo ao «stand» da Companhia Siderúrgica Nacional na Exposição de Ibirapuera. À direita: O curioso «stand» visto de perfil. 93 toneladas de aço em estruturas metálicas aparentes foram ali empregadas. No seu interior, além de produtos expostos, vinte e cinco painéis descrevem a atividade da Companhia Siderúrgica Nacional, hoje a maior emprêsa industrial da América Latina.



Conjunto residencial «Vila 3 de Outubro». Dez blocos com 441 apartamentos tipo proletário. Serão vendidos pelo IPASE ao preço de Cr$ 134.000,00 cada.

INAUGUROU O IPASE A POLICLÍNICA DE MARECHAL HERMES

O Presidente Café Filho presidiu às solenidades — Em julho próximo entrará em funcionamento a Maternidade com capacidade para 72 leitos — 102 milhões de cruzeiros foram investidos pela autarquia em benefício dos seus segurados

O IPASE inaugurou no dia 1 do corrente mês, com a presença do Presidente Café Filho, a Policlínica de Marechal Hermes, com capacidade para atender a 800 doentes, e dez blocos residenciais (Vila 3 de Outubro), também em Marechal Hermes, destinados aos segurados daquela autarquia. A cerimônia de inauguração da Policlínica se realizou às 10 horas, seguindo-se a do grupo residencial. Estiveram presentes, além do sr. Presidente da República e do dr. Raymundo Britto, presidente do IPASE, os srs. Alencastro Guimarães, ministro do Trabalho; deputado Carlos Luz, presidente da Câmara dos Deputados; engenheiro Alim Pedro, prefeito da capital; coronel médico Ferreira de Barros, representando o general Azambuja Brilhante, comandante da 1ª. Divisão de Infantaria; Paulo Gentile de Carvalho Mello, Abelardo Jurema, Paulo Poppe de Figueiredo e José Firmo, diretores dos Departamentos de Capital, Assistência, Serviços Gerais e Previdência, e o ex-presidente do Instituto, sr. Alcides Carneiro.

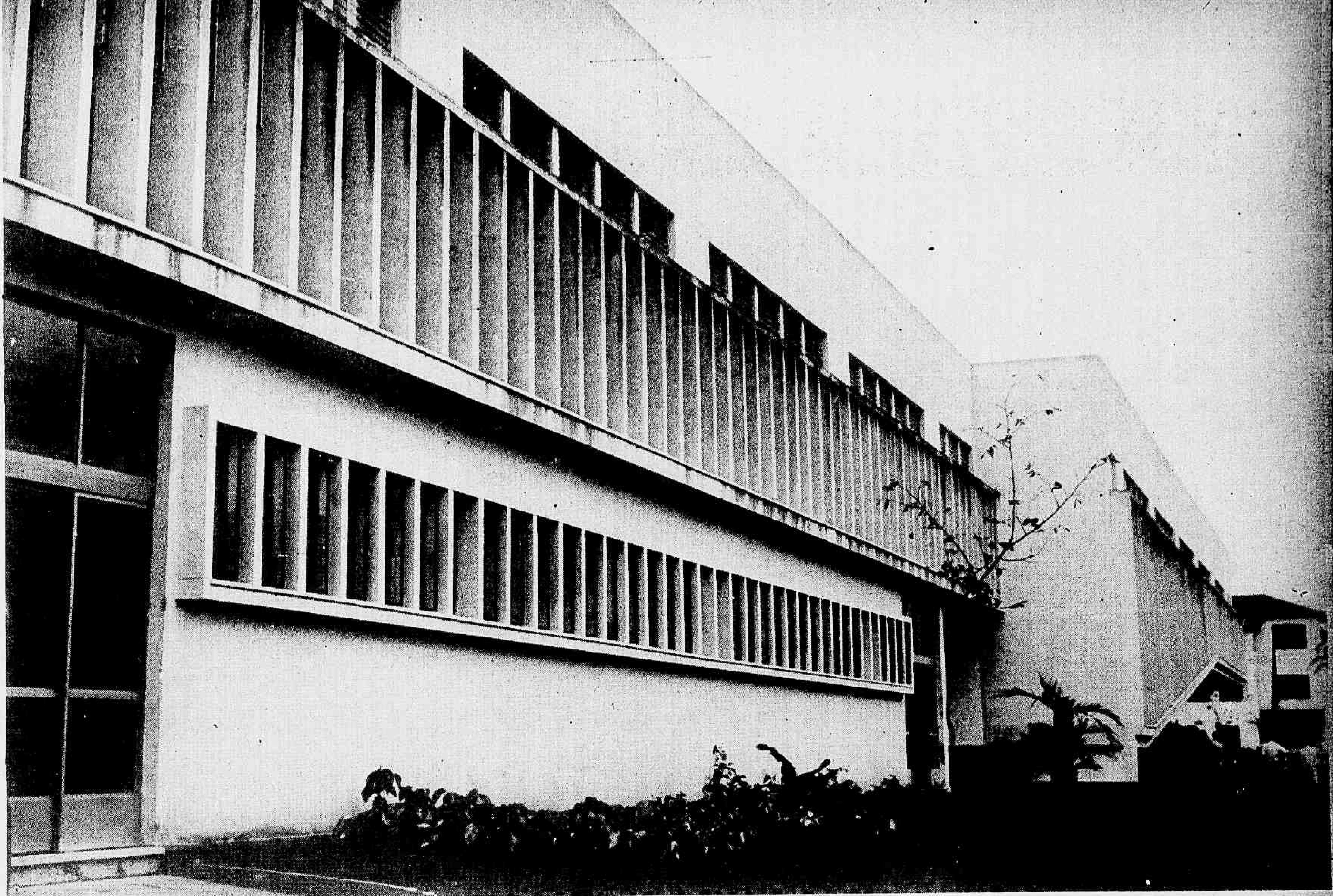
A solenidade se revestiu de grande simplicidade, não tendo havido discursos. O Presidente Café Filho, cortou as duas fitas simbólicas —



O dr. Raymundo Britto, presidente do IPASE, numa saudação ao Presidente da República, sr. Café Filho, após a inauguração.



O Presidente Café Filho corta a fita simbólica, inaugurando a Policlínica de Marechal Hermes no 1º dia do mês em curso.



Policlínica de Marechal Hermes. 11 clínicas. Maternidade de 72 leitos. Ambulatório. Drogaria. Laboratório. Realização das mais úteis à coletividade

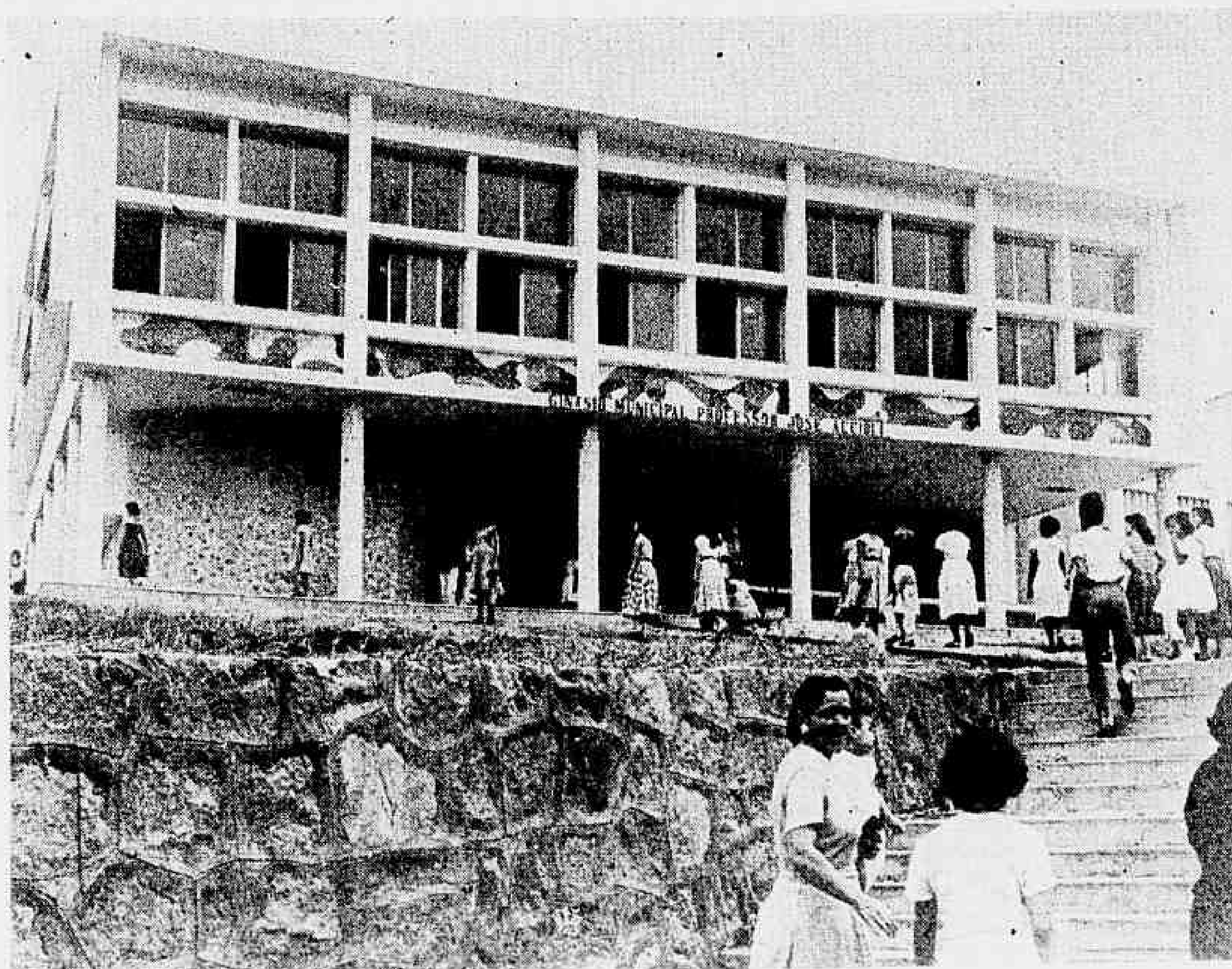
E 441 APARTAMENTOS PARA OS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS

uma na Policlínica e outra no conjunto, sob calorosos aplausos de todos os assistentes.

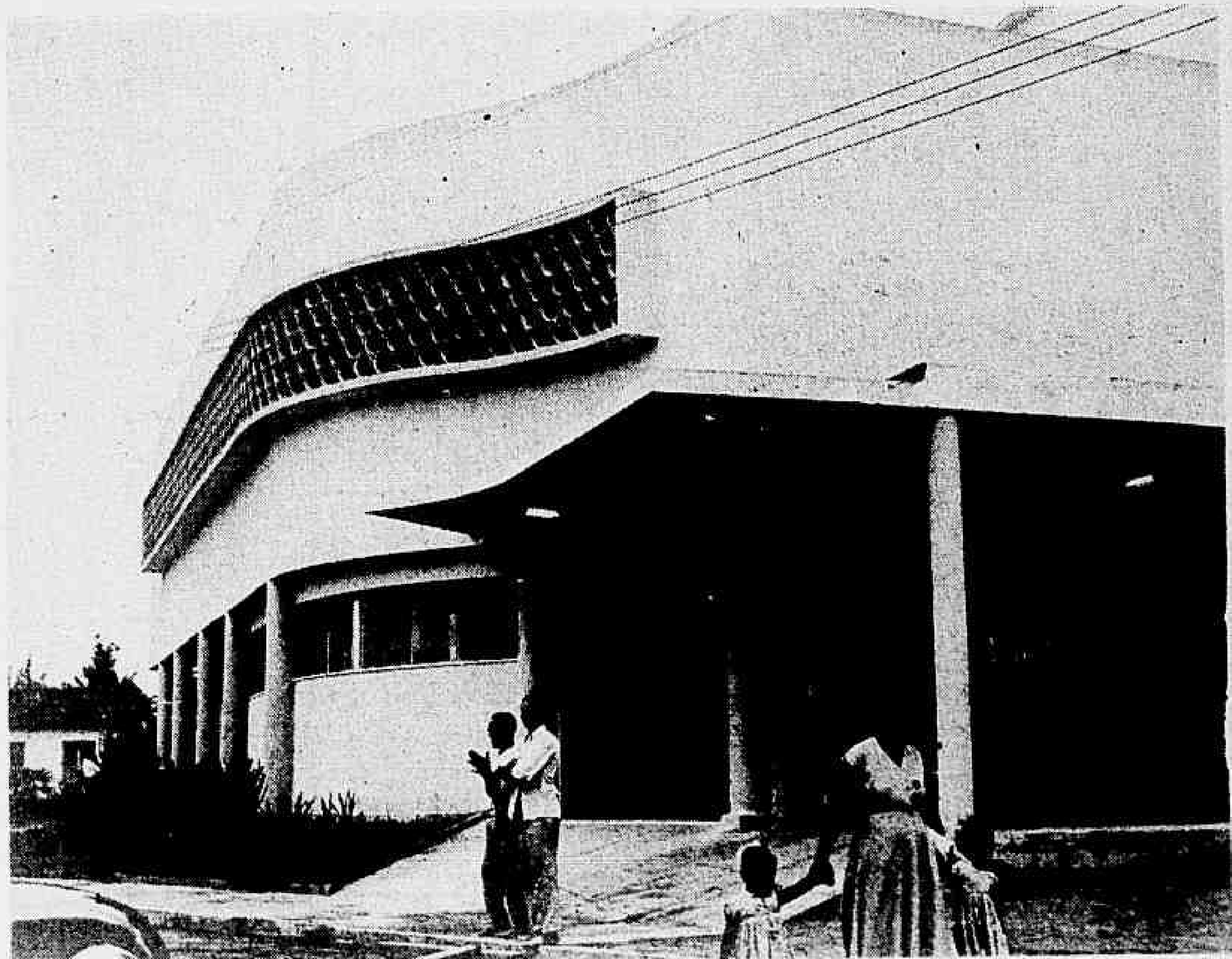
As obras da Policlínica foram iniciadas em 30 de abril de 1953. O custo da construção, que compreende uma área de 3.527,20m2, foi de Cr$ 13.412.923,00. Com o seu equipamento foi investida a soma de 10 milhões de cruzeiros. O edifício da Policlínica abrange também um anexo, onde funcionará a Maternidade, cujas obras tiveram início no dia 15 de outubro último, estando seu término previsto para julho próximo. O custo dêsse edifício que abrange uma área de 2.993m2 está orçado em 12 milhões de cruzeiros e o equipamento em 8 milhões. Onze clínicas funcionarão nos dois pavimentos da Policlínica que está instalada à rua Alexandre Gasparoli a qual contará, ainda, com Laboratório, Drogaria e Ambulatório para injeções. A Maternidade disporá de 72 leitos.

A Vila «3 de Outubro», que foi inaugurada em seguida à Policlínica, compreende dez blocos residenciais, constituídos os de ns. 1, 2, 3, 6 e 7 de 44 apartamentos; e os de ns. 4, 5, 8, 9 e 10, respectivamente de 49, 38, 41, 53 e 10 apartamentos, num total de 441. Tôdas essas obras foram projetadas pelo arquiteto Rafael Galvão Júnior e construídas pela «Federal Imóveis Engenharia». A construção da Vila foi iniciada em 5 de fevereiro de 1952. O seu custo foi de Cr$ 59.220.780,60, cobrindo uma área total de .... 27.324,36 m2. O preço de cada apartamento, que é do tipo proletário, com dois quartos, sala, banheiro e cozinha, com uma área de 61.96 m2 é de Cr$ 134.287,50.

Em terreno doado pelo IPASE, a Prefeitura construiu o Ginásio Professor José Acioli, que se destina aos filhos dos habitantes da cidade ipasiária.



A Prefeitura construiu o Ginásio Municipal Prof. José Acioli, em terreno doado pelo IPASE. Servirá à cidade ipasiária.



Vista parcial da Policlínica de Marechal Hermes, que prestará serviços de assistência médica e uma numerosa população.

A REVISTA HÁ 50 ANOS

Domingo, 26 de Março de 1905

CARTAS DE UM TABARÉU

Caro compadre.

Rio, 4.ª Semana de março.

Quem não aparece, esquece; e é sòmente para que me não esqueças que aqui estou.

Quanto a notícias... babau!

A alegria pela suspensão do sítio não me permite dizer-te qualquer coisa, mesmo porque estou também colecionando documentos a fim de que me seja restituído um canivetinho, dêste tamanhinho, próprio para limpar unhas, retirado de minha algibeira por um senhor delegado, quando andavam a apreender armas a quem as trazia.

Se não mo restituírem, tenho muita roupa suja para lavar.

Trema o govêrno, trema a polícia.

Nunca se viu barrela igual.

Haverá o taneco.

Farei passar pelo nariz todos os atos do govêrno, de modo a pulverizá-lo, reduzi-los a nada. Badalejarei tudo quanto de mau êle fêz.

Tenho, há muito gizado o meu plano; e por coisa alguma dêste mundo alborcarei a posição que pretendo assumir.

Começarei, meu bom compadre, dando talitros na pança do govêrno.

Depois... depois: o futuro a Deus pertence.

Adeus

Teu

Bermudes.



CHARGE DE BAMBINO:
— Por que tanta gente quer êste ôsso?
— Ah, compreendo, é o que tem mais tutano!

● ***Numa cocheira:***

— Quer então que pague adiantado. Receia que eu Volte sem o cavalo?

— Não, tenho receio que êle volte sem o senhor.

● ***Entre esposos:***

— Garanto-te, é uma carta de negócio; não tem o menor interêsse para ti...

— Negócio? Pois não vejo daqui que ela tem três post scriptum... Só em carta de mulher se encontra disso.

● ***Certo advogado era cego de um ôlho e usava óculos; um dia, em que êle orava na audiência, teve a seguinte exclamação:***

— Meus senhores, vamos ao essencial, ponhamos de parte as inutilidades.

— Nesse caso deite fora um dos vidros dos óculos, brada-lhe o advogado da parte contrária.

TEATROS

A completa falta de espaço, como justificamos em nosso número transato, não permitiu disséssemos algo a respeito das representações da companhia lírica Donaldo Rotoli, que inaugurou a série dos seus espetáculos no São Pedro de Alcântara, com raro brilhantismo.

Assistimos à récita da ópera Manon, de Massenet, e ainda sob as suaves emoções que nos deixaram a orquestração sublime e o desempenho admirável dado à delicadeza da peça, apraz-nos asseverar que o sucesso daquela noite impôs à platéia um entusiasmo febril, manifestado soberanamente no aplauso espontâneo do público.

Enchia a vasta sala do teatro seleta concorrência que demonstrava o mais vivo interêsse pela interpretação da encantadora ópera. A orquestra mantinha-se irrepreensível na execução da sinfonia devido à batuta disciplinada e enérgica do simpático maestro que a regia. Nessa noite deliciosa as honras do triunfo couberam à sra. Laura Silva e ao sr. Castellano.

A inteligente artista brasileira cantou admiràvelmente, salientando-se na cena da sedução em que estêve prodigiosa; o sr. Castellano interpretou com muita expressão o seu papel e foi aplaudidíssimo na área do sonho, que teve de bisar.

De resto, a deliciosa partitura de Massenet foi desta feita bem compreendida pelos demais artistas que nos papéis a êles distribuídos, não destoaram do conjunto.

* * *

No Lucinda, que reabriu as suas portas depois de haver passado por uma reforma radical, inaugurou os seus trabalhos a companhia Heller, com o vaudeville-oepereta «O Homem do Guarda-Chuva», que, a julgar pelo sucesso da estréia, dará à emprêsa uma série de boas casas. A interessante peça de A. Mars, mereceu dos artistas um desempenho acima da espectativa geral, valendo-lhes isso uma messe de aplausos.

* * *

Está em franco sucesso a engraçada revista «A Capital Federal», que tôdas as noites atrai grande concorrência ao teatro São José.

MARCIONILLO

SIMBOLISMO NA GINÁSTICA

JOÃO FOCO, o cronista do «Jornal do Brasil», achou um tanto esquesito o sistema de exercícios ginásticos adotados pelo profesor que dirige a respectiva aula na Escola Normal.

Pois aquilo, meu caro, é a evolução da arte que, como tudo o mais, tem de obedecer ao progresso.

Não devia ser a arte das evoluções a primeira a não aceitar a evolução...

O sr. Higino, uma vez que tinha de seguir uma escola para os seus exercícios, preferiu o simbolismo à art-nouveau.

Os seus alunos, uma vez aprovados, estão aptos a servir de locomotiva, de lancha, de balão, de ave, de pedra de amolar faca e de uma porção de coisas novas e úteis.

O rótulo «exercícios inimitáveis» é mais uma prova da modéstia do professor, que assim escondeu uma verdadeira novidade.

Seu Foca sabe lá se algum dia terá de fazer de lancha ou de locomotiva?

Se não sabe, por que censura?

O sr. Higino tem, pois, tôda a razão em querer que os seus alunos aprendam todos os exercícios, mesmo os mais extravagantes.

Aquilo é o simbolismo em ginástica.

BREDERODES



Reprodução da capa do número 254 da REVISTA DA SEMANA, de domingo, 26 de março de 1905, apresentando um desenho de Raul Pederneiras.



FÁTIMA...

(Cont. da página 31)

No dia 22 de outubro, à noite, um grupo de ímpios, residentes em Santarém, apareceu na Cova da Iria de automóvel e derrubou uma azinheira que fingiram ser a das aparições e levaram-na para Santarém.

Sob o título «O «milagre» de Fátima e o «rapto» dos atributos milagrosos», «O Século», em 24 de outubro de 1917, assim comentava o que havia ocorrido a 22, na Cova da Iria: «Santarém, 23 — C. — Como Santarém é conhecida pela terra dos milagres, não quis ainda desta feita que Fátima lhe tomasse a dianteira, e por isso, pessoas daqui foram a noite passada em automóvel àquela povoação do conselho de Vila Nova de Ourém.

(Cont. no próximo número)

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME..........................

RUA.................. Nº.....

CIDADE........................

ESTADO........................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

POLÍTICA

ODILON BELÉM

VOTO DE QUALIDADE

● Há dias passados, conversando com um estudioso da política brasileira, cuja experiência consolidou ocupando encargos da mais alta relevância na pública administração, detivemo-nos no sempre discutido tema do voto popular, sôbre o qual o nosso ilustre interlocutor demonstrou largos conhecimentos, tanto assim que, em virtude dos conceitos, resolvemos configurar êste comentário. Examinávamos o papel que alguns partidos irão representar no próximo pleito presidencial, quando veio à baila um ponto realmente interessante, qual seja a questão do «voto de qualidade», que certos teóricos referem em suas divagaçõs a respeito da hora presente. E, para admiração nossa, que julgávamos estar ante um cidadão incapaz de se insurgir contra tôda e qualquer medida selecionadora, verificamos ser diverso o seu modo de pensar, depois dos argumentos, de que se valeu, no decorrer da palestra. Tenho por mim que o «voto de qualidade» é uma providência que, antes de efetivada, hoje ou no futuro, deve merecer cuidadoso e desapaixonado estudo, porque talvez não se coadune com a democracia. Qual a diferença entre o voto de um operário e o de um intelecutual, se há representantes das várias classes concorrendo aos postos eletivos? Imagine-se, pois, o excesso de discriminação, que resultaria do fato de um marceneiro, por ter sido eleito deputado federal, poder votar em candidato à Presidência da República, o mesmo não acontecendo em relação aos possíveis marceneiros que sufragaram seu nome. Quanto àqueles que se julgam eleitos por «votos de qualidade» geralmente desempenham-se elegantemente e até demonstram boas intenções, verdade se diga, mas trabalham sem programa, improvisando leis cujos resultados, via de regra, pouca contribuição trazem ao progresso do país. Além do mais — prosseguiu — num país, como o Brasil, onde as pessoas cultas e politizadas preferem os banhos de mar e os passeios campestres ao incômodo das filas nos dias de pleito, não sei se seria lícito a instituição do «voto de qualidade», não raro apregoado pelos apologistas dos iluminados. E não devemos esquecer que a mentalidade do povo, embora esteja na fase inicial da complexa evolução por que terá de passar, não é a mesma de antanho, quando a obediência ao chefe político era questão de vida ou morte.

Reflexões sensatas. Verdades simples mas que nos levaram a verificar o quanto são injustiçado e esquecidos os humildes, os pequenos, aquêles que, em que pese as tremendas dificuldades arrostadas dia a dia, representam, sem favor, o respeito, o cumprimento do dever, a obediência, a garantia do trabalho e da segurança, o progresso e, pela sua formação moral e cristã, a sobrevivência do regime. Entre nós os indivíduos ou grupos que tentaram organizar facções eleitorais, à base do «voto de qualidade», não demoraram em sentir o amargor do fracasso, porque, no momento atual, o que prevalece é a vontade popular, essa fôrça que se constitui em explosivo, pronto a deflagrar, ao menor sinal de cerceamento dos direitos individuais. Agora fala-se em «voto de qualidade». Fala-se, é claro, há 7 meses distantes da data em que as urnas indicarão o novo presidente. No momento azado, todavia, como em outras ocasiões, os votos dos «gregórios», das «viúvas», bem assim os de pouca qualidade, serão disputados palmo a palmo, e a procura obscurecerá a oferta...

LOUVÁVEL A DECISÃO DO P.R.

● *Reuniu-se, no dia 14 passado, sob a presidência do sr. Artur Bernardes, o Diretório Nacional do Partido Republicano. Aprovando as sugestões dos srs. Togo Gomes de Almeida e Manuel Novais, a primeira, solicitando ao Diretório considerar o nome do governador Munhoz da Rocha como candidato à Presidência da República, e a segunda, sugerindo ao Partido consultar as demais agremiações, exceto o P.S.D., sôbre a aceitação dos nomes dos srs. Juscelino Kubitschek, Bento Munhoz da Rocha e general Canrobert Pereira da Costa, ficou provado o entendimento de pacificação entre os chefes do Partido, que, se não nos enganamos, pelas atitudes assumidas, sairá fortalecido da próxima luta eleitoral. De fato, numa época em que as facções usam e abusam de métodos sub-repticios, tentando iludir a si próprias, não poderá passar despercebida, ante a opinião pública, a atitude conciliatória do P.R., tentando apoiar um nome com reais possibilidades de vitória, em outras palavras: um candidato que reúna e aglutine as simpatias de vários Partidos. Seja qual fôs escolhido, no entanto, na Convenção do dia 30 do corrente, não será possível subtrair, os convencionais, o mérito de terem tentado a mais ràzoável das soluções.*



EURÍPES CARDOSO DE MENEZES

O deputado Euripedes Cardoso de Menezes foi um dos mais votados na Capital da República, classificando-se, quanto ao número de votos nominais (cêrca de 13.000), em sexto lugar entre os 17 representantes cariocas na Câmara dos Deputados.

Nasceu em Campinas, Estado de S. Paulo, a 23 de setembro de 1909. Estudou filosofia e teologia, tendo sido pastor luterano até os 25 anos de idade, quando se converteu ao catolicismo, de que se tornou um dos principais líderes. Secretário Nacional de Defesa da Fé, presidente da Ação Católica, é agora o presidente da Confederação Católica, organização que reúne tôdas as associações religiosas. E', pois, o chefe do laicato na arquidiocese.

Antigo jornalista e professor da Universidade Católica, tribuno e escritor, atua também como conferencista amador, na Rádio Nacional, onde está pessoalmente todos os dias às 5,50 da madrugada para irradiar o seu programa Meditação Matinal, que é retransmitido para todo o país por uma vasta rêde de emissoras e alto-falantes.

Representou o Brasil no 1º Congresso Interamericano de Educação reunido em Lima, no Peru, onde teve destacada atuação. No govêrno do marechal Dutra exerceu o cargo de diretor do Serviço Federal de Assistência a Menores, tendo sido um dos autores do projeto do novo Código de Menores, a ser brevemente discutido na Câmara dos Deputados.

E' casado com a sra. Maria Ottoni de Menezes, bisneta do Conselheiro Cristiano Ottoni e prima do Duque de Caxias. Tem sete filhos. Membro efetivo da Comissão de Redação e substituto na de Educação e Cultura.

MARANHÃO

O deputado Neiva Moreira, eleito pelo P.S.P. do Maranhão, é um dos elementos de destaque do movimento de oposição ao sr. Assis Chateaubriand, indicado pelo PSD para concorrer, ao Senado, na vaga aberta com a renúncia do sr. Antônio Baima. Eis como respondeu ao nosso questionário o antigo profissional de imprensa:

— Qual o motivo ou os motivos de sua saída dos Diários Associados?

— Atribuo ao fato de ter negado apoio ao nome do sr. Chateaubriand. Mas é preciso frisar que a minha atitude não constitui um gesto isolado, como a muitos parece. Segui conscientemente, isso sim, o que deliberou o meu partido.

Que pensa fazer se ganhar?

— Ampliar a atual frente única para o lançamento de um candidato comum ao govêrno do Estado. Contamos com elementos de primeira, como o jornalista Odilo Costa Filho, o deputado Clodomir Millet, o brigadeiro Cunha Machado, o coronel Colares Moreira e o dr. Henrique La Roque de Almeida.

— E se perder?

— Trabalhar dobradamente, visto o natural aumento das dificuldades.

— Tem sentido reflexos da crise maranhense no âmbito nacional?

— Sim. Pela primeira vez a liderança democrática no país sentiu necessidade de ser apoiada, pela convicção de que a predominância de escusos processos políticos adotados no Maranhão, seria um exemplo perigoso, pela possibilidade de contaminar a Nação e ameaçar a estrutura do regime. Em outras palavras: a compra, sem protesto, de um candidato ao Senado, seria a liquidação total do sistema de representação.

— E que acha da união nacional?

— Penso que deve ser feita. Mas não pelo método confuso e inverso como está sendo tentada. Todos concordam em que o país acha-se à beira de um colapso econômico e no auge de séria crise social. Alguns se prevalecem assim do rótulo de união nacional para evitar que êsses problemas sejam discutidos no clima de paixão de uma sucessão presidencial disputada por mais de um candidato. Cogita-se de levantar uma represa, um tampão à repercussão dos problemas mas não de solucioná-los. Não acredito em nenhum candidato que não preconize medidas como estas: reforma agrária imediata, nacionalização de todo sistema de energia elétrica do país, monopólio estatal do seguro, nova política cambial proibindo importação de «cadilacs» e outros artigos supérfluos mesmo que sejam comprados no câmbio livre, racionamento de combustíveis, proibição dos bancos estrangeiros operar em depósitos, revisão da taxa de câmbio para remessa de lucros das companhias estrangeiras e outras medidas.





ENRIQUE GUITART: DIPLOMA DE ESQ

REPRESENTANDO «AS MÃOS DE EURÍDICE», EM BUENOS AIRES, «O MAIOR ATOR ESPANHOL DA ATUALIDADE» ★ TAMBÉM EM LISBOA INTERPRETA RODOLFO MAYER A PEÇA DE PEDRO BLOCH

Texto de MARCELO SAVOCCO **Desenhos de BRUVERIS**

(BUENOS AIRES — Março, especial para a «Revista da Semana»).

PEDRO BLOCH VENCENDO FRONTEIRAS



«As Mãos de Eurídice» levaram o talento de Pedro Bloch às platéias de várias partes do mundo, tornando-o um autor que desconhece fronteiras, universalizando-se pelo valor do seu trabalho no teatro brasileiro. A magistral criação de Rodolfo Mayer não só popularizou Pedro Bloch em todo o país, como deu repercussão ao valor do teatrólogo nacional em diferentes latitudes.

Agora mesmo, enquanto Enrique Guitart representa «As Mãos de Eurídice» em Buenos Aires, no Teatro Versailles, Rodolfo Mayer interpreta o mesmo trabalho em Lisboa, recolhendo os aplausos da platéia portuguêsa.

«Esta Noite Choveu Prata» constitui outro sucesso de Pedro Bloch incluído no repertório de Procópio Ferreira, que está recebendo aplausos do público brasileiro em diversas cidades do país. Também João Vilaret está representando a mesma peça em várias cidades de Portugal, programando-a para inúmeros espetáculos em outros centros da Europa. Ainda em Paris vai ser encenada «Os Inimigos não mandam flôres».

NA Espanha se entregou, ùltimamente, à mesma pessoa e pela mesma razão, o «Prêmio Nacional de Interpretação», a «Medalha de Ouro Estraordinária do Círculo de Bellas Artes de Madrid»... e o «diploma de esquizofrênico por tôdas as Universidades espanholas com visto passado pelo Congresso de Neuropsiquiatria que reuniu os 300 maiores especialistas em novembro último.

Enrique Guitart se apresentou numa bela manhã na aula da Faculdade de Medicina da Universidade de São Carlo, onde o insigne professor Vallejo Nájera ia proferir uma estranha lição de psiquiatria sôbre um caso de esquizofrenia do homem moderno. Guitart sentou-se anônimo, entre os alunos dos últimos bancos da parte alta do anfiteatro. Tinha a barba crescida e estava mal vestido.. O professor Nájera advertiu aos presentes que a lição teria momentos singulares. Os alunos se entreolharam maravilhados. Quando o professor iniciou sua aula Enrique Guitart ergueu-se de seu assento:

— Um momento, professor! — gritou êle com a voz alterada. Um momento. Vim aqui para lhe falar.

Um movimento de estupor serpenteou entre os alunos. O professor Nájera ordenou ao estranho personagem que se aproximasse da cátedra. Guitart começou a descer os degraus do anfiteatro. Falava lentamente e em voz baixa. Contava coisas referentes a uma estranha vida do lar. De sua espôsa Dulce que nunca estava em casa e que quando estava se ocupava sòmen-



QUIZOFRÊNICO

te de criticá-lo: — «Gumercindo, faça a barba!... Gumercindo, penteia-te direito... Gumercindo, não jogue a cinza no chão». De seu casamento, das múmias do sogro egiptólogo e filatelista. Das «botas-botas-botas» que sempre o perseguiam. Da fala incessante de sua sogra... com seu «patati-patatá-patati-patatá»... E de Eurídice, cujas mãos pareciam desprendidas da estátua de Vênus. Divina, extraordinária... ardorosa apaixonada da roleta». E assim, Guitart ria, chorava, se ajoelhava, mostrava aos presentes fotografias... uma radiografia... jóias de mulheres.

Era o caso exato do esquizofrênico paranóide, do homem vencido pela vida pelas recordações e pelo remorso. Demonstrava o autismo, a desagregação do pensamento, a ambivalência específica do enfêrmo mental.

Súbito, Guitart se deteve em seu solilóquio como quebrantado pela loucura. Segundos depois perguntou como despertando:

— Onde é que eu estou? Por que estou aqui?

— Está na Faculdade de Medicina de São Carlos — disse-lhe o professor Nájera — tal qual havíamos combinado.

E voltando-se sorridente para os alunos boquiabertos o professor explicou:

— A teoria de que não é possível a perfeita simulação da loucura fica desvirtuada por êste caso, porque o senhor Enrique Guitart demonstrou com sua genial interpretação que é possível imitá-la perfeitamente. Para êle a nossa gratidão.

Uma estrondosa salva de palmas acompanhou a explicação do professor Nájera. Os alunos, hipnotizados por Guitart, só naquele momento se deram conta da ficção de tudo o que haviam presenciado.

Dessa forma Enrique Guitart, além de ter já assentada a fama de grande ator, logrou também o «diploma de esquizofrênico». A obra que, na realidade, êle havia representado era «As mãos de Eurídice», uma comédia em dois atos para um só ator, escrita por Pedro Bloch, cirurgião e eminente escritor brasileiro.

Enrique Guitart, interpretando o personagem de Gumercindo Tavares, o solitário alienado de Pedro Bloch, conseguiu que os refletores se dirigissem exclusivamente para a sua pessoa.

Quando Enrique Guitart decidiu interpretar Gumercindo Tavares na tradução espanhola de Federico Soldevilla, muitos duvidaram do sucesso da obra. Já se conhecia na espanha peças de um só ator, mas o solilóquio do intérprete era ajudado a meúdo por vozes que vinham dos bastidores ou por simuladas conversações telefônicas. No caso de «As mãos de Eurídice» nada disso acontecia. Guitart «Gumercindo Tavares» chegaria ao teatro sem barbear-se, com uma roupa qualquer. Sua maquilagem não seria nenhuma. Abriria a porta de sua casa e ali estariam cenário e público. Êsse público ao qual contaria suas penas, ao qual mostraria as provas do que fôra sua vida e no que se transformara, depois que «as mãos de Eurídice» nela haviam entrado, transformando seu dinheiro em fichas e logo a seguir em nada.

Falaria com os espectadores estufecatos em suas poltronas, percorreria as filas da platéia em busca de alguém que o compreendesse. Despertaria em cada um dos espectadores seu próprio drama, o drama de cada um, o desespêro oculto de cada qual.

E assim foi. Os aplausos estrondosos que seguiram tôdas as representações de Guitart (quase mil!) o arrancaram muitas vêzes de seu camarim, ainda dominado pelo «Gumercindo Tavares».

Gumercindo Tavares correu todos os grandes teatros da Espanha e da África Espanhola e Ilhas. Correu tôdas as aulas universitárias importantes. Na Faculdade de Medicina da Universidade de Zaragoza houve uma conferência a respeito, uma inteira sessão dedicada «As mãos de Eurídice». Um catedrático da Faculdade, o doutor Valentim Pérez Argilés, apresentou «As mãos de Eurídice» como exemplo de uma obra em que não se falsificou o caso apresentado, como tantas vêzes tem ocorrido. A obra correspondia de maneira assombrosa ao caso apresentado. Mais uma vez Guitart representou e mais uma vez os mestres da psiquiatria o aclamaram, conferindo a Pedro Bloch o título de «Acadêmico Correspondente da Real Academia de Medicina». Isto se repetiu em muitas faculdades espanholas e Pedro Bloch se consagrou como o autor mais representado nas universidades e Guitart o maior ator do ano. Um comunicado do Congresso de Neuropsiquiatria que teve lugar na Espanha, em novembro último, reconheceu a Guitart o mérito de poder converter-se em qualquer momento num caso patológico dos mais interessantes. O comunicado diz:

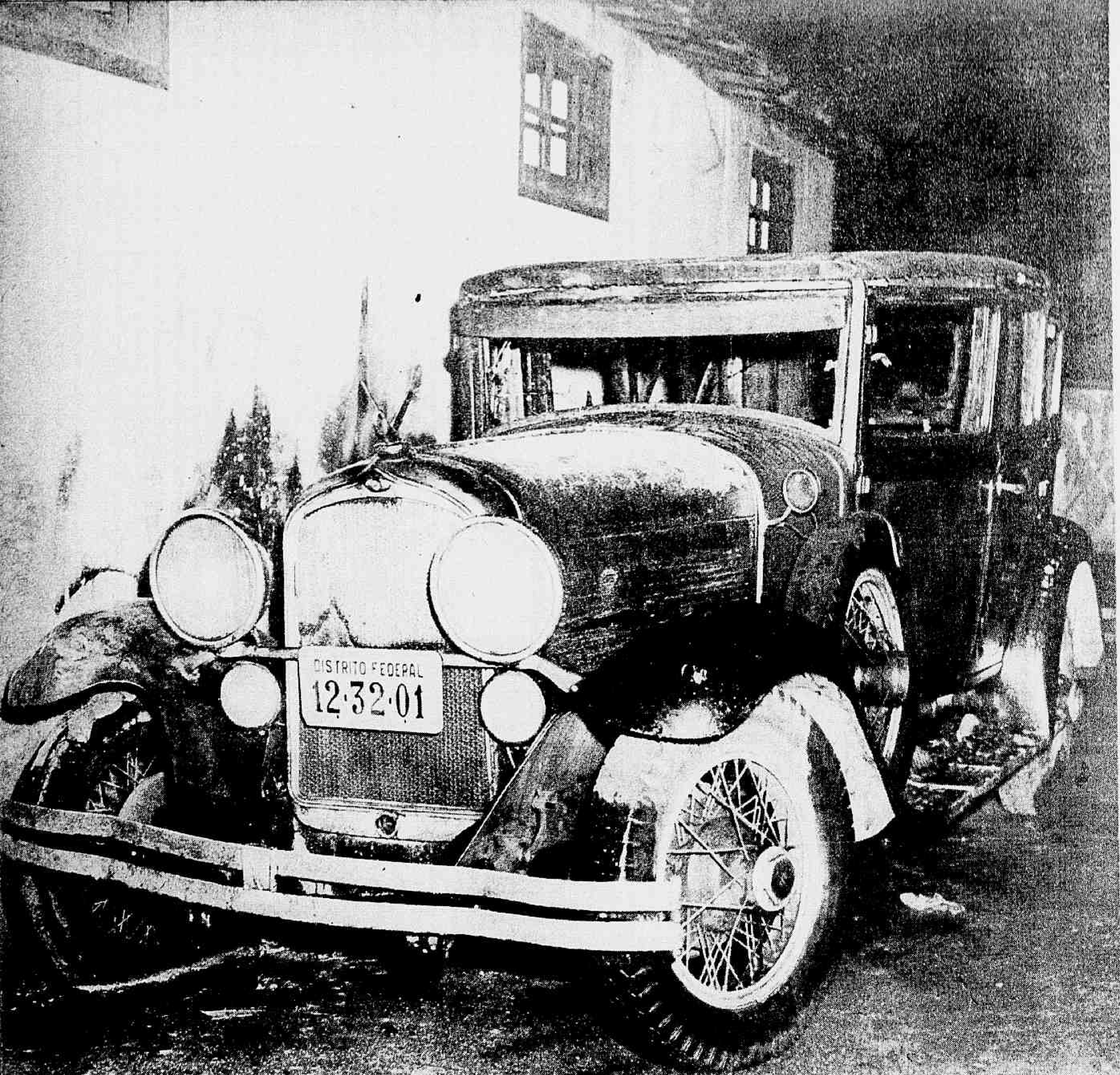
— «O Congresso assistiu a um caso clínico que alcançou momentos de alta qualidade artística psicopatológica. Não se podia pedir mais realismo nem mais exata precisão de tom e de gesto. O tipo clínico está realizado de tal forma que constitui uma página psiquiátrica impressionante mesmo para os próprios professôres que assistem ao Congresso. Com a ajuda de «As mãos de Eurídice» Enrique Guitart cumpriu uma trajetória artística que o tirou de um obscuro pôsto na companhia de Enrique Borrás, depois de ter sido galã na de Margarita Xirgu, ao papel de ator único e imenso. Essas mesmas «mãos» o trouxeram a Buenos Aires. Chegou sem fazer a barba, mal vestido, subiu ao palco e está contando suas penas ao público portenho».



Rodolfo Mayer, o grande criador de «As Mãos de Eurídice», atualmente em Lisboa.



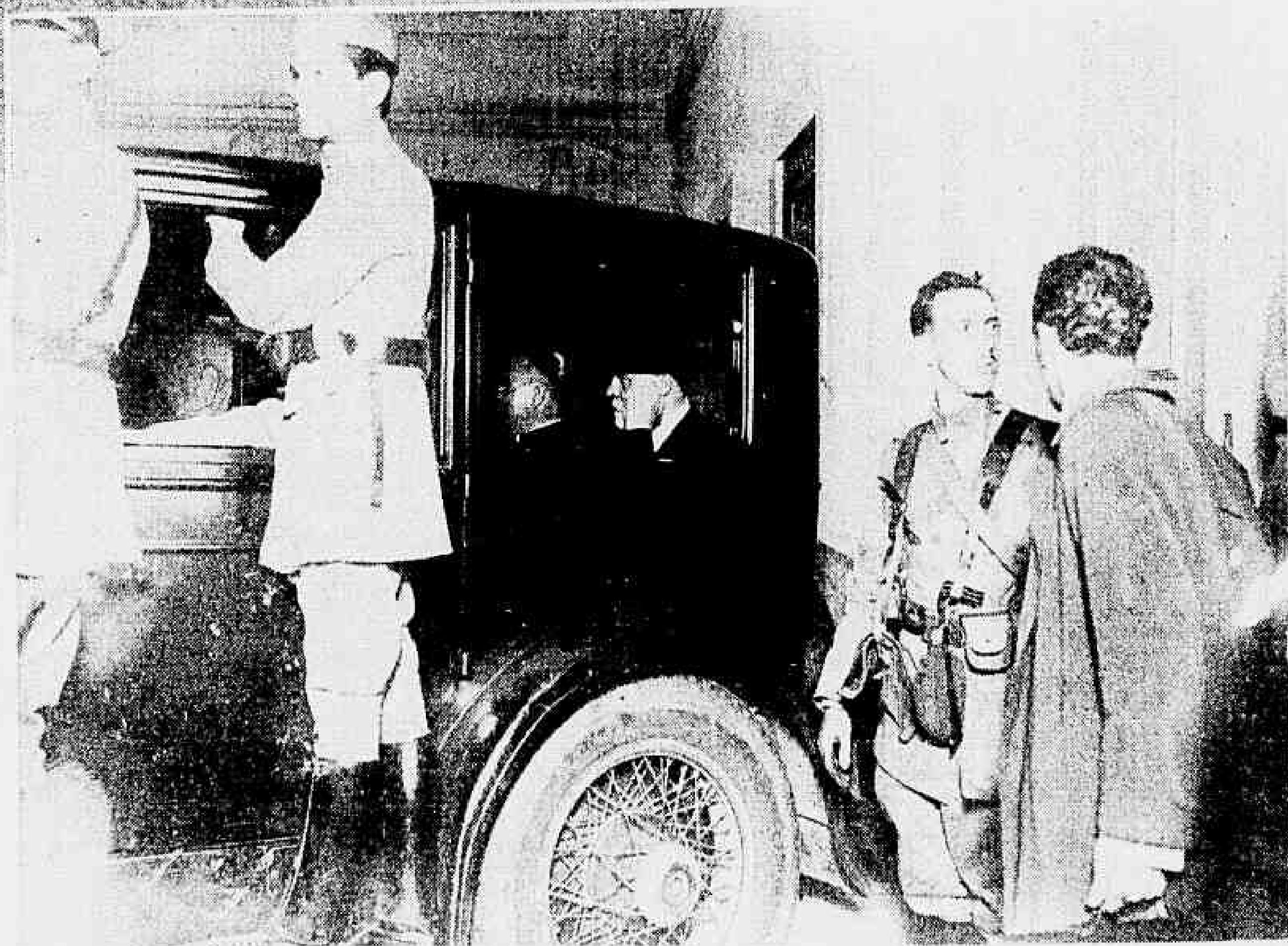
Enrique Guitart, sucesso na mesma peça que está sendo encenada em Buenos Aires.



● Êste automóvel pode ter vivido os seus grandes momentos e ter sido inúmeras vêzes alvo da curiosidade popular e da inveja de muitos poderosos. Mas êle também tem em sua história capítulos tristes, viveu horas amargas. Já teve o seu fausto, mas entrou em decadência e está desprezado numa garage da Avenida Suburbana, onde recentemente quase foi destruído por um incêndio, terminando os seus dias começados em 1929. Êste automóvel «Marmon» (último tipo antes da revolução de 30) serviu ao Presidente Washington Luiz, transportou-o em momentos de glória e de poder e o conduziu, deposto, do Palácio Guanabara, em 1930. Está em poder do sr. Jorge Vilasboas, que não o vende por dinheiro algum, só se desfazendo do veículo para dá-lo de presente ao sr. Washington Luiz, se o ex-presidente assim o desejar. A foto de 1930 é de Arnaldo Vieira e a de agora, do velho «Marmon» incendiado, foi gentilmente cedida pelo «Correio da Manhã».

ÚLTIMO FLASH

Glória e decadência de um automóvel



REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

REVISTA DA SEMANA

ANO 55 — Nº 13 — Rio de Janeiro — 26-3-55

Propriedade da
Companhia Editôra Americana
Diretor-Presidente........................ Gratuliano Brito
Diretor-Comercial........................ Ivan Guimarães
Diretor-Gerente........................ Wenceslau Quintais
Redatores e corretores... S. L. Guimarães, A. Mendes,
S. Sant'Anna e A. Nóbrega
ENDERÊÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .... Cr$ 250,00
Seis meses .... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 280,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 400,00
Seis meses .... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.
Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

A figura em foco



P. C. M.

Muito enjoado
Desiludido
Desencantado
E desmilinguido
Voltando à Itália dos Apeninos
De lá gritou:
— Ai que saudades dos
meus meninos!

FORTUNA

(mal satisfeito com o seu)

APRESENTA

Ofícios



DOADOR DE LUGARES A DAMAS

● Os autênticos profissionais desta especialização cultivam, por dever de ofício, um total desrespeito à emancipação feminina. Nos coletivos, dão seu lugar a qualquer dama, independente de aspecto, idade ou estado civil, expondo-se corajosamente ao ridículo de uma atitude quixotesca, que pode inclusive levar a outras interpretações. Quanto àqueles tipos, que só exercem o ofício em função das qualidades físicas das damas, ou que não cedem pròpriamente o lugar, mas apenas chegam para o lado, fogem à ética profissional e ao espírito de nossa lista. Pois em tais casos, de certa maneira, o ofício trás compensações.



DEIXADOR DISSO

● Caido-do-céu para o adversário que está levando desvantagem, desmancha-prazer para os espectadores presentes, êste profissional tem como obrigação intervir em todo e qualquer pugilato e não, cômodamente, apenas naqueles de eloqüência mútua, em que as partes litigantes revelam pouca disposição para chegar às chamadas vias de fato. Daí ser êste um ofício que rende, quando muito, escoriações generalizadas. Em realidade, não é uma profissão: é um sacerdócio. Mas ao vê-lo assim, tão pomba da paz, fica-nos sempre a secreta impressão de que está dando o exemplo de como se deve proceder quando, por sua vez, êle se encontrar em situação idêntica...



ACHADOR DE GRAÇA

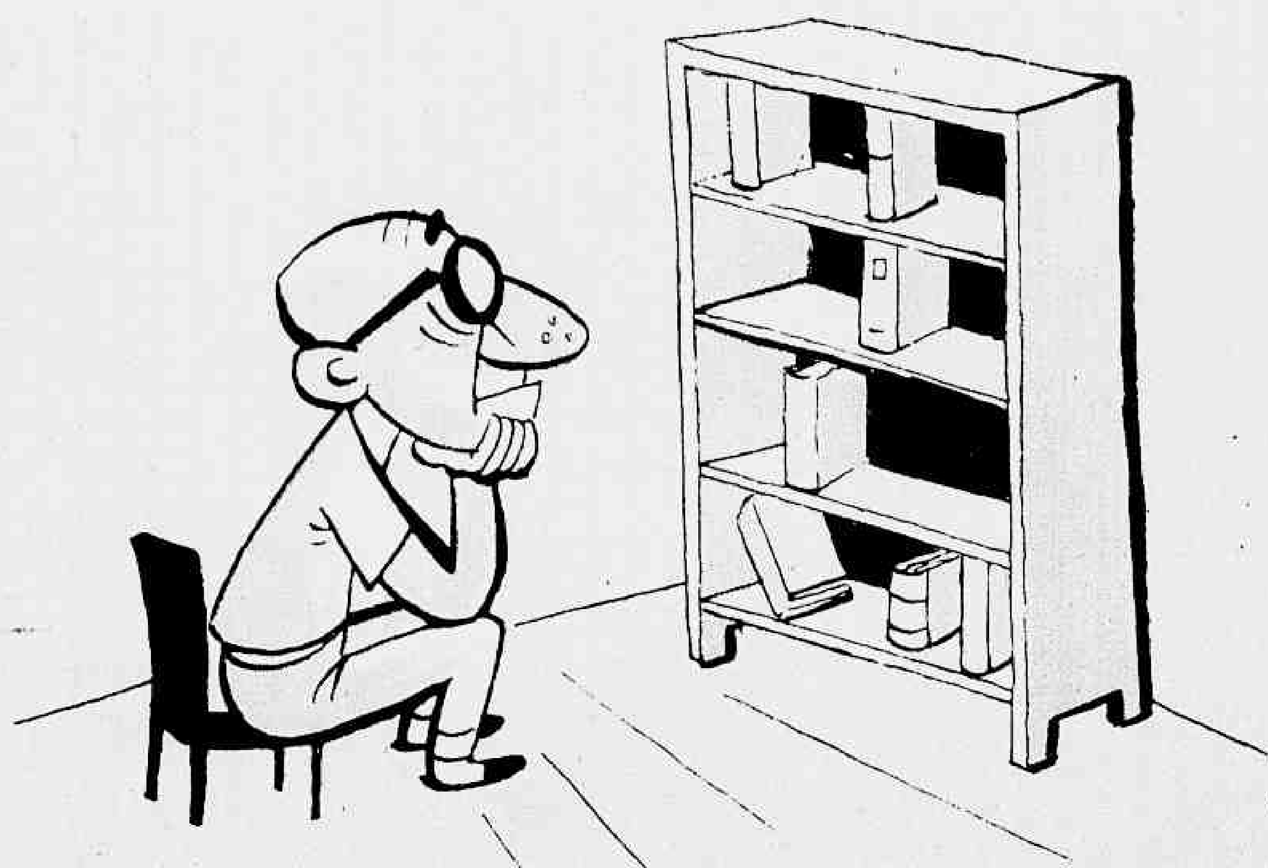
● Êste ofício, como o de modêlo de anúncio de dentifrício, exige bons dentes. O Achador de Graça profissional submete-se a todo e qualquer tipo de história alegre, mantendo um ar risonho de espectativa, que se vai alargando em crescendo durante a narração, até o fim, quando se transforma em sonora gargalhada. O segrêdo do ofício está em saber, mesmo naquelas anedotas de graça imprecisa, o momento exato do desfecho, para então contorcer-se de riso. Nunca antes nem depois. Mesmo que aquela seja milésima audição da mesma piada. Profissão nada lucrativa, é exercida ou por timidez ou educação. Ou por indústria, em caso de piadas do chefe.



ENCORAJADOR AMOROSO

● Tem um pouco de Cirano de Bergerac o Encorajador Amoroso. Incapaz de abordar uma senhorita, por inibição ou complexo, transforma-se numa espécie de apêndice de um «boa pinta» qualquer. Chama a atenção do parceiro para as garôtas que lhe dão bola, dá instrução acêrca do momento psicológico da abordagem, da conversa a ser aplicada, e irrita-se se o rapaz não se mostra interessado. Caso contrário, se segue seus conselhos e é bem sucedido, sorri superiormente. O bom rapaz felicita-se por ter a seu lado amigo tão desinteressado, quando na verdade cada conquista sua, o Encorajador Amoroso a sente como dêle. É a maneira de sublimar a nenhuma remuneração econômica do ofício.

que não rendem



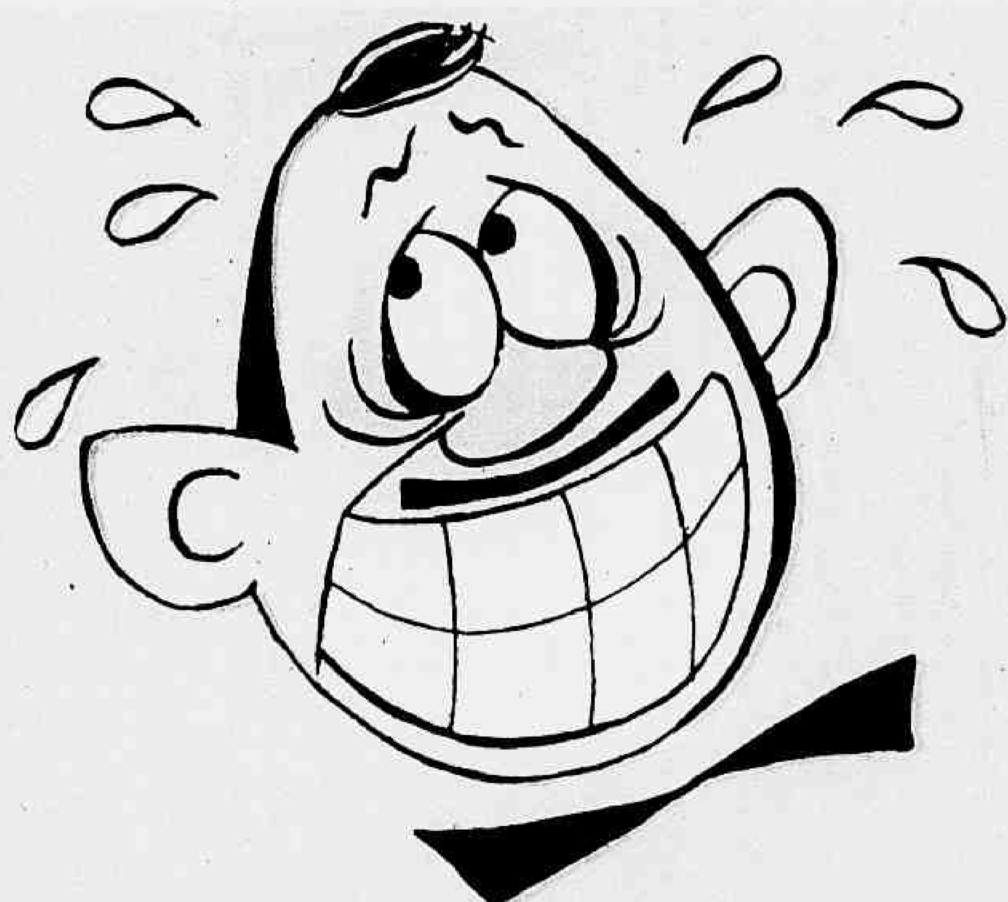
EMPRESTADOR DE LIVROS

● Todo bom Emprestador de Livros sente-se um pouco autor da obra no momento em que a empresta. Os muitos anos de experiência profissional deram-lhe a convicção de que jamais terá de volta à sua estante, os livros emprestados. Mas, para reputação do seu bom nome, há que prosseguir emprestando e exclusivamente as obras primas. É dever do cargo, após entusiasmar-se com determinado livro, insistir com a pessoa mais à mão no sentido de que o leve, para então começar a cobrá-lo periòdicamente, donde a nossa suspeita de que em cada Emprestador de Livros há um turco da prestação irrealizado.



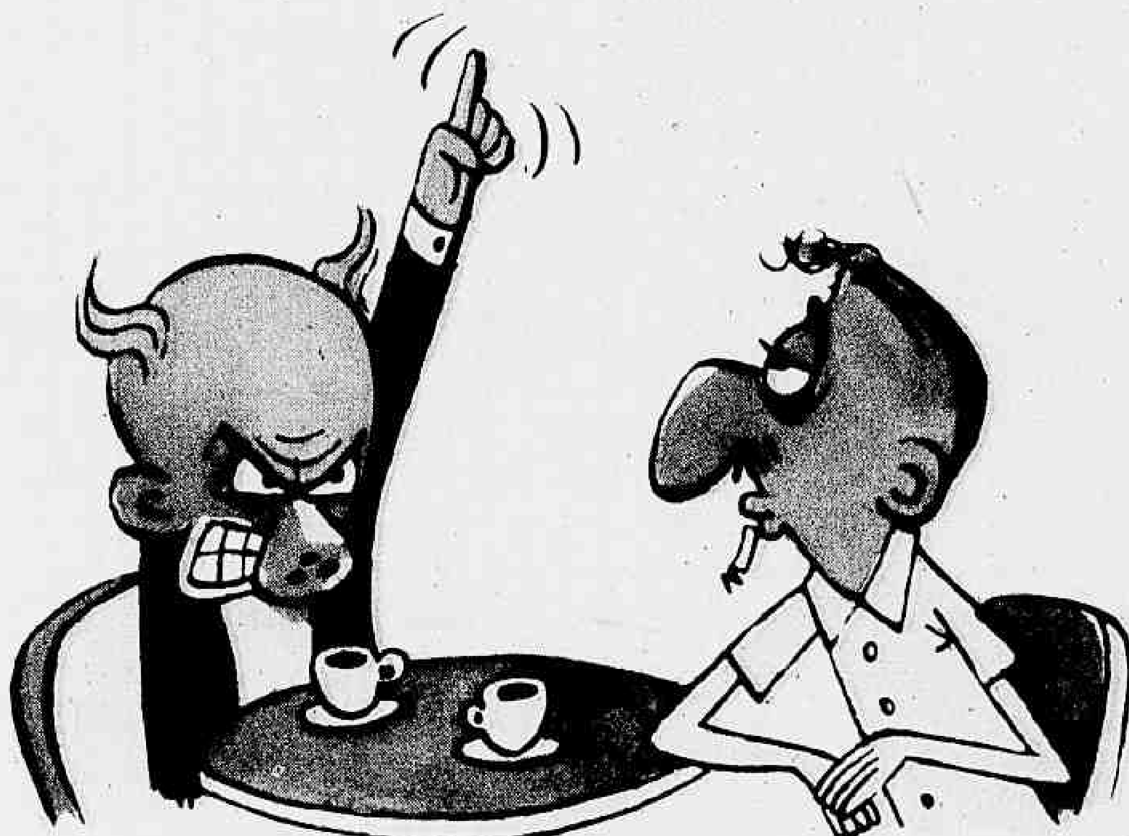
OBSERVADOR DE AVISOS

● Êste é um ofício só exercido por aquêles que amam submeter-se às leis estabelecidas. Donde — é óbvio — nenhum lucro. O Observador de Avisos, entre outras coisas, não fuma no salão de projeção, não pisa na grama, não cospe nos bondes e conserva a sua direita. À primeira vista, êsse estranho comportamento poderia ser atribuido ao receio das penalidades. Mas o que existe é ùnicamente a satisfação de sentir-se dentro da lei, com plena consciência de que, se todos agissem à sua maneira, o país teria mais ordem e progresso. O fim da carreira do Observador de Avisos acontece no dia em que êle atravessa na faixa, com sinal verde. É o que dá olhar apenas para o «siga» e não tomar conhecimento dos motoristas desta praça.



CONSERTADOR DE "GAFFES"

● As «gaffes» — como os «parties» da gente bem — acontecem. Após o momento de consternação geral que se segue, não há outro remédio senão conter o riso que virá inevitável. Mas assim não age o Conservador de «Gaffes», que entende ser obrigação sua contorná-las, justificá-las, disfarçá-las, à revelia do próprio «gaffeur», que preferiria se mudasse de assunto. Pois uma «gaffe» é uma «gaffe» e qualquer tentativa de remendo, por mais bem intencionada, resultará igualmente desastrosa. O Conservador de «Gaffes», incorrigível como o próprio «gaffeur», não desiste do seu piedoso ofício, cuja compensação acaba resultando numa triste parceria, que não interessaria nem mesmo a um discotecário.



SALVADOR DA PA'TRIA

● Ofício inglório, dada a enorme concorrência, é o dos profissionais da salvação nacional, que vêem a verdade no fundo do poço e o Brasil no fundo do abismo. As idéias do Salvador da Pátria, por atingirem altitudes acima da estatura do próprio, permanecem para sempre em estado latente. Donde a sua mágua, a insistência em repetí-las e a má vontade para com as outras, que estão sendo postas em prática, emanadas de Salvadores da Pátria mais bem postos. Altruista e desinteressado, o Salvador da Pátria Letra E, oferece os seus planos a uns e outros, abdicando dos direitos autorais, mas esquecendo-se de que seus ouvintes dos cafés não são os homens em situação de realizá-los. Para isso, teria que ir às buates.

REVISTA DA SEMANA

Documentados em Tambaú:

OS MILAGRES DO PADRE LIMA

